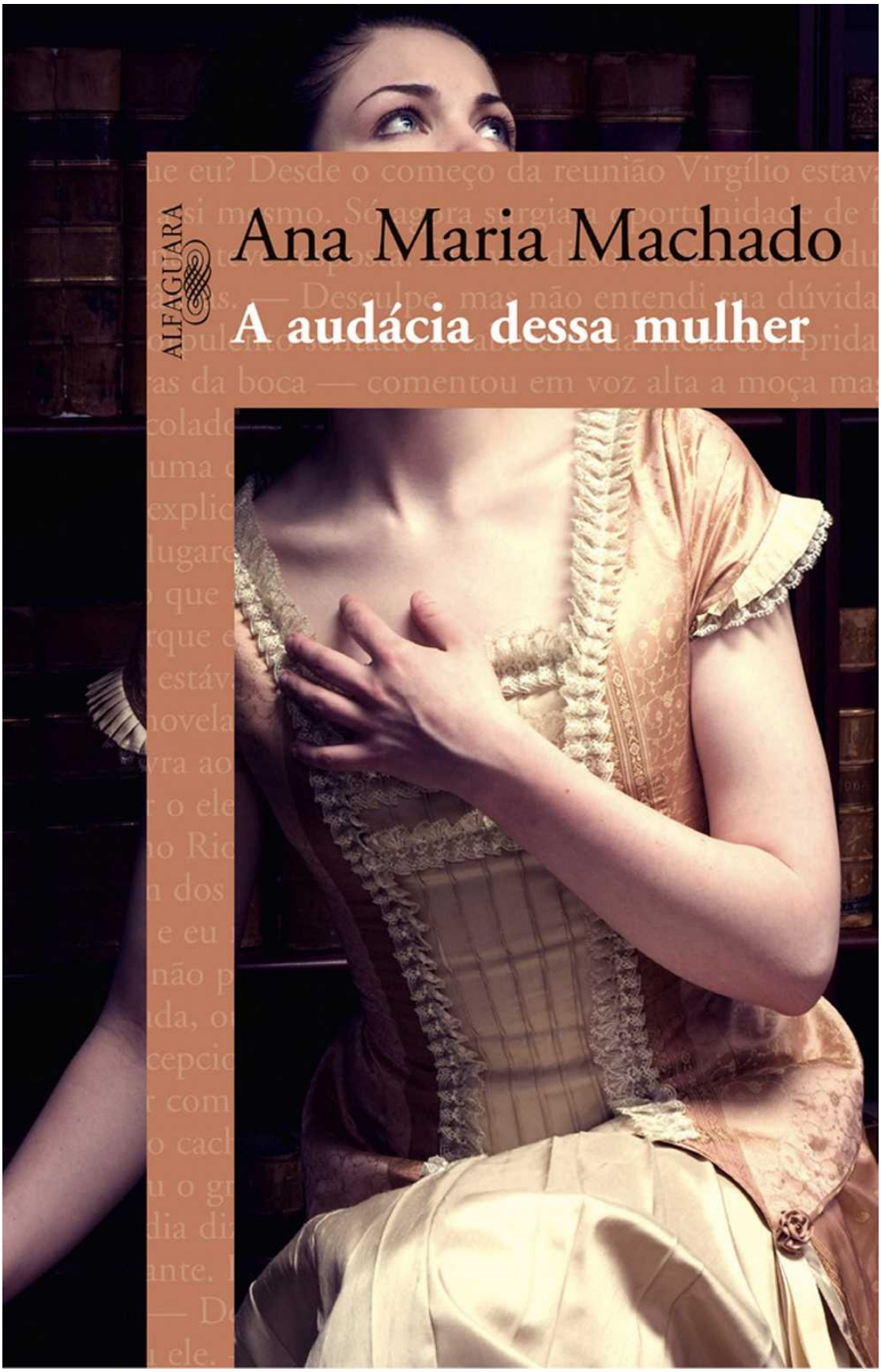
ALFAGUARA

Ana Maria Machado

A audácia dessa mulher




ALFAGUARA
Ana Maria Machado
A audácia dessa mulher

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BIBLIOTECA
DO EXILADO

ALFAGUARA

Ana Maria Machado

A audácia dessa mulher

3ª edição

© 1999 by Ana Maria Machado
Todos os direitos reservados

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Victor Burton

Imagem de capa
Compassionate Eye Foundation / Katie Huisman / Getty Images

Revisão
Fátima Fadel
Joana Milli

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129a

Machado, Ana Maria

A audácia dessa mulher [recurso eletrônico] / Ana Maria Machado. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
142p. ISBN 978-85-7962-114-7 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-7659. CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Um livro é uma garrafa lançada ao mar
com a inscrição "Agarre quem puder".

STENHALL

São necessárias duas ou três gerações
para fazer o que tentei fazer em uma.

THOMAS HARDY, *Judas, o Obscuro*

Por que me trancam de fora do Paraíso?
Acaso terei cantado alto demais?

EMILY DICKINSON

1

— Por que eu?

Desde o começo da reunião Virgílio estava fazendo essa pergunta a si mesmo. Só agora surgia a oportunidade de fazê-la em voz alta. Mas não teve resposta. Em vez disso, desencadeou duas frases quase simultâneas.

— Desculpe, mas não entendi sua dúvida — disse o homem corpulento sentado à cabeceira da mesa comprida.

— Tirou-me as palavras da boca — comentou em voz alta a moça magra de cabelo encaracolado, que chegara ainda mais atrasada do que Virgílio e se sentara numa cadeira extra, num cantinho.

Diante disso, ele achou que convinha explicar melhor:

— Bom, quando eu cheguei, todos já estavam em seus lugares, mas a reunião ainda não tinha começado. Quer dizer, eu acho que não perdi nada. Você se apresentou — o que foi muito bom, porque eu, por exemplo, só o conhecia de nome — e começou a dizer que estávamos todos aqui reunidos para discutir o projeto de uma próxima novela. Falou em prazos, recursos, cronogramas. Depois passou a palavra ao autor, ao diretor, ao pessoal da produção, a quem vai escolher o elenco. Ficamos sabendo que a história se passa no século XIX, no Rio de Janeiro, mas com certeza vai incluir também uma viagem dos personagens à Europa... Enfim, tudo o que nós todos ouvimos e eu não preciso ficar repetindo. Tenho certeza de que prestei atenção e não perdi nada. Mas não consigo deixar de achar que entrei na sala errada, ou vim no dia errado. Apesar de meu nome estar lá fora, com a recepcionista. Quer dizer, por que me chamaram? Eu não tenho nada a ver com isso.

— Nem eu... — acrescentou novamente a moça do cabelo cacheado.

— Você não é o Virgílio de Pádua Toledo? — perguntou o grandalhão, ignorando o comentário dela.

— Exatamente.

— Podia dizer aos outros o que faz?

— Sou cozinheiro e dono de restaurante. Do Marco Polo, na Lagoa.

— E arquiteto de profissão, creio.

— De profissão, de paixão, de maldição, como queira... — confirmou ele.

— Então é você mesmo que nós chamamos.

— Confesso que continuo sem saber por quê. Não vejo em que eu possa me encaixar na produção de um programa de televisão como esse.

Pelas caras dos outros em volta da mesa, Virgílio ia percebendo que a curiosidade não era só sua. Com exceção da moça magra, todos pareciam à vontade ali, em seu ambiente. Eventualmente trocavam comentários em voz baixa, se conheciam. Dava para ver que eram do ramo. Já deviam estar acostumados a trabalhar juntos e não disfarçavam ocasionais olhares meio intrigados em direção a ele e à moça, que nesse momento confirmava com um gesto de cabeça a última frase de Virgílio.

Sorrindo, o homem corpulento que comandava a reunião e se apresentara como José Egídio, diretor daquele núcleo, voltou-se então para ela e disse:

— Pelo jeito, você está com a mesma dúvida.

— Pode ter certeza de que estou.

— Mas primeiro você não quer se apresentar, Bia? — convidou ele.

Meio hesitante, ela começou:

— Meu nome é Beatriz Bueno e eu sou jornalista e... bom, biscateira cultural.

Sorrisinhos.

— E escritora — acrescentou José Egídio. — Autora de livros de viagem de muito sucesso. E de muito boa qualidade, segundo me garante o Muniz, eu ainda não tive oportunidade de ler. Mas como todos os que conhecem o nosso autor aqui presente sabem de seu nível de exigência, não preciso insistir no valor decisivo que uma recomendação dessas teve em minha decisão de convidar você para estar hoje aqui conosco e se juntar a nós neste projeto que estamos começando.

— Para fazer o quê? — perguntou ela, muito direta.

Em vez de responder, José Egídio fez um sinal com a cabeça em direção ao Muniz, enquanto devolvia a pergunta:

— Ele já vai lhes explicar. Mas antes eu gostaria de saber, por curiosidade: para que você acha que foi chamada?

— Imagino que por alguma estratégia nova de divulgação, para fazer uma matéria sobre essa futura série — é série, não? Tenho a impressão de que era o que eu tinha entendido, mas ele acabou de falar em novela e eu fiquei na dúvida.

Os gestos de assentimento em volta da mesa confirmaram que não era uma novela, mas uma série. Só que a moça nem se interrompeu e continuou falando:

— E vou logo dizendo que é um equívoco, eu não tenho a menor condição, não trabalho no segundo caderno e lá no jornal é tudo muito compartimentado.

Eu só escrevo sobre viagens, no caderno de turismo. E nem vou à redação, escrevo em casa ou num hotel quando estou fora, mando o texto pela internet. No fundo, sou só uma colaboradora fixa, não conheço quase ninguém lá, nem dá para pedir uma força numa cobertura...

Hesitou um pouco e acrescentou:

— Além disso, tem uma coisa meio delicada. Eu trabalho para o jornal. Quer dizer, não posso receber de uma empresa ou de um projeto como esse para trabalhar para vocês. Não seria ético, entendem? Eu sei que é supercomum, muita gente faz, hoje em dia todo mundo aceita. Mas eu acho que sou meio antiquada nessas coisas. Não estou querendo julgar ninguém nem criticar colega, mas o caso é que eu não faço isso. Para mim, antes de mais nada, vem o interesse do leitor. Não posso ficar plantando elogios no jornal. Quer dizer, eu acho que isso tudo é um grande mal-entendido.

Voltando-se para Virgílio, José Egídio repetiu a pergunta:

— E você? O que imagina que vamos lhe pedir?

— Não faço a menor ideia. Só se estiverem querendo fazer uma locação no restaurante, ou se houver uma cena de banquete como em *A festa de Babette* e vocês quiserem meus préstimos.

— A ideia não está excluída, mas o Muniz lhes explica melhor.

Olharam todos para o autor, um sujeito de barba branca bem aparada, que passara o tempo quase todo da reunião rabiscando com o lápis numas folhas de papel à sua frente e agora levantava os óculos para o alto da testa e começava a falar:

— Bom, é que eu pensei em trabalhar de uma forma um pouco diferente desta vez. Além do pessoal da pesquisa e dos meus assistentes na pedreira diária de escrever os capítulos (um tremendo trabalho braçal, como ninguém aqui ignora), achei que era bom ter um contato regular, provavelmente uma vez por semana, com uma espécie de consultoria bem informal, e foi por isso que sugeri os nomes de vocês. Antes de mais nada, eu queria alguém com sensibilidade para a linguagem, gente que estivesse acostumada a escrever, e vocês dois já publicaram livros.

— Livro de receitas também conta? — brincou Virgílio.

— Você sabe tão bem quanto seus leitores que escreveu uma obra que é muito mais que um simples livro de receitas. É uma conversa deliciosa sobre os prazeres da mesa, uma viagem pelos sentidos... Uma obra que nos transporta sensorialmente a um universo tentador.

— Obrigado.

— Não tem o que agradecer, é isso mesmo. Além do mais, lendo seu livro eu pude ver que, além de gostar de cozinhar, você conhece muito bem o final do século XIX e a virada deste século. Sabe o que se comia na época, como as pessoas moravam, como era a cidade, o jeito das casas por dentro...

— Bom... trabalhei um tempo para o Serviço do Patrimônio, tive que conhecer.

— Exatamente. Juntando essas duas coisas, já deve estar dando para entender perfeitamente como você pode nos ajudar.

Apontou para o bigodudo sentado do outro lado da mesa e prosseguiu:

— O Ribamar ali é macaco velho, já dirigiu todo tipo de história, passada em tudo que é cenário e momento. A gente conversou muito, eu estava cheio de dúvidas para escrever um texto com uma história acontecida antigamente, num tempo que eu não vivi. Ele me deu uns toques bons, falou na importância dos detalhes pequenos e do clima geral, uma coisa que passe uma verdade. Eu nunca escrevi uma novela de época...

"Mas afinal, é novela ou série?", pensou Virgílio sem interromper, enquanto Muniz prosseguia.

— ... e fiquei achando que além da pesquisa mais formal, cheia de dados concretos, que o próprio pessoal da casa vai me trazer, pode ser muito útil contar com um molho extra, digamos assim. Por isso, para criar essa atmosfera mais total, seria muito bom se você fizesse parte da equipe e nós pudéssemos de vez em quando ter uns encontros, trocar ideias, e discutir essas coisas.

— Quer dizer que vocês me querem então para uma consultoria de casa e comida?

— De certo modo, mas não só isso... Depois explico melhor a outra ideia. Porque ela está ligada também ao que a gente espera da Bia, que, aliás, não tem nada a ver com divulgação, fique tranquila — acrescentou ele, virando-se para ela, no que foi acompanhado pelos olhares de todos os que se reuniam em volta da mesa. — Ninguém vai lhe criar problemas éticos, nem de dupla lealdade... Mas achei uma maravilha você ter levantado essa questão.

Fez uma pausa, levantou-se ligeiramente, puxou para perto a bandeja com a garrafa térmica, serviu-se de café num minúsculo copinho de plástico, pingou duas gotas de adoçante. Enquanto vários outros copinhos foram também se enchendo e começando a circular de mão em mão em volta da mesa, Muniz mexeu com um bastãozinho de plástico o líquido escuro e fumegante e prosseguiu, voltado para a moça:

— Aliás, Bia, como eu estava dizendo, só o fato de você ter levantado essa

questão já mostra o acerto de minha escolha. Porque a inclusão do Virgílio é mais óbvia, ele quase pode ser classificado como um especialista numa equipe de consultores. Com você é diferente, tudo mais vago, difícil até de explicar. Mas eu tenho certeza de que sua presença é justamente o que eu queria e vai ser uma contribuição valiosíssima para todos nós que vamos trabalhar na série.

Bia deu o primeiro gole no café que acabara de receber e quase pelou o céu da boca, de tão quente que estava. Preferia que não estivesse todo mundo olhando para ela. Tinha vindo só para ver o que era, certa de que não ia poder fazer nada. Agora estava curiosa e agradavelmente surpreendida. Esse Muniz era um sujeito interessante, o tal Virgílio também tinha um certo charme. E qualquer tipo de consultoria num projeto desses podia render uma graninha muito bem-vinda para consertar aquele maldito vazamento no banheiro, de que a vizinha de baixo reclamava havia duas semanas. Olhou em volta, deu um sorriso meio constrangido. Muniz continuou:

— Eu já era seu leitor no jornal há algum tempo, Bia, como muitos outros aqui, mas só recentemente comecei a ver com outros olhos o que você escreve. Foi a partir de uma crônica sua, há uns dois meses, sobre viajar no tempo. Em linhas gerais, você defendia a ideia de que todo deslocamento no espaço para uma cultura diferente é também uma viagem para outro momento, outra época, outros tempos possíveis... Achei muito interessante.

— Obrigada, mas não chego a acreditar que só porque eu fui a Viena ou a Paris e tenha escrito umas crônicas de viagem, isso me habilite a dar uma consultoria sobre a virada do século XIX para o XX... — interrompeu ela.

— Também não acho. E se fosse só por isso, não a teria indicado. O que me interessou primeiro foi que você me fez pensar qualquer viagem de um ângulo novo. E me convenceu, com um texto que... bem, me transportou. Me fez viajar, digamos. O mínimo que se pode esperar de quem escolhe escrever sobre um tema desses. Mas coisa que raramente se encontra por aí. Fui procurar seu livro, descobri que eram dois. Um sobre viajar sozinha, muito divertido. Outro que desmente o primeiro, de certo modo, porque é sobre nunca conseguir viajar sozinha. A opinião da Bia, para quem não leu e está curioso, é que no fundo ninguém viaja sozinho, porque a gente está sempre em companhia de autores e outros artistas, dos livros, filmes, quadros e músicas que estão sempre conosco, enfim, dos mitos culturais que povoam nossa memória.

Deu um gole final no café e concluiu:

— Seu livro me fez pensar, Bia. Deu vontade de ter você por perto para trocar ideias. Achei que podia ser muito útil se você pudesse nos ajudar a ver o

passado com esses olhos de viajante.

“Meio vago”, pensou ela. Mas não disse nada. Percebia que estava querendo fazer parte daquela equipe, tinha curiosidade em conhecer aquela realidade nova, entrar nos bastidores da televisão. Para não falar na tentação do pagamento. Não ia contra-argumentar e correr o risco de ser cortada do projeto.

— Só não entendi o que você disse antes — lembrou Ribamar. — Aquela história de que ela levantou uma questão importante para confirmar sua escolha, quando disse que só escreve sobre turismo.

— Não foi bem isso — esclareceu Muniz. — O que ela trouxe à discussão foi um ponto de vista ético, que não deixa de ter relação com o nosso tema. Ela disse que, trabalhando no jornal, não pode ser contratada por alguém para elogiar algo nesse mesmo jornal. Não disse exatamente por quê, mas deixou implícito: sua opinião crítica tem que ficar independente, só tem compromisso com o leitor, não pode servir a dois senhores. Não pode ter dupla lealdade. Em outras palavras, não deve quebrar a fidelidade aos leitores. E isso tem tudo a ver com um tema que a novela vai discutir, e de que ainda não falamos.

Circulando o olhar por todos os que ali estavam, Muniz concluiu, meio bombástico:

— Porque, senhores, como todos poderão ver em seguida quando receberem a sinopse, a fidelidade vai ser um de nossos temas. Quer dizer, esta será uma história sobre o ciúme.

Houve uma expectativa geral de que ele dissesse mais, mas não disse. Quem falou foi José Egídio:

— Então, esperando que vocês dois realmente possam se juntar a nós, eu pediria que ficassem aqui mais um instante quando sairmos, porque o Hugo, meu assistente, vai conversar com vocês sobre remuneração, e discutir as nossas necessidades em termos de horários ou disponibilidade. E seria bom que, em seguida, fossem logo se entender com a dona Belmira, aí na saleta de entrada, sobre os detalhes burocráticos da documentação, para que ela possa encaminhá-los aos departamentos competentes.

Levantou-se, todos foram fazendo o mesmo, mas Muniz interrompeu:

— Só mais uma coisinha que acaba de me ocorrer e eu gostaria de registrar. Acho que pode ser um contraponto muito interessante ter vocês dois conosco. Não só porque podem nos ajudar com o fim do século XIX, mas também porque, de certo modo, os dois encarnam muito bem este fim do século XX. Não sei se todo mundo reparou, mas é muito divertido ter esta oportunidade. Vamos contemplar uma época, afinal de contas, não tão distante (talvez nossos bisavós

ou os pais deles tenham vivido nela), numa cidade que todos conhecemos porque moramos aqui, e apesar de toda essa proximidade podemos constatar que, embora a paisagem urbana da época tenha se transformado muito, o que realmente mudou mais fomos nós, as pessoas que aqui vivemos. E o Virgílio e a Bia representam isso melhor do que ninguém.

Deu um sorriso e explicou:

— Um homem que adora ficar na cozinha e uma mulher que gosta de viajar sozinha... Não é só uma rima. É, isso sim, um sinal dos tempos. Papéis trocados. Duas ideias impensáveis no século XIX. Uma contribuição de nosso século para a história da humanidade.

2

Perdoe-nos a amável leitora ou o gentil leitor, mas as convenções que regem a feitura de um romance em nossa época diferem grandemente das vigentes no século XIX, que permitiam a um narrador externo, no momento da escrita, esta conversa direta com quem iria passar os olhos pela futura página impressa. Essas coisas que o linguista Roman Jakobson mais tarde chamaria de função fática da linguagem, que serve apenas para manter o contato e frisar: "sim, não adianta fingir, somos pessoas nos comunicando e sabemos disso." Como o *alô* que se dá ao atender ao telefone, ou o cacoete do professor que fica repetindo *'tão entendendo?* Depois que os romancistas ingleses do século XVIII descobriram essa possibilidade sedutora e difícil, dando ocasionais piscadelas ao leitor, ela virou moda e mania e foi usada à exaustão. Raramente com o viço irreverente empregado por Sterne e Fielding quando a criaram, é bom lembrar. Mas a posterior tendência a transformar esse recurso em clichê não impediu que aqui mesmo, nesta cidade, Machado de Assis elevasse esse procedimento à categoria de obra-prima, transformando-o num dos traços mais típicos e deliciosos de seu estilo.

Só que hoje, um século depois, não dá mais. O lembrete foi apenas um lampejo de viagem no tempo, ao gosto de Bia e no espírito da novela (ou série). Uma espécie de contribuição para a tal atmosfera que o Muniz diz estar procurando. Mas a história continua mesmo é com uma roupagem mais atual, uma convenção tão rígida quanto as de épocas anteriores — agora, trata-se da regra não escrita que exige coerência. E que, embora admita e encoraje que a narrativa se faça toda em aparente caos a partir de um ponto de vista interno, o da consciência de um personagem, não gosta de misturas. Considera que um livro que começou com um narrador impessoal não pode de repente trazer essas intromissões em primeira pessoa. Ainda mais quando não fica claro se quem está falando é o autor (ou a autora, que audácia!), um narrador não identificado, ou um dos personagens. Dá um certo mal-estar que não pega bem. Como, aliás, essa própria expressão, *pegar bem.* Fica uma espécie de interferência de uma linguagem quotidiana vulgar, quase de chavão, para a qual os puristas torcem o nariz. Embora jamais admitam que estão se portando como puristas. Ou mesmo que tenham um nariz a meter onde não são chamados.

Melhor, portanto, retomar a objetividade de uma câmera que se limita apenas a mostrar o que ocorre. Para quem acredita nisso.

CENA 2: PISTA DE PEDESTRES/CICLOVIA DA LAGOA. MANHÃ DE SOL.

Tomada geral da paisagem, acompanhando o voo de uma garça. Alguma vegetação em primeiro plano (folhas do manguezal, se possível passando para as flores roxas dos aguapés), acentuando por contraste o espelho-d'água e a linha de montanhas, ao fundo, com o Corcovado contra o céu.

Som de canto de pássaros, entremeado com ruído de tráfego, mais o de veículos passando em velocidade do que barulho de buzinas. Sobre esse fundo sonoro, aproximam-se passos ritmados, num crescendo.

Um homem entra no foco visual, caminhando da direita para a esquerda. Meio gordo, careca, suando muito, vestido com camiseta e bermuda, calçando tênis e meias esticadas até a metade da canela. A câmera o segue meio de longe, por poucos metros, até um ponto onde a pista se alarga (pode ser quase em frente ao Caiçaras) e ele passa por outro homem, mais magro, de short, meias mais curtas, faixa na testa, fazendo exercícios de alongamento. Como nove entre dez olhares femininos, também a câmera vai preferir se concentrar neste segundo homem (pronto, olhe aí outra intromissão que não se permite e fica só pelo prazer fugaz do instante da escrita, porque vai ter que ser cortada depois). Cabelos castanhos cheios de fios brancos, um tanto despenteados pelo vento, entradas pronunciadas, a caminho da calvície. Barba por fazer, rosto marcado por algumas rugas, barriguinha incipiente embora nítida, ombros de boa largura, coxas sólidas e enxutas, pernas ainda sem varizes. Um evidente quarentão tentando manter a forma. Passa uma moça correndo, ele a olha com o rabo dos olhos (castanhos, de tamanho regular, sob sobrancelhas espessas que quase se juntam), continua seus exercícios. Depois para, consulta o relógio, espera um pouco, ajusta o cronômetro e parte, em sentido contrário ao do gordo que viera antes. Anda firme, ligeiro, passos grandes, olhando fixo para a frente.

Ao longe, vindo em direção a ele, aproxima-se uma moça magra, de cabelos cacheados, também vestida para caminhar. Passos também bem largos, mas menos velocidade. E olhar menos concentrado. Observa um peixe que pula, dois patos que pousam. Cumprimenta alguém com quem cruza. E quando se aproxima do homem, ainda antes de alcançá-lo, acena e abre um largo sorriso.

Ele acena, sorri de volta e perde o ritmo do passo, como quem hesita se para ou não. Resolve prosseguir, mas diz alguma coisa.

VIRGÍLIO: Oi, tudo bem?

BIA: Tudo bem...

Num instante, já se cruzaram e seguiram em direções opostas. Ele se vira para olhá-la, sem parar de andar. Ela também está olhando para ele, mas parada. E quando recomeça, é quase correndo, em direção a ele.

BIA: Oi, desculpe, posso ir com você? Te atrapalha se eu for andando junto?

VIRGÍLIO: Claro que sim, quer dizer... claro que não. *(ri)* Quer dizer, claro que pode, claro que não atrapalha. *(ela ri também)* Eu até estava querendo falar com você, quase parei.

BIA: E por que não parou?

VIRGÍLIO: Não sabia se ia te atrapalhar... *(novos risos)* E também para não perder o pique. Eu gosto de marcar o tempo que levo para percorrer uma certa distância, hesitei um pouco em interromper. Bobagem...

BIA: Estou andando devagar demais? Não quero interferir, puxa, é muito chato, eu adoro andar sozinha, pensando, não quero agora cortar a sua...

VIRGÍLIO: Não, não atrapalha, eu já disse. E você está andando num ritmo bom...

Caminham um pouco em silêncio. Passam ao lado de uma árvore cor-de-rosa:

BIA: Essa paineira está uma beleza, assim toda florida...

VIRGÍLIO: É... A Lagoa anda bem-cuidada ultimamente.

BIA: E linda.

VIRGÍLIO: Você costuma caminhar por aqui? É que eu ando todo dia, à mesma hora, e nunca te vi.

BIA: Antes você não me conhecia.

VIRGÍLIO: Mas pode ter certeza de que não precisava te conhecer para reparar.

Bia: Obrigada. Mas eu não venho sempre. Quer dizer, eu ando todo dia, mas cada dia numa hora. E num lugar.

Virgílio: Como assim?

Bia: Primeiro, eu acho que é porque eu não sou mesmo uma pessoa metódica. Depois, você sabe, eu viajo muito, e em qualquer lugar aonde eu vou, procuro andar uma hora, mas não me ligo muito em rotina. Vai ver, acostumei com uma certa variedade. Além disso, eu acho que uma das maiores vantagens de morar no Leblon é poder acordar de manhã e resolver: onde vou andar? Será que hoje eu vou escolher caminhar em volta da Lagoa, no Jardim Botânico ou no calçadão, olhando o mar? Já pensou que tem gente que anda em esteirinha dentro de academia, contemplando paredes, aparelhos e ginastas? Eu não, Deus me livre. Não abro mão deste luxo carioca.

Virgílio: Imagino que esse seja um bom exemplo dos tais olhos viajantes de que o Muniz falou outro dia.

Bia: Sei lá... Mas posso garantir que é um bom exemplo do meu jeito. Aliás, o que é que você estava querendo falar comigo? É sobre a sinopse?

Virgílio: Não. Confesso que ainda não tive tempo de ler.

Bia: Não perdeu grande coisa. Casal se apaixona e se casa, vive aparentemente muito bem, convivendo muito de perto com um grande amigo dele. Aos poucos o marido vai sendo levado a desconfiar da mulher, transformando em indícios de traição todos os pequenos acontecimentos do quotidiano. Nada de muito original. Já vi esse filme...

Virgílio: *Otelo?*

Bia: Ou *Dom Casmurro.* Na televisão eles não vão ter peito de partir para a tragédia. E sem tragédia, *Otelo* não é *Otelo.*

Virgílio: E o amigo?

Bia: O que é que tem o amigo?

Virgílio: É um amigo que induz o marido ao ciúme, como no caso de *Otelo*? Ou é um amigo que acaba amante da mulher do outro, como em *Dom Casmurro*?

Bia: Para um cozinheiro, você até que conhece literatura...

Virgílio: Conhecer esses dois é elementar. Você é que surpreende. Para uma turista, até que está muito à vontade para falar de tragédia.

Bia: Antes do turismo (que, aliás, é viagem e não turismo...), fui professora: de português e literatura.

Ele olha uma marcação pintada na pista, consulta o relógio.

Virgílio: Costumo voltar daqui. Pode ser?

Bia: Claro, você é quem manda, eu estou só pegando uma carona, já tinha andado uns quarenta minutos antes...

Virgílio: Para uma professora de português, até que está em ótima forma física...

Bia: Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas, pelo jeito, você tem uma certa tendência a aceitar estereótipos e repetir ideias feitas...

Virgílio: Não precisa agredir.

Bia: Não estou agredindo. Estou só comentando, porque fiquei pensando no que você falou sobre o *Dom Casmurro.* Fiquei meio impressionada com a tranquilidade com que você diz que a Capitu traiu Bentinho com o melhor amigo dele.

Virgílio: Espere aí! Não sou eu quem diz isso. Está no livro. Quem disse foi o Machado de Assis. Se não gosta, vá reclamar com o autor.

Bia *(veemente)*: Nunca! Ele jamais afirma uma coisa dessas! O que o Machado conta é como o Bentinho *achava* isso... É só uma versão, e de uma parte interessada. Não há um único elemento de certeza, só desconfianças... Daí que até hoje as pessoas discutem essa questão: às vezes demais, para o meu gosto. Traiu? Não traiu? Não tem a menor importância. O importante é ver como o Bentinho desconfia que ela traiu e depois passa a ter certeza. E é ele quem conta a história, assumidamente em primeira pessoa, e vai passando magistralmente suas impressões para o leitor, como se fossem fatos. Mas a gente só tem a versão dele. Ninguém garante que é verdade. E você acreditou.

Virgílio: Está bem, calma... não precisa ficar assim. Vai ver, é isso mesmo. Eu nunca tinha pensado muito nessa história. Li o livro, gostei, acreditei. Pronto! Não é crime...

Andam algum tempo em silêncio. De repente, ela aponta para um quiosque mais adiante.

BIA: Vamos tomar uma água de coco?

VIRGÍLIO: Agora?

BIA: É... Estou com sede...

VIRGÍLIO: Eu não gosto de interromper a caminhada. Eu marco tempo, sabe, controlo a velocidade...

BIA: Então tudo bem, até outro dia. Eu vou ficando. Já está mesmo na minha hora.

Ela para. Dá um tchau com a mão, ele prossegue, meio hesitante. Ela entrega o dinheiro ao vendedor, recebe dois cocos, põe dois canudinhos dentro de cada um. Passa um deles para um menino descalço que zanzava em volta da barraquinha, começa a tomar a água do outro, enquanto Virgílio se afasta. De repente, se interrompe.

BIA: Essa não! Ele acabou não dizendo o que queria falar comigo.

MENINO: Quer que eu vá chamar o cara, tia?

BIA: Não, pode deixar. Outro dia eu pergunto.

(Corte.)

3

— Está tudo errado! Você não pode escrever uma cena dessas. Parece filme europeu. É uma eternidade de conversa. Ninguém aguenta tanto diálogo. Cadê a ação? Cinema e televisão são visuais, precisam mostrar. O espectador tem que ver o que está acontecendo, não pode ficar só ouvindo conversa. Esse blá-blá-blá todo é insuportável.

O rapaz ficou meio sem jeito. Muniz não estava sendo exatamente agressivo, mas falava de um modo muito veemente, como se estivesse se dirigindo a um ignorante. E não parava:

— E tem mais, Juliano: quando é que você vai aprender que naquele tempo não tinha essas coisas? Eu ainda ontem estava repetindo isso para o Peçanha pela enésima vez. Mas parece que vocês não entendem. Vocês nunca leram Eça? Machado? Flaubert? Tolstoi? Balzac? Dickens? Aquelas inglesas todas? No século XIX não era igual a hoje. Uma jovem solteira não podia ficar tanto tempo conversando sozinha com um homem que não fosse de sua família. No máximo, trocavam algumas frases. Tudo isso recomenda, insiste, berra sobre a necessidade de seguir a orientação que eu já tinha dado: Economia na Cena! Pelo amor de Deus!

Da porta, Bia ouvia a espinafração de Muniz e não sabia como agir. Percebera que estava sendo indiscreta, aquela conversa não era para seus ouvidos. Não fora vista. Talvez o melhor fosse recuar em silêncio, ficar um tempo no corredor, esperando um momento melhor para entrar. Lá embaixo, a recepcionista tinha dito que ela podia subir, estava sendo esperada. Mas sua entrada a essa altura seria constrangedora para o coitado do rapaz que ouvia o estouro do outro e agora se defendia:

— Desculpe, Muniz, está certo, eu errei a dose. Mas você falou que era para eu me soltar, não me preocupar em cortar num primeiro momento, depois a gente cuidava disso. E disse para eu já começar a apresentar os personagens, então achei que se eles falassem um pouco, iam se revelando em algumas coisas...

— Não dá para apresentar sem tanto falatório? E num lugar mais viável para a época? Esse Jardim Público não convence. Pode ser na missa, por exemplo. Taí, pode-se fazer uma bela cena de encontro e descoberta numa missa no

outeiro da Glória, é uma ideia... Com olhares, meios sorrisos. Um gesto dela, ajeitando o penteado — um cachinho solto na nuca dá um grande *close* — e olhando para ele num banco de trás, do outro lado da nave. Um gesto dele, cumprimentando de leve com a cabeça. Na saída, no adro da igreja, com a baía de Guanabara ao fundo, uma beleza!, ela o vê de novo, fica perturbada, se atrapalha, deixa o leque ou o missal escorregar das mãos, espalhando no chão um monte de santinhos guardados dentro... Pronto, ele vem, diz algumas palavras amáveis à mãe dela, ajuda a recolher tudo, se apresenta, a mãe reconhece que se trata do sobrinho de d. Leopoldina que acabou de voltar de Coimbra, moram na mesma rua... e o rapaz as acompanha até a porta de casa.

Escuridão. As mãos de alguém taparam os olhos de Bia. E logo uma voz brincalhona, bem perto do ouvido, abafou o diálogo que continuava dentro da sala:

— Não pensei que você gostasse tanto de ouvir conversa dos outros... Ficar se escondendo junto da porta entreaberta... Francamente...

— Não é nada disso, Virgílio! — exclamou ela, sem graça, segurando as mãos dele e as tirando de seu rosto.

Sem deixar que ela soltasse suas mãos, ele perguntou, com um sorriso divertido:

— Como é que você sabia que era eu? Estava pensando em mim?

— Conheci sua voz... Além disso, eu tinha visto você entrando no prédio. E a moça lá embaixo disse que você tinha subido. Pensei que já estava na sala.

— Então achou que era eu e parou aqui para ouvir minha conversa? Quanta honra! Mas eu não vim direto. Encontrei no elevador um amigo que trabalha no quarto andar e fomos tomar um cafezinho antes. Vamos entrar?

— Não sei se a gente deve... — explicou ela. — O Muniz estava dando a maior bronca em alguém lá dentro, eu não quis interromper, fiquei meio sem jeito.

Ele mudou o tom. Bem decidido, deixou a moça para trás e antes de entrar com passos firmes na sala, só disse rapidamente para ela:

— Não suporto bronca. Vou interromper.

Mas a cena constrangedora no interior da sala já tinha terminado. Muniz e o rapaz estavam dando risadas, enquanto juntavam uns papéis em cima da mesa.

— De relógio de pulso... — repetia Muniz rindo. — As capas esvoaçando, as espadas se batendo numa tremenda luta de esgrima, e de vez em quando aparecia o relógio bem visível no pulso dele... E ninguém viu, cara, só quando distribuíram o filme...

Nesse instante, percebeu Virgílio e Bia na sala, cumprimentou, de ótimo humor. Sentaram-se em volta de uma mesa pequena. Juliano se despediu, já estava de saída. Começaram então uma conversa meio genérica sobre locações e cenários. Virgílio fez várias sugestões, tinha trazido uma lista de lugares da cidade que mantinham prédios do tempo do Império e podiam ser aproveitados. Muniz explicou que, em geral, essas gravações externas eram muito complicadas, era preferível recorrer a uma cidade cenográfica e trabalhar em estúdio, facilitava muito as coisas. Mas a lista de prédios era importante para servir de modelo, valia a pena que ele entrasse em contato com o pessoal da cenografia. Depois passaram a comentar a sinopse, Virgílio confessou que ele e Bia achavam que talvez a situação básica não fosse muito original. Muniz repetiu "Você e Bia?", mas não esperou a resposta e foi em frente. Disse que era assim mesmo, "em televisão nada se cria, tudo se copia". E depois, vai tudo mudando com a reação do público, novela é uma coisa muito dinâmica.

Desta vez, Virgílio interrompeu:

— Novela ou série? E, aliás, qual é a diferença?

Muniz continuava falando apressado. Explicou rapidamente que era uma série, mas longa. A diferença era que tinha um número limitado de capítulos, desde o começo. Quando começava, já se sabia como ia acabar, a história estava pronta. Com a novela é diferente, vai mudando ao sabor das reações dos espectadores. Mas como geralmente faziam novelas, acabavam todos falando na série como se fosse novela. Mas era uma série. Quer dizer, não ia se esticar indefinidamente. E dentro da cabeça dele, autor, o final já estava definido. Mas isso não vinha ao caso. O que importava agora era discutir a contribuição de Virgílio aos cenários. E não se precisava fazer essa distinção. Bastava saber que cenário era melhor que o prédio de verdade. Além do mais, na telinha tudo ficava diferente, os personagens colavam nos atores, adquiriam parte do carisma deles, desenvolvia-se uma empatia muito particular com os espectadores. E ainda tinha a música, a influência da cenografia... a história acabava ficando com uma atmosfera própria. O visual tem um peso decisivo, explicou.

Em seguida, virando-se para Bia, perguntou:

— E você, por que está tão calada? Gostaria de ouvir um pouco suas impressões sobre isso. É o tipo da coisa que me interessa: seu olhar novo, como já expliquei.

Bia hesitou.

— Não sei exatamente o que você está querendo saber nem como eu posso ajudar. Mas, para falar a verdade, eu tenho algumas dúvidas sobre essas

possibilidades de ser diferente, só com o visual. Acho que fica só uma diferença muito pequena, muito superficial. Pode ser só impressão minha, mas acho que, no fundo, todas essas novelas de época acabam sendo muito parecidas.

— Bom, mas se é a mesma época, elas têm mais é que se parecer mesmo...

Ela resolveu contradizer e ficou mais animada:

— Não acho que seja obrigatório ser sempre tão igual. O que acontece é que sempre se mostra a mesma coisa, só aquilo que se resolve decretar que deve ser visível — justamente o mesmo que todos já viram antes. Como um *spot* num palco, que só ilumina a estrela. Mas a verdade é que, além do coro e do corpo de baile que também não estão sendo destacados, há ainda uma orquestra inteira no poço. Para não falar nos bastidores e coxias, cheios de maquinistas, contrarregras, carpinteiros e outros técnicos. Uma multidão invisível, sem a qual não ia haver espetáculo.

Muniz argumentou:

— Está certo, mas não vamos fazer uma superprodução de Hollywood. Essa multidão toda tem um custo.

— Não precisa mostrar todo mundo ao mesmo tempo — justificou Bia. — Mas, por exemplo, me responda: essa nossa heroína...

— ... a Cecília...

— Isso, a Cecília! Ela sabe ler e escrever?

— Sabe, claro! Manda bilhetes para o Felipe, acho que depois é ela quem vai descobrir um testamento guardado, se encarrega de fazer o rol de roupas... Tem que saber ler.

— Ótimo! Isso era meio raro na época, como você sabe... Mulher, em geral, era analfabeta. Mas já que a moça é letrada, podemos aproveitar. Só aí já temos, pelo menos, umas três aberturas para o tal invisível a que eu estou me referindo. Podemos mostrar com quem ela estudou ou estuda. Acompanhar um pouco de perto quem será o portador desses bilhetes — mucama? cocheiro? moleque de recados? uma parenta pobre vivendo de agregada e alcoviteira? E ainda, já que ela faz o rol de roupas, pode-se mostrar como se lavam as roupas nessa casa. Dar um pouco de visibilidade a outros aspectos daquele tempo. Professoras e lavadeiras, por exemplo, raramente aparecem em novelas de época.

Muniz olhou para ela pensativo:

— Interessante, isso... Tem razão. Podemos ter uma cena com lavadeiras na beira de um rio ou em volta de um chafariz, batendo roupa e comentando o que acontece nas casas... Uma coisa assim meio como um coro teatral, pontuando a ação em alguns momentos. E uma professora, talvez... quem sabe? Precisamos

ver como eram os colégios. Se só havia internatos, não serve — quero a Cecília disponível para se encontrar com o Felipe. Mas ela talvez possa conviver com uma ex-colega e as duas juntas lembrarem alguma coisa da escola. Ou então, podemos verificar se eram comuns os professores particulares, e fazer essa professora continuar dando aulas para a irmãzinha menor dela.

Bia também tinha algumas ideias a respeito. Foi falando, toda empolgada, os olhos brilhantes, a voz cálida. Virgílio não conseguiu deixar de constatar, mais uma vez, como ela o atraía. E, de certo modo, o inibia também, numa certa sensação de perigo. Depois da primeira reunião, tinha pensado em procurá-la, a pretexto de discutir o trabalho. Enquanto ainda hesitava, se encontraram naquela caminhada matinal em volta da Lagoa. E quem tomara todas as iniciativas tinha sido ela — tanto de começar a conversa quanto de encerrá-la. Agora, novamente, ele pensava que queria sair com ela, conversar com calma, bebericar, ouvir música. Talvez cozinhar para ela... e depois, quem sabe... Só que queria estar mais seguro. Tinha um vago medo de ouvir um não. Ou uma risada.

Mas no momento, ela estava muito séria, expondo seus pontos de vista ao Muniz.

— Bom, depende do nível econômico da família. Mas muitas vezes havia preceptoras ou governantas estrangeiras. Foi justamente por isso que eu me interessei pelo assunto... Descobri completamente por acaso. Eu estava atrás de livros de viajantes que andaram pelo Brasil antigamente. Tem cada coisa fantástica! E aí descobri que houve algumas mulheres viajantes que também escreveram. Muitas delas, inglesas ou alemãs que vieram para dar aulas... E fizeram observações interessantíssimas, em cartas e diários. Não só porque muitas vezes tinham acesso a uma intimidade doméstica vetada aos outros visitantes, mas também porque elas eram uma espécie de vanguarda do pensamento — ou do comportamento — em seus próprios países. Mulheres que resolveram ganhar a vida por conta própria, com seu trabalho, sem depender de pai ou marido. Na certa, isso fazia com que ficassem muito atentas e sensíveis para observar a cultura alheia. Afinal de contas, naquele tempo, uma mulher que atravessava o Atlântico sozinha, e vinha trabalhar por sua conta e risco num país considerado selvagem, só podia ser alguém especial...

— Especialíssima — concordou Muniz. — Você tem toda razão. Vamos ter que incluir uma personagem assim, de algum modo. Uma mulher viajante. Que maravilha! Absolutamente fascinante.

De repente, levantou-se, foi até o telefone que ficava em cima da enorme escrivaninha junto à janela, apertou um botão, chamou alguém. Virgílio olhava

para ele e não conseguia chegar a uma conclusão: de quem ele tinha falado com tanto entusiasmo? Quem era a maravilha de mulher tão fascinante? Uma hipotética *Fräulein* contratada como preceptora no século XIX ou essa concretíssima magricela despenteada de jeans, que gesticulava, toda empolgada, sentada na cadeira em frente, com a perna esquerda na horizontal, relaxadamente apoiada sobre o joelho direito? Parecia animação demais para se referir a alguém muito vago e distante.

Mas antes que se esclarecesse o mistério, entrou na sala uma simpática secretária e Muniz explicou que a chamara para que ela levasse Virgílio até outro andar. Ele tinha que encontrar o pessoal da cenografia, explicou. Afinal, o arquiteto fizera uma pesquisa sobre os prédios imperiais da cidade, tinha uma lista que podia ser muito útil para a equipe e umas ideias interessantes...

— Muito interessantes mesmo... — ficou repetindo. — O pessoal tem que ouvir.

Levou-o até a porta e se fechou lá dentro com Bia. Perplexo com a rapidez do golpe que o apanhara desprevenido, Virgílio parou de estalo no meio do corredor. Isso não ia ficar assim! Ah, não ia!

Deu meia-volta, voltou sobre os próprios passos, abriu a porta da sala do Muniz sem bater. Lá dentro, empolgadíssima, Bia continuava:

— ... ninguém toma conhecimento delas hoje em dia, mas havia muitas. Essas mulatas e negras libertas se juntavam às brancas pobres e desempenhavam uma série de funções na vida social da época... Eram modistas, quitandeiras, caixeiras...

— Um instante, por favor! — interrompeu Muniz.

E, voltando-se para Virgílio, perguntou:

— Está querendo falar comigo? Esqueceu alguma coisa?

— Esqueci, sim — confirmou o outro. — Esqueci de combinar uma carona com a Bia.

Ela o olhou, espantada. Ele foi direto:

— Vamos juntos? O primeiro que acabar liga para o outro, está certo? Muniz sabe em que ramal eu vou estar.

— Tudo bem — concordou ela.

E se voltou para Muniz:

— Posso continuar?

Podia. Agora podia tudo, pensou Virgílio, a caminho da cenografia. Ousara fazer um convite, e ela aceitara. Igualmente importante: ele tomara posse, marcara território, frente àquele sacana do Muniz. O que é que ele estava

pensando? Que era só chegar, ver e vencer? Que podia tratá-lo como um garoto inconveniente que um bedel leva para fora de sala porque está atrapalhando? Essa não... se alguém ia ficar conversando com Bia sem hora para acabar, era ele, Virgílio. E sem recorrer a prestígio, poder, secretária, nenhum golpe baixo. No máximo, um bom vinho tinto e uns temperinhos mágicos.

4

Deu certo.

Um filme podia mostrar isso com o clichê batidíssimo de roupas meio espalhadas pelo quarto (mentira, porque Virgílio sempre dobrava as dele com cuidado e Bia, dessa vez, seguiu o exemplo). Ou recorrer ao clichê mais disfarçado mas obrigatório da cena de sexo, com grandes planos de corpos nus, iluminação sofisticada realçando textura de pele, mãos deslizando lentamente, olhos semicerrados, bocas entreabertas, movimentos ritmados num crescendo — tudo com música adequada ao fundo, evidentemente. A fim de não perder tempo procurando algum ângulo novo para descrever em detalhes novidadeiros — e absolutamente irrelevantes para a história — aquilo que o leitor ou leitora já conhece ao vivo, a cores e a toques e cheiros, pode-se aqui simplesmente sugerir que a cena ocorreu, iniciando o capítulo na manhã seguinte, quando Bia e Virgílio estavam tomando café juntos.

No apartamento dele — descobre-se logo pelos indícios: foi ele quem pediu à empregada para trazer geleia, e Bia usava a mesma roupa da véspera. Mas estava com os cabelos molhados, enrolados numa toalha. Ele, já vestido para sua caminhada esportiva em volta da Lagoa, discretamente olhou o relógio.

— Tudo bem, já entendi, estou indo... — disse ela, esvaziando a xícara num gole apressado e se levantando.

Enquanto desenrolava a toalha e ajeitava o cabelo com os dedos, diante do espelho junto à porta de entrada, provocou:

— Quer uma carona até o estacionamento da tevê?

— Você não vai andar?

— Agora, não. Tenho que fazer a coluna desta semana, hoje é dia de fechamento. Só vou ter tempo para andar de tarde. Mas se quiser, agora, no caminho de casa, te deixo lá para você pegar seu carro.

Percebendo o ar confuso dele, explicou:

— Ou você pensa que eu não sabia que você não estava precisando de carona nenhuma para sair de lá? Quando cheguei, vi você fechando o carro no estacionamento... Mas achei divertidíssima sua entrada pela sala do Muniz adentro, como quem estava disposto a partir para o Rapto das Sabinas. E já que ele disse que nós dois encarnamos tão bem os papéis trocados, achei que seria

engraçado desta vez deixar você brincar de antigamente e desempenhar essa função bem masculina da conquista. Além de ensinar a ele umas coisinhas sobre delicadeza no trato com as pessoas. Só porque ele tem poder, não é dono de ninguém. Não podia ter feito aquilo.

— Também fiquei furioso. Me descartou sumariamente — lembrou Virgílio, satisfeito de ter um assunto que não o obrigasse a comentar o truque barato que usara na véspera.

— Não só isso. Ele também fez uma coisa que me deixa enlouquecida e não admito num chefe: misturou os canais de trabalho e relação pessoal. E além do mais, eu já não tinha gostado nada do jeito dele antes com aquele rapaz, o Juliano. Você não viu, mas foi uma coisa autoritária, de cima para baixo, sem respeito nenhum pelo trabalho do outro! Horrível! Eu estava ali no corredor ouvindo tudo, constrangida, me sentindo humilhada por tabela, sem saber o que fazer... Adorei quando você tomou aquela decisão e entrou na sala com jeito de cavaleiro andante, disposto a interromper a sessão de baixaria.

Sorriu e acrescentou:

— Me ganhou completamente...

— Ah, então foi por isso? — brincou ele. — Então eu devia agradecer ao Muniz pela oportunidade do empurrãozinho decisivo.

Ela sorriu:

— Não ia precisar. Eu estava disposta a vir de qualquer jeito. Mais dia, menos dia, ia acontecer — disse, pegando a bolsa em cima da poltrona.

Virgílio a abraçou, deu um beijo nela e disse:

— Ia mesmo. Eu sabia, desde aquela primeira reunião.

Foram saindo. Enquanto esperavam o elevador, ela insistiu:

— Afinal, você vem comigo?

— Não precisa sair do seu caminho. Eu tomo um táxi.

— Não precisava era ter deixado o carro lá, podia ter dito a verdade na hora da gente sair. Eu só não falei nada porque quis ver até onde você chegava.

Ele riu.

— Mas funcionou, não foi? Você me trouxe, ficou comigo, e agora está aqui.

— Já te disse que eu estava querendo. Além de tudo, estava curiosa. Desde aquela vez que a gente se encontrou na Lagoa, ando querendo saber o que é que você queria me dizer e acabou não dizendo...

— Quer dizer que, então, a curiosidade é que conta ponto?

— Não desconversa agora, e diz logo, pronto. Estou louca para saber.

— Eu não... Não sou bobo de perder uma chance dessas. Já descobri que é uma boa isca para te atrair. Agora não dá tempo. É uma história comprida, tenho que te mostrar umas coisas. Nesta correria, de saída, não dá. Nós dois estamos com pressa... Então fica para outra vez. Não quer aparecer no restaurante logo mais à noite? Depois a gente vem até aqui, eu conto e te mostro.

Já na calçada, abrindo a porta do carro, ela riu:

— Já passei da idade de cair nessa história, Virgílio...

— Não é história, estou falando sério.

— Está bem, eu acredito. Mas hoje vai ser um dia cheio. E amanhã é muito complicado, quero acordar cedo e em casa.

— Num sábado?

— Exatamente por isso. O bombeiro ficou de ir fazer um conserto no banheiro, é dia da Ana Lúcia, tenho mil coisas pra fazer...

— Ana Lúcia? Quem é? Sua filha? Puxa, não sei nada de você.

— Eu não tenho filhos, e também não sei se você tem... Ana Lúcia é minha amiga, minha ajudante, meu braço direito, outro dia eu explico.

— Amanhã à noite, por exemplo?

— Pode ser. Você me liga e a gente combina. Tenho que olhar minha agenda, não sei se tenho algum compromisso.

Já dentro do carro, motor ligado, Bia abaixou a vidraça e perguntou:

— Você tem?

— O quê? Compromissos? — respondeu ele, fazendo sinal para um táxi.

— Não, filhos.

— Dois. Um casal, Bruno e Luciana. Conto amanhã. Tchau.

E entrou no táxi. Disse o destino ao motorista e reparou que ele era muito jovem, devia ser pouco mais velho que seu filho Bruno. Pensou em Bruno, mais um pouco tinha que resolver o que ia querer da vida, que vestibular ia fazer. Mas era um garoto interessante. Bia na certa ia se dar bem com ele, embora com Luciana talvez fosse mais complicado. E era bem possível que se encontrassem, porque pretendia continuar estando com ela. Entretido com as lembranças da noite anterior, afundou confortável no banco e nos pensamentos.

Tudo aconteceu tão natural. Tinha jeito de que ia continuar fluindo solto. Com simplicidade.

Mas não foi assim.

Bia escreveu seu artigo (sobre conhecer cidades estranhas andando em linhas de ônibus regulares, pelo meio do quotidiano alheio). No fim da tarde, foi a uma loja de ferragens comprar registros e carrapetas, encomendados pelo

bombeiro para adiantar o serviço do dia seguinte. De noite, comeu um sanduíche, fez um chá, arrumou uns papéis, respondeu a umas cartas que no sábado Ana Lúcia botaria no correio.

Virgílio também teve muito trabalho. O restaurante ia organizar um festival de frutos do mar, ele e o sócio tiveram uma reunião com o representante de uma empresa de eventos para combinar a divulgação. Lá pelas dez da noite, Muniz ligou para Bia, pediu desculpas pela hora, perguntou se ela não queria ir jantar com ele no Marco Polo, podiam discutir alguns pontos em que ele tinha dúvidas. Ela desconversou, ele não insistiu. Ficava para outra vez.

No dia seguinte, foi um tumulto dentro de casa. Com mais duas pessoas no apartamento, Bia achava que tinha que fazer um almoço direito, coisa de sustança para matar fome de trabalhador, e se meteu na cozinha, às voltas com uma carne assada. Seu Alcides quebrava ladrilho no banheiro, um barulho que não deixava ninguém trabalhar. Ana Lúcia resolveu sair e aproveitar a manhã para fazer uma porção de coisinhas na rua, que vinham sendo adiadas — providenciar a fotocópia de um artigo, comprar grampos e papel para fax na papelaria, tentar trocar aquela blusa que Bia ganhara de aniversário e não queria... Um dia cheio, mas meio perdido.

Depois que Ana Lúcia saiu, Bia ficou achando que devia logo ter-lhe dado folga, para a moça estudar para o concurso que ia fazer para o serviço público. Assim, até poderia sair com alguma amiga para um almocinho de saladas, resolvendo a comida do seu Alcides com alguma coisa mais prática — pedir uma quentinha ou dar a ele o dinheiro para um prato feito no boteco da esquina. Resolvera ficar para estar com Ana Lúcia, mas não contara com o barulhão em casa.

As duas se davam muito bem e cada vez apreciavam mais esses encontros de sábado. Estavam construindo uma boa amizade, e já tinham ficado para trás os tempos em que Bia funcionara como uma espécie de guia e protetora da outra. As diferenças entre elas iam se apagando, e as duas nem mais lembravam que tinham histórias bem diversas ou que havia mais de dez anos de diferença entre elas.

Anos antes, quando fizera umas resenhas de livros para o jornal, Bia começara a mandar os exemplares já lidos para a filha da faxineira, que adorava ler. Os bilhetes de agradecimento da menina foram revelando uma leitora atenta e inteligente. Um deles provocou o encontro. Bia fez questão de conhecer a adolescente, que recordava vagamente ter visto criança, e que de repente escrevia duas páginas para dizer como tinha adorado um romance de José de

Alencar. Aproveitava, meio constrangida, para fazer um pedido — coisa que nunca tinha feito antes. Sempre que fosse possível, queria outros livros daquele tipo. Bia conseguiu-lhe mais uns dois ou três títulos. Mas intrigada com o fascínio que a ficção do século XIX podia exercer sobre a filha de um chacareiro de Vargem Grande, quis depois conversar com a menina.

Essa imaginária menina não existia mais. Bia conversou foi com uma moça inteligente e sensível, de garra, gana de seguir em frente, e uma paixão por livros em tudo semelhante à sua. Acabou contratando Ana Lúcia para vir três vezes por semana, ajudá-la com seus papéis sempre desorganizados. Daí para arrumar para ela um emprego numa editora foi um pulo.

Hoje Bia dependia da capacidade de organização de Ana Lúcia para manter os compromissos em dia, o trabalho fluindo, a retaguarda em ordem quando viajava — mesmo que agora Ana Lúcia só pudesse vir aos sábados. Na verdade, quando estava na cidade, Bia até que não precisava tanto dela, mantinha esse esquema apenas para que a moça não perdesse o pé da situação quando era indispensável — na hora de suas viagens. Mas cada vez mais Ana Lúcia seguia sua vida própria, toda entusiasmada na editora, fazendo divulgação em colégios. E agora que acabara a faculdade — com sacrifício, em horário noturno —, resolvera prestar concurso para o serviço público.

Em poucos meses, quando a moça fosse nomeada para o novo emprego — Bia não tinha nenhuma dúvida de que ela seria aprovada, e com boa classificação —, as coisas iam ficar difíceis. Não conseguia imaginar outra pessoa que, com um mínimo de interferência, vindo apenas algumas horas por semana, conseguisse lhe poupar tanto tempo. Além disso, gostava dela, ia sentir saudades do convívio regular com uma amiga mais moça, que lhe fazia ver as coisas por ângulos inesperados.

Lá pela uma da tarde, sentados em volta da mesinha da cozinha, quando os três estavam já acabando de comer, Bia puxara conversa com seu Alcides sobre o conserto que ele fazia. Ouviu um comício contra essas construções modernas, com tubulação de PVC de má qualidade. A conversa prosseguiu discutindo vantagens e desvantagens de canos de chumbo e de cobre, passou para sistemas de aquecimento de água. Ana Lúcia começou a celebrar os méritos do chuveiro elétrico, dizendo que em pequena só tomava banho frio — a não ser quando ia na casa da madrinha.

— Pois eu, quando criança, nem tinha água encanada em casa — lembrou seu Alcides. — Sou do tempo é da lata d’água na cabeça...

Bicas, latas d’água... Daí a pouco estavam falando de tempos muito

anteriores. Bia contava do seu novo trabalho, ajudando numa novela que ia se passar no Rio antigo. Falava em aguadeiros, poços, tanques, nas casas de outros tempos, térreas ou assobradadas, com quintais, varandas, jardins em volta, enfeites rendilhados no telhado...

— Como aquelas da coleção... — lembrou Ana Lúcia.

— Que coleção?

— Não lembra? Aqueles cartões-postais que estão na caixa grande, na parte de cima do armário...

— É mesmo... Eu tinha esquecido inteiramente...

Foi recolhendo os pratos, levando para a pia, virou-se pensativa:

— Sabe? É uma ótima lembrança... pode ter muita coisa que se aproveite. Eu nunca mais tinha pensado nesses cartões.

Uma vez, numa viagem, num mercado de rua, tinha encontrado álbuns e caixas de antigos postais. Cenas urbanas, vendedores ambulantes, gente de outros povos com trajes típicos, fantasiosas poses em estúdios, gorduchinhas com boca pintada em forma de coração fazendo trejeitos sedutores, janotas de chapéu de palha se exibindo para a câmera. Escolheu alguns dos mais baratos, em outras viagens adquiriu mais alguns, pendurou a meia dúzia mais interessante na cortiça da parede, em cima da escrivaninha. E por causa disso, acabara ganhando de uma amiga uma grande coleção que pertencera a uma parenta velha. Coisa que nunca mais olhou.

Agora, com a lembrança de Ana Lúcia, ficara curiosa.

— Me faz um favor? — pediu. — Antes de sair, desça essa caixa, tire a poeira e deixe ali em cima da mesinha. Mais tarde eu dou uma olhada.

Com Virgílio, pensou. Quando ele ligasse, combinaria. Dessa vez, ele é que poderia vir até a casa dela. Aliás, não, nada disso, com aquela bagunça no banheiro. Mas nesse caso, levaria alguns postais para ele ver. E outro dia, veriam todos com calma. Podiam separar o que interessasse — na certa haveria algo que se aproveitasse para a série. Ele saberia disso muito melhor do que ela.

No fim da tarde, depois que o bombeiro removeu para a garagem alguns sacos de entulho e foi embora, ela se sentou junto à caixa e começou a examinar a coleção. Separou em pilhas diferentes. Pessoas, casas, monumentos, parques, veículos. Ia ser ótimo ver tudo aquilo com Virgílio! Quase ligou para ele, mas achou melhor esperar que ele chamasse, como tinham combinado.

Quando o telefone tocou, era uma secretária ou atendente do Marco Polo. Seu Virgílio se desculpava, mas teve um compromisso inesperado, não ia poder encontrá-la. Telefonava no dia seguinte.

Bia ficou chateada. E muito mais ficaria se imaginasse que o compromisso inesperado era uma morena vistosa e insinuante que apareceu no restaurante na *happy hour* e se apresentou como Marisa, uma jornalista que ia fazer o *release* do festival gastronômico. Viera só aproveitar o sábado e conhecer o lugar, explicou. Virgílio não deixou passar. Ao fim de mais de uma hora de conversa jogada fora junto ao bar, quando a moça se preparava para ir embora, ele comentou que nessa noite combinara que quem fechava a casa era o sócio. Se ela esperasse, podiam sair juntos. E talvez pudessem jantar em algum outro lugar, onde não correriam o risco de serem interrompidos a toda hora pelos problemas de trabalho, como ali no Marco Polo. Deixou-a conversando com o barman, foi providenciar algumas coisas que faltavam. E pediu que ligassem para Bia, desculpando-se por ele. Era melhor assim. Estava pensando muito nela nos últimos dias. Até demais. O ideal era dar um refresco, para não ficar muito preso. Ela o assustava um pouco e isso não era bom.

Por essa confluência de acontecimentos, acabou acontecendo que quando Muniz telefonou — nessa noite bem mais cedo que na véspera, antes mesmo que ela começasse a pensar no que iria comer — Bia estava chateada e disponível. E louca para falar na coleção de postais que tinha descoberto. Topou com entusiasmo. Assim se explica que, bem mais tarde, no momento em que Virgílio entrou acompanhado num restaurante concorrente, tenha imediatamente visto o olhar embevecido de Muniz pousado sobre uma moça que falava, animada, numa mesa lá nos fundos. Ela estava de costas para a porta, mas entre milhares Virgílio a reconheceria — até mesmo biblicamente, e de preferência. Mal teve tempo de montar um recuo estratégico, explicando à morena:

— Vamos só confirmar se hoje eles têm a especialidade da casa...

Ainda meio escondido no bar de entrada, fez um sinal para o *maître*, seu conhecido, e detonou:

— Trouxe a moça especialmente para comer aquele risoto com pontas de aspargos verdes...

— O senhor me desculpe, mas vai ter que ficar para outra vez. Hoje não temos, não é tempo de aspargos frescos...

Virgílio sabia. Não era à toa que administrava as compras do Marco Polo. O *maître* continuava:

— Mas temos outro excelente, de coração de alcachofra...

Tocando a moça para fora com uma leve pressão em seu cotovelo, Virgílio agradeceu, se despediu rapidamente e saiu.

5

Salvo pelos aspargos verdes. Ou pela ausência deles. E por sua presença de espírito. Ainda bem que viu a tempo. Tinha certeza de que Bia não o vira. Quanto ao Muniz, Virgílio tinha dúvidas... Não cumprimentara, não acenara, não dera mostras de nada... Mas podia estar disfarçando, tentando passar despercebido, esconder sua companhia.

Só depois, passado o susto, dentro do carro que se afastava dali, é que Virgílio se permitiu ficar furioso com Bia. Então era assim, bastava ele ter um compromisso de trabalho, e ela já dividia a mesa com o Muniz, esquecendo todas as coisas que dissera dele... Parecia uma moça tão franca, tão direta. Mas aos poucos se revelava cheia de segredos e subterfúgios. Naquele dia da carona para sair da televisão, por exemplo. Sabia que o carro de Virgílio estava no estacionamento e mesmo assim não disse nada, ficou se divertindo às custas dele. E antes, ele a surpreendera ouvindo a conversa dos outros no corredor, não dava para esquecer. E ainda inventou aquela história de não querer interromper uma bronca do Muniz, coisa que evidentemente não estava acontecendo, os dois lá dentro estavam na conversa mais amigável do mundo...

— Posso? — interrompeu Marisa, apontando para o botão do rádio do carro.

— Claro.

Foram invadidos pela melodia. *I Only Have Eyes for You.* Mentira pura. Ninguém tem olhos só para um alguém. Ou acabara de ver uma exceção, Muniz só com olhos para Bia? E ela? Como estaria olhando para Muniz? Da mesma forma?

— Você ficou tão calado...

— Estava pensando onde podíamos ir. Talvez ao Savarin, você gosta?

Disfarçou bem. Tinha ímpetos de voltar lá onde o casalzinho estava, passar com Marisa na frente deles, mostrar bem que não estava ligando, e não lhe faltava companhia. Mas aí podia entornar o caldo. Melhor esfriar a cabeça, esperar os acontecimentos. Podia ser que ninguém o tivesse visto. E ele ficara sabendo quem é quem. Com o tempo, veria o que os dois deixavam escapar, como se portavam. E até lá, curtiria o momento.

Mudou a marcha do carro, de passagem roçou a mão pela coxa da moça no

banco ao lado, deixou-a ficar. Isto era aqui, agora. O resto era o resto.

Apesar dessas resoluções, no dia seguinte, cedo, Virgílio ligou para Bia. Atendeu a secretária eletrônica. Tão cedo e ela já tinha saído? Ou não dormira em casa? Ele não deixou recado. Saiu para caminhar.

Na volta, quando saía do banho, o telefone tocou. Era ela. Efusiva:

— Ai, Virgílio, estava louca para encontrar você! Descobri uma coisa maravilhosa ontem e quero te mostrar... Você vai sair agora de manhã?

— Vou, tenho que ver umas coisas... Vou ter um dia meio enrolado, vou levar meus filhos a um churrasco em Araras...

— Que pena... Senão, eu passava aí. Mas não faz mal, o Muniz disse que ia chamar a gente para uma reunião, talvez na terça, e então eu levo.

— O Muniz, é? Você falou com ele?

— Acabamos jantando juntos ontem, foi supersimpático. Ele pode ser um cara muito agradável, sabe? Conversamos horas. Eu acho que estou começando a me empolgar com essa série.

— Que bom... E vocês foram onde?

— Não guardei o nome, um bistrozinho charmoso numa daquelas ruas laterais do Jardim Botânico... A gente ia ao Marco Polo, ele até ligou para lá, para saber se você ia ter uma folguinha para sentar com a gente à mesa e conversarmos um pouco os três. Mas disseram que você estava em outra ligação, e já ia sair, tinha reservado uma mesa nesse outro restaurante. Eu lembrei que você bem que disse que tinha um compromisso de trabalho, ele achou que devia ser espionagem de concorrente, podia ser interessante a gente conferir o tal bistrô, devia ser bom...

Um bom filho da puta, aquele Muniz! Então foi de propósito. Virgílio só queria depois descobrir quem tinha dado o serviço no Marco Polo... Ia ver só!

— E era bom? — tinha que manter um mínimo de normalidade na conversação, dar corda, saber mais...

— Tinha um bom risoto de alcachofra. Mas o papo com o Muniz é que foi ótimo. Depois ele mesmo te conta, está querendo marcar uma reunião. Pena que você não apareceu ontem...

Melhor ir entrando também com sua versão da noite:

— Eu tinha que acertar umas coisas do restaurante, dar uma entrevista a uma jornalista que vai escrever sobre um festival de frutos do mar que a gente vai fazer. Quase fui mesmo ao bistrô, cheguei até a porta. Mas eles não tinham um prato que eu queria, acabamos indo a outro lugar. Acho que vocês ainda não tinham chegado, não vi ninguém...

— E hoje de noite? A gente se vê?

Ah, agora ela queria... Ainda tinha algumas coisas que aprender. Podia deixar... ele ensinava.

— Ainda não sei. Se der, eu te ligo.

Não deu, já estava resolvido que não ia dar. Mas poucos dias depois se encontraram na reunião, na sala do Muniz. Quando Virgílio entrou, o outro logo perguntou:

— Fez boa viagem?

— Viagem? Que viagem?

— Ah, então eu devo ter me enganado. Pensei que você tinha ido a São Paulo, tive até a impressão de ter visto você de longe um dia desses, no aeroporto, embarcando num avião...

Então o sacana tinha visto. E fazia questão de dar o recado. Sujeitinho perigoso. Mas não podia passar recibo. Ainda mais porque Bia já se aproximava, cumprimentava com um beijo, e começava a tirar da bolsa uns cartões-postais antigos, de avenidas, prédios, coretos. E falava toda animada:

— Veja só o que eu descobri. Tinha esquecido, mas tenho uma coleção imensa, uma caixa cheia. Mostrei uns ao Muniz outro dia, queria que você visse.

Ele olhou alguns cartões, rapidamente. E mais rapidamente ainda aceitou o convite dela para se encontrarem mais tarde, para um exame atento do resto da coleção. Garantida essa perspectiva, Virgílio se sentiu mais tranquilo para passar ao trabalho.

Havia outras pessoas na reunião, todas da equipe que trabalhava diretamente na feitura do roteiro. De início, conversavam um pouco soltos, quando Muniz interrompeu, exclamando:

— Ousadia!

No silêncio que se fez, repetiu:

— Ousadia! Que tal?

— É sempre bom... — disse o Tales, um sujeito descabelado, de meia-idade, com um ar meio *blasé,* que já pela segunda vez se sentava num canto e ficava dando sorrisinhos irônicos e levantando as sobrancelhas de vez em quando durante as reuniões. — Pode ser um caminho muito original, ter um grande impacto... É um belo programa de trabalho. Fazia muita falta, mesmo.

— Dispenso o comentário, Tales, deixe de besteira... — atalhou Muniz. — E não é programa de trabalho, vai ser o título da série.

— Ah!...

Impossível dizer quanto de comentário havia na entonação de uma simples

vogal na boca do Tales.

Mas todos começaram a falar ao mesmo tempo. Surgiam opiniões contraditórias. Era um bom título, uma palavra só. Não funcionava, não tinha apelo popular. Virgílio se desligou da discussão, não tinha nada a ver com isso, trocou sorrisos com Bia.

Depois, quando o assunto mudou, começou a participar, já que tinham pedido sua opinião sobre a configuração urbana do Rio na época. Lembrou que o Centro se esparramava entre morros e sobre eles — muitos dos quais já tinham sido arrasados, como o da Conceição, o do Castelo, o de Santo Antônio. Explicou que a cada um desses desmontes correspondia um aterro — o que se perdia em elevação se ganhava em área conquistada às águas. Foi-se a Lagoa do Boqueirão, no Passeio, junto aos Arcos. E o mar foi recuando cada vez mais. No século XIX, as ondas batiam no sopé do Outeiro da Glória, os barcos de pesca descansavam junto aos degraus da igreja de Santa Luzia (que ficava ao pé do morro do Castelo), a atual Praça XV era íntima da baía... Falou em Grandjean de Montigny e em outros engenheiros e arquitetos do tempo do Império, responsáveis por algumas das monumentais construções que deram uma feição nova à cidade: os hospitais da Misericórdia e Dom Pedro II, a Casa da Moeda, o belíssimo palácio do Itamarati, a imponente sede do Banco do Brasil, a remodelação do paço de São Cristóvão, o Colégio Pedro II do Centro, o palácio Nova Friburgo, residência aristocrática encimada por águias no telhado, que mais tarde passaria a ser a sede da República com o nome de palácio do Catete...

O arquiteto falava, animado, e Bia, mais uma vez, constatava que ele podia ser um homem muito sedutor. Em volta daquela mesa, meia dúzia de pessoas bebiam as palavras dele, todos transportados a uma cidade esquecida, enterrada como Troia debaixo de camadas de tempo e mudanças de uso urbano, bem ali onde pisavam diariamente. Uma espécie de mergulho arqueológico sem ferramentas, por subterrâneos que nada escondiam, mas exigiam informação e palavras para se revelarem.

Virgílio lembrou que o abastecimento de água, na época, recorria a poços nos quintais mas também dependia, em parte, de chafarizes públicos — no largo da Carioca, por exemplo, havia um imenso. Bia ouvia e ia povoando as ruas de aguadeiros, de burricos transportando pipas, de escravos carregando tonéis, escravas levando talhas de barro sobre rodilhas de pano na cabeça, caminhando devagar num molejo balanceado.

Virgílio ajustava a imagem, dando uma noção dos espaços e distâncias: a cidade era apenas o que hoje se considera Centro. Da Lapa em diante, mesmo a

rua Riachuelo, já eram bairros. Mais além, subúrbios. Andava-se a pé para ir de um lugar a outro. No máximo, a cavalo ou em caleches, tílburis, diferentes veículos puxados a cavalos ou burros — que faziam ponto no largo de São Francisco, em frente a outra magnífica construção, a Escola Central, depois Politécnica... O superchique, o suprassumo era a rua do Ouvidor...

— A rua do Ouvidor era o ponto quente da cidade, a prova de sua civilização, a consagração da ideia de que Paris era possível em alguns metros dos trópicos... Estreita, de intenso movimento, era parada obrigatória para quem queria saber de tudo o que ocorria. O lugar do ti-ti-ti, do falatório, ponto de encontro de jornalistas, políticos, intelectuais. De vez em quando, passava um tílburi ou uma vitória, damas elegantes desciam e entravam em refinadíssimas lojas de moda, homens aproveitavam para lançar olhares suspirosos a um pedacinho de pé coberto por botinas abotoadinhas, entrevisto pelo meio do fru-fru dos tafetás... Era o ponto de encontro, a praia daquele tempo, a passarela do esplendor e da beleza da mulher carioca. A rua do Ouvidor não pode deixar de entrar numa série sobre essa época! — concluiu Virgílio, animado.

— Ótimo! Já entrou — concordou Muniz. — Uma rua estreita, dá para fazer um cenário, uma porção de coisas podem acontecer nela... Ou a partir dela. Pode ser um lugar perfeito para se encontrarem personagens de núcleos diferentes. A Bia outro dia tinha falado em pessoas que geralmente ficam invisíveis nessas produções de época, a gente conversou um bocado... Eu fiquei pensando e acabei resolvendo fazer um núcleo mais popular, que pode também servir para dar uma certa leveza à trama, ter uns elementos cômicos, uma família com uns tipos engraçados... Então vamos pensar nisso. Tales, você se encarrega de desenvolver essa linha. Talvez uma mulher modista, um marido cocheiro de praça, um filho querendo subir na vida e se fazer amigo desses conhecidos de rua, de outra classe, com quem ele troca comentários em frente às lojas da rua do Ouvidor... Que outras lojas havia, além das de modas?

— Havia livrarias, tipografias, hotéis elegantes, confeitarias esplêndidas... E na categoria moda, a diversificação era surpreendente — explicou Virgílio. — Lojas de chapéus, de calçados, de joias, de sedas...

Bia se mexeu na cadeira, como quem hesita se vai falar. Muniz percebeu, encorajou-a.

— Bom, não sei se tem a ver, não é exatamente uma coisa de cenário, mas eu lembrei... Talvez seja bom para o pessoal dos figurinos, não sei...

— O que é?

Ela explicou:

— Vários viajantes falam num produto que se fabricava em diferentes lojas da rua do Ouvidor e fazia um sucesso arrasador na Europa. O Rio de Janeiro era considerado o melhor mercado do mundo para se comprar esses artigos. Ainda ontem eu estava lendo sobre isso... Era um *souvenir* obrigatório da cidade; não havia navio que parasse no porto sem que os marinheiros se derramassem pelas lojas de madame Dubois, madame Finot, sei lá, nem lembro direito se os nomes são esses... Havia uma porção, de inglesas e francesas, sempre com mão de obra feminina e nacional. Todas faziam e vendiam flores de penas.

— Flores de penas?

— É, e passarinhos também. Para enfeitar os chapéus das mulheres e as lapelas dos homens. Um luxo. Caríssimos e procuradíssimos. Uma demanda impressionante, havia lojas e lojas, que não chegavam para as encomendas. Eram muito apreciados porque eram totalmente naturais — quer dizer, com a variedade de pássaros que havia no Brasil, não era preciso tingir as penas para se ter cores incríveis, como se fazia em outros lugares... O peito e o pescoço dos beija-flores, então, eram uma preciosidade, penas miúdas, brilhantes... A parte da frente das lojas destinava-se às vendas, mas o espaço se abria para os fundos, onde se podia ver a fabricação. Garantia de autenticidade. Vários viajantes contam que era uma atração extra ver todas aquelas moças bonitas trabalhando, armando flores, os dedos ágeis e leves torcendo, cortando e colando, com destreza e perícia, diante de montinhos de penas, cada monte de uma cor. Enchiam caixas de camélias, faziam grinaldas de flor de laranjeira, festões de cravos, buquês de rosas, preparavam detalhes com penas curvas e longas, caídas como um salgueiro-chorão. E quem quisesse aproveitar e levar também um enfeite para a sala de visitas, podia escolher pássaros empalhados — tucanos, beija-flores, guarás, araras, saíras, papagaios, bem-te-vis, periquitos...

— Nem pensar, Bia! Ficou maluca? — interrompeu Muniz. — Os verdes tiram a novela do ar no mesmo dia.

— Ei, eu não estou defendendo! Estou só contando como era... A gente pode mostrar criticamente...

— Não, dá a maior confusão. Esquece isso. Eu queria era que você nos ajudasse um pouco com uma descrição das viagens de navio daquele tempo. Os nossos personagens vão namorar, casar e viajar para a Europa. O Juliano vai escrever essa parte. Você podia era depois conversar com ele. Mas essa história de flor de passarinho não tem nada a ver. Já tenho problemas demais, não é preciso você inventar nenhum novo. Esquece, não foi para complicar que eu te chamei... — insistiu Muniz, num tom que até lembrava um pouco (mas só um

pouco) o que usara na bronca com Juliano no dia da outra reunião.

O assunto mudou de novo. Começaram a discutir onde o casal de personagens poderia conversar em seu namoro. Depois do primeiro encontro na igreja, já estava certo haver outro no Passeio Público, algumas passadas dele a cavalo diante da janela dela, mas Muniz queria que, antes de uma visita formal à casa de Cecília com a tia Leopoldina, Felipe ainda a visse em algum lugar público. Era preciso ter muita gente em volta, outras moças que ele também olhasse, outros rapazes cuja possível concorrência ele imaginasse... O ciúme tinha que ir se insinuando de leve, desde o começo, insistia Muniz, o que ia levar ao principal conflito de *Ousadia.*

Alguém disse que um teatro seria o ideal. Os dois trocariam olhares durante o espetáculo e, no intervalo, ele poderia visitar o camarote da família dela, já que um encontro no corredor seria impossível — moça de família não circulava por eles. Ficaram todos debatendo essas cenas, fazendo sugestões. Sugeriu-se que devia ser teatro lírico, não só porque era muito mais popular no Rio na época, mas também porque, para as cenas de trocas de olhares, era melhor ter ao fundo uma cantora, e não uma discussão entre atores.

Leitora de Alencar, Machado e alguns viajantes, Bia bem poderia ter lembrado como o Rio foi ponto de passagem obrigatória das grandes divas da época — uma delas, a alegre e esfuziante Baderna, até deixou seu nome para sempre incorporado na gíria carioca. Ou apontar para outros traços de seus habitantes, contando como a cidade se dividia entre os adeptos de uma ou outra cantora, uma ou outra atriz, exigindo fidelidades exclusivas e brigando pela Aimée ou pela Lovato do mesmo jeito que mais tarde, no tempo do rádio, haveria disputas entre os fãs de Marlene ou Emilinha. Mas a moça se desligou da conversa e não participou.

Estava inteiramente recolhida a seus pensamentos. Por um lado, tinha ficado meio chateada. Duplamente. Não só pelo jeito rude com que o Muniz cortara o que estava dizendo, mas também pela frustração de, mais uma vez, sentir que a tal contribuição que queria dar não ia sair. Continuariam invisíveis as belas mulatas livres que fabricavam flores, algumas até capazes de falar as línguas dos visitantes estrangeiros, e também não se veriam as outras que atendiam no balcão, ao lado de inglesas e *demoiselles.* Como Bia podia ter imaginado que seria possível mostrar a vida num cortiço, numa casa de pensão ou numa casinha modesta, nas ruas pobres dos subúrbios ou nas ladeiras da Gamboa ou da Saúde? O máximo que Muniz concedia, em termos da tal visibilidade dos esquecidos que ela invocara, era apenas tangenciar o estereótipo, e mostrar quem trabalhava

sempre com cores pitorescas, em traços cômicos, uns tipos engraçados “para dar uma certa leveza à trama”. Isso começava a irritá-la.

Mas havia outra coisa que fazia voar para muito longe os pensamentos de Bia. Era sempre assim, quando menos esperava. Fabrício irrompia, abrupto e forte, um jorro incontrolável. Como esguicho de fonte, brotando súbita do subsolo, em meio a uma paisagem desolada. E ela que o imaginava enterrado debaixo de uma pedra, tão adormecido, sem forças, no máximo apenas latente, pulsando sob tudo o que fazia... Havia dias, vinha conseguindo impedir que ele tomasse conta de seus pensamentos. Mas de vez em quando, falhava.

Dessa vez, a lembrança fora evocada pela referência às mãos das moças. Destreza e perícia, dissera ela. De onde tirara essas palavras? Do texto que lera na véspera? Ou do estoque íntimo de termos dignos de serem aplicados às mágicas mãos de Fabrício, que tantas vezes ela vira trabalhando com precisão nas entranhas de um computador? Por onde andariam agora? Em que corpos seus dedos estariam passeando? Ai, Fabrício, Fabrício...

Virgílio disse qualquer coisa, dirigindo-se a ela, e a obrigou a voltar à mesa de reuniões. Discutiam agora a época, em termos mais precisos. Muniz dizia que não queria ter que se envolver com referências a lutas internas nem à Guerra do Paraguai, mas achava o final dos anos sessenta um bom momento para situar a história.

— Prefiro que seja depois dos cinquenta... — dizia ele. — Pelo que o pessoal da pesquisa me informou, foi uma década e tanto, de mudanças incríveis, e deixa para os anos seguintes uma cidade já bem mais moderna, mais fácil da gente trabalhar com ela.

Consultou umas anotações e continuou, de papel na mão:

— Por exemplo, só no ano de 1854, vejam quanta coisa acontece. As ruas passam a ser iluminadas a gás, o que era considerado feérico. Começam no Derby as corridas de cavalos, e pouco depois, as regatas na praia de Botafogo, já imaginaram o visual? Montavam-se palanques na praia, o povão se aglomerava na areia enquanto a aristocracia, de binóculo, torcia por seus favoritos. Incentivando o *sport,* como se dizia na época, e essa é uma das palavras estrangeiras que então começam a se introduzir nas conversas. No mesmo ano de 1854, inaugura-se a primeira linha de telégrafo.

Fez uma ligeira pausa, leu umas linhas em silêncio e comentou:

— Interessante... Aqui diz que era entre o Paço, o Ministério da Guerra e as povoações marítimas mais próximas, especialmente para vigiar a costa e combater o contrabando, impedindo o desembarque clandestino de africanos,

porque o tráfico de escravos estava proibido... Bom, voltando a 1854, é ainda nesse ano que se inaugura a estrada de ferro de Petrópolis. E três anos depois, após vários surtos de epidemias, implanta-se o primeiro trecho do sistema de esgotos que iria trazer um pouco de higiene para a imundície que era a cidade — coisa tão avançada que só existia em pouquíssimas cidades europeias, como Paris, Londres e Hamburgo. Enfim, era um momento de grande progresso... Então, se a gente fizer a história acontecer em 1868, 1870, será numa época de esplendor. Tudo isso já está mais assimilado e difundido, temos mais condições de movimentar nossos personagens sem tanta dificuldade. E nem precisa a gente se preocupar com detalhes, basta um jeitão geral do aspecto da cidade...

A pesquisa histórica entregue a Muniz não incluía outros dados que podemos lembrar aqui, já que esta é mesmo uma vantagem que o autor leva sobre os personagens, e não há por que não comparti-la com o leitor. Fica possível situar melhor esse esplendor. Em 1865, nos Estados Unidos, estava chegando ao fim uma guerra civil que em quatro anos acabou com a escravatura, mesmo ao preço de muitas vidas. No Brasil, o processo foi muito mais lento, gradual (e seguro para os donos de escravos, se quisermos usar os três adjetivos oficiais que mais de cem anos depois também iriam marcar a “distensão” da ditadura militar para a democracia no século XX, outra dessas mudanças lerdíssimas que caracterizam nossa história). Em 1831 foi votada uma lei declarando livres todos os escravos introduzidos no país a partir dessa data. Mas foi uma dessas leis que não pegam e não adiantou nada. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós aboliu o tráfico. Como ninguém obedecia, em 1854, bem no ano de que Muniz tanto se ocupava nessa reunião, outra lei deu poderes à Marinha para perseguir e punir os navios negreiros. Em 1857, a viajante Virginie Leontine, que Bia nem leu, conta que na noite de 7 de setembro o imperador Pedro II

> *humano como Tito (submetido pela manutenção da escravidão, na constituição do país, que sua grande alma deplora), contente consigo mesmo e abençoando sua opulência pôde exclamar* Meus amigos, não perdi meu dia!, *pois libertou com seus bens pessoais duzentos negros dos dois sexos!*

Enquanto os parlamentares discutiam como respeitar aquilo que em linguagem de final do século XX podemos chamar de direitos adquiridos dos senhores, que tinham gastado seu dinheiro com a compra daquela mercadoria humana, a constituição continuava firme na garantia do privilégio, mantendo a escravidão. E tome leis, que nunca se poderá dizer que é por falta delas que não

se anda para a frente. Em 1864, o governo libertou os escravos que estivessem a seu serviço. Em 1866, os que fossem lutar na Guerra do Paraguai. Em 1869, uma lei proibiu separar marido e mulher cativos, limitou a idade de venda das crianças e suspendeu definitivamente os leilões públicos de escravos. Em 1871, a Lei do Ventre Livre libertou os filhos de escrava nascidos a partir daquela data. Em 1884, as províncias do Amazonas e do Ceará (e alguns municípios gaúchos) libertaram todos os escravos em seus territórios. Em 1885, ficaram livres, por lei, os escravos de mais de 65 anos em todo o país. E em 1888, ufa!, a Lei Áurea afinal extinguiu a escravidão do Brasil.

Vale ainda lembrar que, embora não seja o caso de precisar exatamente em que ano, o fato é que bem nesse momento que Muniz definira para que acontecesse a história que iam narrar na série, lá do outro lado do Atlântico um judeu barbudo voltava seu olhar e sua inteligência para a sociedade europeia da época e, instalado em sua mesa na Biblioteca do Museu Britânico em Londres, escrevia o seguinte:

> *A extraordinária produtividade da indústria moderna... permite o emprego improdutivo de parcelas cada vez maiores das classes trabalhadoras, e da consequente reprodução, em escala sempre crescente, dos antigos escravos domésticos — sob o nome de uma classe serviçal, incluindo criados, criadas, lacaios etc.*

Não é exagero dizer que esse livro de Karl Marx iria revolucionar o mundo. Para essa história, basta lembrar que, com o título de *O capital,* seria publicado em 1867, bem no ano em que Muniz projetava o encantamento dos amores e desencontros de Cecília e Felipe, por entre as sessões de teatro, os saraus e tertúlias nas diversas casas elegantes ou os bailes da corte.

Seguramente, a engrenagem que fazia todo aquele encanto funcionar continuaria invisível na novela, mostradas apenas as pontas de uns icebergs aqui e ali, sob a forma da infalível mucama fiel, da indefectível cozinheira gorda, do eterno moleque de recados esperto, do carregador corpulento de sempre. Bia que parasse de se preocupar com isso. Melhor pensar em Fabrício, planejar seu próximo artigo, considerar uma viagem em perspectiva ou simplesmente começar a escolher mentalmente que roupa ia vestir para sair com Virgílio mais tarde.

Até porque nesse ponto Muniz tinha razão, ao que garantem as pesquisas de opinião — a plateia quer mesmo é acompanhar a história de amor, só está interessada em quem fica com quem. Contenta-se com muito pouco e nem ousa

imaginar (já que se fala em ousadias) que merece muito mais. Afinal de contas, numa sociedade que aceita medir tudo em termos de maior ou menor sucesso — uma das faces do valor fundamental, maior ou menor lucro —, é claro que quando uma coisa não faz sucesso só pode ser porque não tem qualidade, não vale nada.

E antes que este capítulo seja acusado de estar virando ensaio ou discurso, é melhor que se encerre por aqui.

6

No dia seguinte, Bia teve que ir driblando a lembrança de Fabrício durante todo o trajeto de sua caminhada vespertina do Leblon ao Arpoador, ida e volta. Tentava pensar em outras coisas, recordava a reunião na tevê, lembrava do encontro com Virgílio na véspera, experimentava ir desenvolvendo mentalmente os pontos que iria abordar em seu próximo artigo sobre as ilhas gregas. Mas não conseguia evocar as ruelas de Mikonos e Santorini. A brancura das casas caiadas se afastava, o perfume de aniz e eucalipto era incapaz de se insinuar sob a maresia, o azul mediterrâneo nem ao menos nascia do verde atlântico diante de seus olhos — todo aquele esplendor ensolarado só a fazia reviver o olhar brilhante no rosto bronzeado de Fabrício depois da praia, imagem que insistia em aflorar.

Tinha que aguentar um pouco mais... Daí a algumas semanas ele voltava do curso nos Estados Unidos, antes disso ela ia viajar, e só depois então é que iam se encontrar e conferir o que tinha acontecido. Foi o combinado. Ela mesma sugerira. Não podia agora querer mudar as regras no meio do jogo.

Em casa, depois do banho, quando viu que estava de novo sendo assaltada pela memória, resolveu se distrair com um caderno que Virgílio deixara com ela. Tirou-o com cuidado de dentro do envelope, alisou a capa dura de couro preto, já quase cinzenta, de tão gasta e encardida. Um objeto bonito em si, com seu ar antigo, carregado de lembranças nostálgicas. Abriu. Teve um choque ao ver que a primeira página tinha um buraco regular, mostrando que fora recortada, provavelmente com gilete ou estilete. Em volta, uma margem de flores pintadas a aquarela formava uma moldura delicada em tons tênues. No alto, em letras enfeitadas, lia-se: 1857. Logo abaixo: Caderno de Receitas de e o corte brusco, violento, impedia a identificação.

Com a curiosidade aguçada, Bia tentou reconstituir a história que Virgílio lhe contara na noite anterior, depois de verem um monte de cartões-postais. História que ela ouvira meio distraída, satisfeita pelo jantar saboroso, bebericando um final de vinho em goles miúdos, se permitindo deixar que o corpo falasse mais alto e jogasse Fabrício bem para longe, na escolha consciente de embarcar na pele macia e cheirosa daquele belo homem a seu lado, de cabelos um tanto ralos e sorriso insinuante.

Era um velho caderno de receitas, de família. Virgílio o recebera da mãe, que o ganhara da avó (dele ou dela? Bia não prestara atenção...), e vinha de uma parenta, de algum estado do sul do país. Desde quando? Agora sabia. Desde 1857. Mas por que a página estava cortada, de propósito? De raiva? Para esconder algo? Por quê? Para que tanto mistério com um simples caderno de receitas?

Não era um simples caderno de receitas, lembrava disso. Virgílio lhe explicou que o ganhara da mãe quando resolveu abrir o restaurante. Mas não chegara a aproveitar grande coisa, não havia nada especialmente interessante, salvo uma ou outra exceção. Em geral, os pratos eram corriqueiros, modestamente rústicos em seus ingredientes, ou tão antigos e tão trabalhosos que não dava para adaptá-los aos dias de hoje. E ele já tinha copiado as poucas coisas que lhe poderiam interessar. Parece que havia também um ou outro desenho, umas receitas de crochê e tricô, alguma coisa de medicina caseira, truques para tirar manchas... Esses elementos miúdos de sabedoria doméstica, que iam passando de mãe para filha e hoje em dia não são mais necessários. Mas sempre podem valer como distração.

— Você não disse que estava curiosa para saber o que eu queria falar com você? Pois o que eu queria era lhe mostrar isto — explicara ele. — É de alguém da minha família, que viajou pela Europa. Pensei em trazer para você ver, porque ainda outro dia você estava falando nos diários e cartas das mulheres do século XIX, e eu lembrei que esse caderno velho não é exatamente um diário, mas tem umas anotações esparsas... Nada demais, tudo bem comum, eu nem lembro direito, já faz tempo que vi...

Deixara o envelope pardo em cima do móvel e continuara:

— Infelizmente, não posso te dar de presente, porque prometi a minha mãe que um dia vai ser da Luciana, minha filha. Mas posso te emprestar, você pode ficar com ele quanto tempo quiser, copiar, mexer à vontade... Junto, havia também uns envelopes com umas cartas, mas minha mãe guardou, disse que não valia a pena eu perder tempo com aquilo. Imagino que também não te interesse, mas se você quiser eu peço a ela.

O simples gesto de abrir o caderno, porém, deixara Bia subitamente acesa de curiosidade. As letras enfeitadas a atraíam, era espicaçada pelo recorte retangular que deixava ver na folha lá de dentro uma caligrafia meio infantil, mas regular, em tinta preta esmaecida, compondo pedaços de linhas, palavras bem desenhadas, inclinadas para a direita: *...muito bem peneirada... polvilha-se cuidadosamente... assa-se em tabuleiro...*

Virou a página. A data estava repetida no alto. Depois vinham as receitas. Bia começou a ler. Ela não era muito chegada à rotina da cozinha, em geral só fazia coisas muito simples, embora gostasse de ir de vez em quando preparar um grande almoço ou jantar para os amigos. Mas foi lendo aquelas primeiras páginas e se surpreendeu. Achava que até ela, cozinheira tão bissexta e sem prática, era capaz de fazer aqueles pratos — um biscoito caseiro, um bolo rápido, uma geleia... Onde estaria a complicação a que Virgílio se referira? Aquelas receitas eram singelas, infantis. De repente, esbarrou na primeira anotação e confirmou sua dedução: era mesmo algo de criança. Ou quase. A autora afirmava ter ganho da mãe aquele álbum quando fez quatorze anos.

Bia continuou passando os olhos pelo caderno. Olhou umas páginas do fim, viu que a letra mudava, ficava mais firme e mais segura. E algumas entradas com datas revelavam que ele acompanhara sua dona por muitos anos.

Voltou ao início. Poucas páginas depois da primeira anotação pessoal, havia outra, embaixo de um desenho de flores. Pelo jeito, o risco de um bordado:

> *Esse deve ser muito rápido, o ponto é fácil. Desejaria era fazer renda. No colégio desde os sete anos, aprendi a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, mas não me ensinaram a fazer renda. Vou pedir a dona Justina, da casa ao pé, que me oriente. Lástima é que não tenha conseguido que me ensinassem latim, que tanto desejo conhecer desde o dia em que o padre afirmou que latim não é língua de meninas. Como então, em Roma antiga, a senhora que ganhou de César a pérola de seis milhões de sestércios poderia agradecer ao grande homem? Seguramente, em latim!*

Bia sorriu. Engraçada, a menina. E esperta. De onde teria tirado aquela ideia da pérola? Ou, melhor ainda, de onde vinha aquela vontade de aprender? Renda e latim... que dupla!

Duas ou três receitas depois, Bia parou de ler, levantou os olhos para os livros que se acumulavam nas estantes à sua volta, contemplou a escrivaninha coberta de papéis, o caneco cheio de lápis e canetas, a caixinha com os disquetes, o computador com todos os seus periféricos e imediatamente se arrependeu de ter pensado na menina de maneira tão condescendente. De onde vinha a vontade de aprender? Um absurdo fazer uma pergunta dessas. Sabia dentro de si de onde vinha e era a mesma que a movia. Filha da vontade de crescer que toda criança traz no peito, ou seja lá onde for que as vontades se aninham. Fermentada pela vontade de transgredir, que incha cada vez que alguém diz que isso não é para meninas, ela também sabia bem. Parenta do

eterno fascínio pelo conhecimento dos clássicos negado às mulheres, que Virginia Woolf mencionara tantas vezes, suspirando por estudar grego.

Mais interessada e já inteiramente esquecida de qualquer lembrança de Fabrício, continuou a leitura.

Pouco adiante, depois de uma receita de biscoitos a serem enrolados em tiras finas e compridas, e cortadinhos de través com uma faca, vinha outro comentário:

> *Estes sequilhos servem também como hóstias ao brincarmos de missa. Geralmente, B., que faz o padre, é quem traz o doce. Mas quando há sequilhos em casa, levo eu alguns ao quintal para nossas brincadeiras. Desmancham-se na boca. Uma delícia! Menos, porém, que o beijo que trocamos outro dia após o penteado. Uma vertigem! E eu a pensar que esgotara todas as sensações de deleite minutos antes, enquanto ele me fazia as tranças, tocava minha nuca, roçava seus dedos por minhas costas, devagar, devagarinho... Felizmente, tive o súbito impulso de atrair sua boca à minha. Um estremeção que nos deixou sem fala. Por pouco minha mãe não nos surpreende. Se não me componho depressa e desato a rir e falar, de atropelo... nem sei que seria. Ele não conseguiu dizer uma só palavra. Como outro dia, no quintal, ao chegar meu pai e nos encontrar de mãos dadas. Eu é que tive de responder por ambos.*

Pronto! Estava explicado o mistério! Era preciso fazer segredo por isso: é que a menina usava o caderno de receitas como uma espécie de diário, desses típicos de adolescente, que até hoje sobrevivem sob a forma das agendas escolares. Naturalmente, não ia querer que os outros soubessem. Ainda mais se sua vontade de transgredir ia além do latim e era capaz de fazê-la enveredar pelo caminho dos beijos roubados, das nucas tocadas, dos dedos roçando nas costas, devagar, devagarinho...

Mas esse caminho tinha o dom de também trazer Fabrício de volta, e Bia estava firmemente decidida a não se permitir ficar pensando nele. Fechou o caderno com decisão e foi até a mesa. Enquanto ligava o computador, pegou também o telefone. Ia adiantar o trabalho, escrever o artigo da semana, ocupar-se com coisas bem objetivas. Ou então, podia seguir a recomendação de Muniz e telefonar para aquele rapaz, o Juliano. Ainda não desistira da tentação de conseguir enxertar na novela uma ou outra de suas ideias.

No dia seguinte, bem cedo, o telefone tocou. Era Ana Lúcia, com uma voz

estranha, um tanto chorosa. Queria passar por lá na hora do almoço, precisava conversar. Problemas com o noivo. Bia tinha pensado em almoçar com Juliano, depois da conversa ótima que tinham tido pelo telefone na véspera. Ficara no ar uma sugestão forte de encontro, quase uma combinação de pedra e cal, dependendo só de que ele conseguisse adiantar o trabalho e pudesse sair, em vez de se contentar com um sanduíche rápido. Mas ela ia ter que desmarcar, não podia deixar Ana Lúcia na mão.

E pelo jeito, a amiga estava mesmo precisando desabafar. Já chegou com os olhos vermelhos por trás dos óculos escuros. Sentou-se no sofá e se debulhou em lágrimas, contando entre soluços a cena da véspera. O noivo tinha gritado com ela, chamado de ordinária, até ameaçado dar uns safanões, por causa de um sujeito que eles tinham encontrado num bar, na saída do cinema.

— Eu não sei nem o nome do cara, Bia! Ele é que conhece, é amigo de um pessoal com quem ele anda... A gente só sentou naquela mesa porque o bar estava cheio e eles chamaram o Giba, dizendo que tinha lugar lá.

Giba era o noivo. Vizinho, bancário, passageiro habitual do mesmo ônibus bissexto que vinha para a Zona Sul mal raiava o sol. Bia não sabia muito mais do que isso, a não ser que o namoro já durava algum tempo, as famílias faziam gosto e Ana Lúcia, sempre contando que os dois eram apaixonadíssimos, estava às voltas com o enxoval para o casamento. Agora, aquilo. Entre lágrimas, a moça continuava:

— E de repente, quando eu voltei do banheiro, estava aquela cena: o Giba em pé, de cara amarrada, jogando um dinheiro em cima da mesa dizendo que era a parte dele na conta. Aí ele me arrastou pelo braço, não me deu nem tempo de despedir das pessoas. Foi brigando comigo até em casa, dizendo que não é palhaço, que mulher dele não faz uma coisa dessas, que ele não admite, que só não quebrou a cara do sujeito porque os outros não deixaram, que de outra vez ele acaba comigo, e não sei que mais... Tudo aos berros, me mandando calar a boca cada vez que eu queria falar.

Bia tinha certeza de que havia perdido alguma coisa da história, enquanto se distraíra ligeiramente. Insistiu:

— Mas, afinal, o que foi que você fez? Desculpe, mas eu não entendi.

— Nem eu, Bia, eu juro... Não é isso que eu estou lhe dizendo? Nem você me acredita?

— Não, espere aí... Eu acredito que você não fez nada de mau... Mas alguma coisa inocente você fez, e ele não achou inocente. Isso é que eu estou querendo saber. Você não falou que queria minha ajuda? Pois então eu preciso

entender...

Ana Lúcia chorava de novo:

— Mas eu não fiz nada. A gente só estava ali conversando em volta da mesa, todo mundo. Aí um amigo do Giba contou um caso dum assalto que tinha acontecido com ele no ônibus, o pessoal todo começou a falar em assaltos e em ônibus... Aí o cara que estava do meu lado me perguntou se eu precisava tomar aquele ônibus também ou se eu trabalhava por ali. Depois perguntou em que é que eu trabalhava, eu falei. Ninguém sabia o que era isso de divulgação escolar, todo mundo foi parando para ouvir enquanto eu explicava, e eu fui falando da editora, dos livros, fui contando casos engraçados de colégio, todo mundo ria... Estava divertido, mesmo. O negócio pegou foi enquanto eu fui ao banheiro. Parece que o cara brincou com o Giba, dizendo que a noiva dele era muito inteligente, que ele não devia deixar ela solta por aí, que no meio desses meninos de colégio tem muito safado, sabe como é... Qualquer coisa assim. Aí, pronto, fechou o tempo. Mas eu não fiz nada...

— Só isso?

— E você acha pouco? Não posso nem conversar com as pessoas e o Giba já vem fazendo esse auê... — concluiu Ana Lúcia, agora raivosa.

Assim estava melhor, pensou Bia. O papel de vítima chorosa, na verdade, era meio irritante. E indigno de alguém com as qualidades de Ana Lúcia. Agora dava para tentar conversar:

— Mas por que você acha que ele ficou tão bravo? O cara era bonito? Estava se jogando pra cima de você?

— Bonito? Um sujeitinho muito comum, metido a moderno, de cabelinho clareado e cortado rente, que nem esses jogadores de futebol... Desse tipo que fica bancando o gostoso pra tudo quanto é mulher.

— Bom, aí já é algum motivo para despertar a raiva do Giba. E você?

— Eu não liguei a mínima. Estava curtindo era conversar com aquela galera toda, ver todo mundo prestando atenção, descobrindo que a noiva do Giba não é uma panaca qualquer, mas uma profissional, com uma vida interessante, andando por lugares que eles nem imaginam que existem...

Bia ia começando a visualizar a cena. E a recriar a situação. Foi um pouco mais além:

— Mas então o Giba devia era estar orgulhoso de você...

— É... se ele tivesse algum orgulho disso.

Ana Lúcia suspirou e acrescentou:

— Mas não tem. Nem um pingo. Quer é que eu pare, assim que der...

— Que você saia da editora?

— Não. Quer que eu pare de trabalhar geral. Não quer nem que eu faça o concurso. Diz que não dá certo esse negócio de mulher trabalhando. Ainda mais na Zona Sul. Vive dizendo que quando a gente casar eu vou ter que ficar em casa. Ou então, se tiver mesmo muita necessidade de trabalhar, vai ter que ser ali por perto, num lugar que ele escolher.

Constatando que Ana Lúcia conseguia ver com alguma clareza o que tinha realmente acontecido, Bia hesitava entre ir mais fundo e botar lenha na fogueira ou deixar as coisas serenarem um pouco, pondo panos quentes. Mas a amiga interrompeu seus pensamentos com uma exclamação sadia, sinal de que estava mais aliviada:

— Estou morta de fome! Você já almoçou?

— Não, eu ia sair para comer... Quer ir comigo?

— Não dá tempo, tenho que ir a uns colégios em Botafogo daqui a pouco. Não dá para a gente fazer alguma coisa na cozinha? — perguntou Ana Lúcia com a intimidade de quem arrumava estantes e tinha a chave da casa. — Nem que seja uns ovos mexidos com pão.

— O pão acabou e só tem dois ovos. Pode comer, eu saio e me viro.

Ana Lúcia abria e fechava portas, espiava dentro de armários, dava as ordens:

— Não, fica... Tem macarrão.

— E alho... — Bia riu.

Seu talharim ao alho e óleo era famoso. Não só por ser realmente gostoso, mas também pela frequência com que se repetia, já transformado em piada geral dos amigos mais íntimos, conhecedores da eterna incapacidade de planejar, típica de Bia como dona de casa.

— Pois então, vamos ao alho e óleo, que a fome é muita... — riu Ana Lúcia, já enchendo a panela de água, enquanto Bia começava a descascar e picar dentes e mais dentes de alho.

Entre risadas, foram voltando ao assunto, devagar, já desanuviado o clima carregado do começo da conversa. Ana Lúcia citou outros exemplos do ciúme de Giba, alguns dos quais Bia já ouvira. E depois se concentrou mais na implicância dele com o trabalho dela.

— Não sei como é que vai ser quando a gente casar... — concluiu. — Porque eu não pretendo mesmo parar de trabalhar. Ainda mais se passar no concurso e tiver um emprego bom, garantido...

— Você devia dizer isso a ele — lembrou Bia.

— Já disse, montes de vezes, mas ele não acredita, acho que não me leva muito a sério nessas coisas.

— Por quê?

— Sei lá... — disse Ana Lúcia, dando de ombros, enquanto acabava de pousar os dois pratos entre os talheres na mesa da cozinha. — Vai ver, é porque sabe que eu gosto dele, estou sempre querendo agradar, acabo fazendo o que ele quer... mas não sei se é mesmo por causa disso.

— Pois sente-se aí, fique sossegada esperando eu trazer essa massa quentinha, e enquanto isso examine com cuidado a situação para ver se descobre por que ele faz isso — fulminou Bia. — Nem precisa me dizer nada, se não quiser. Mas em algum momento vai ter que dizer para você mesma. E quanto antes, melhor.

Quando começaram a comer, depois das primeiras garfadas e um suspiro de *que delícia!*, Ana Lúcia disse:

— Bia... obrigada pela força... Não pense que eu não estou vendo a situação, mas é difícil... Eu adoro o Giba, sabe? Eu sei que esse ciúme dele ainda vai me fazer sofrer muito mais. Mas eu entendo ele ser assim. Eu também sou ciumenta, não gosto nada de saber que ele está a toda hora se metendo com outras mulheres... A gente tem ciúme porque se gosta... É natural, um tempero do amor, como dizem. Você sabe disso. Com você e o Fabrício foi a mesma coisa...

“Não foi!”, quis gritar Bia. “Era completamente diferente!”

Mas não respondeu.

— Desculpe, falei sem querer... — continuou a outra, percebendo a ligeira crispada no rosto da amiga. — Eu sei que você não quer ficar lembrando dele. Vamos mudar de assunto? Como é que vai o trabalho com a televisão?

— Vai bem. Agora a série tem nome. Vai se chamar *Ousadia*...

Ainda com uma pontada no coração, Bia embarcou no assunto novo que se oferecia. Contou como tinha sido a última reunião, como ela e Virgílio tinham ficado de noite vendo cartões até tarde, falou no caderno de receitas que ele lhe emprestara. Acabou encarregando Ana Lúcia de um servicinho para o sábado seguinte, em que ela iria a Paraty conferir uma pousada que tinham inaugurado recentemente.

— Aliás, eu queria que você me fizesse um favor. O caderno está dentro daquele envelope pardo desbotado, na segunda prateleira à esquerda. Você procura com cuidado tudo o que for comentário que a menina escreve embaixo das receitas. E vai copiando, digitando direitinho no computador, depois imprime. Isso se for pouca coisa, eu ainda não sei. Mas pelo que vi, fiquei

achando que é pouquinho... Dá uma olhada geral antes. Se for muito, o melhor é marcar tudo e levar até uma copiadora. Tira xerox só desses trechos, não preciso do resto.

Enquanto tiravam a mesa, explicou:

— Eu estou querendo ler, mas acabo me dispersando e fico distraída lendo as receitas, que não me interessam de verdade. Assim, se estiver tudo em poucas folhas, meu tempo rende mais. E posso até levar de um lado para outro. Talvez eu tenha que ir à Argentina na semana que vem, e levo para ler na viagem. Vão inaugurar uma linha direta de São Paulo para Córdoba, o jornal quer uma reportagem... Nova alternativa de turismo internacional no Cone Sul, sabe como é...

No fim do almoço, Ana Lúcia saiu mais leve, sem choro e quase sem raiva. Bia ficou, trabalhou um pouco.

No fim da tarde Juliano passou lá. Sobre os detalhes de camarotes e tombadilhos de um paquete em viagem à Europa, no século XIX, ela não tinha quase nada a dizer a ele. Não conhecia o assunto, não encontrara nada que pudesse servir como descrição. Mas queria um aliado naquela equipe do roteiro, e simpatizara com Juliano desde a cena entreouvida do corredor. Conversaram sobre filmes de época em que havia cenas de viagem, ela deu sugestões de leituras onde poderia haver algo. No geral, Bia achou que foi um encontro muito agradável.

E quando já estava se levantando para levar Juliano até a porta, na hora da despedida, ocorreu-lhe que nada daquilo era de sua competência. Na verdade, havia um grupo de pessoas fazendo pesquisa de época para informar os roteiristas. Ela não tinha a menor utilidade para isso. Não podia ser essa a função que Muniz esperava dela quando sugerira o encontro. O que seria, então? Seu olhar novo, de viajante? Suas ideias interessantes? Só se fosse na área da literatura. Teve um impulso e tocou no assunto:

— Eu soube que o Muniz andou mandando você ler um monte de romancistas do século XIX...

Falou meio constrangida, não queria evocar a cena que flagrara, mas quando viu já tinha falado. O rapaz riu, com um jeito de quem não estava ligando para a lembrança, até achava graça:

— Maluquice dele. Berrou essa ordem no meio de um escândalo que fez, porque eu tinha escrito uma cena que ele achou comprida demais. Ele é assim mesmo, todo mundo já conhece. Late muito mas não morde. Mas eu acho que essa recomendação não é pra valer. Na hora que a gente começa a escrever, não

dá tempo nem de ler jornal, quanto mais um monte de romances.

— Não precisa ler um monte... Lê só Machado de Assis, no máximo Alencar, se der... São os que escreveram diretamente sobre o Rio nessa época. E Aluísio de Azevedo, claro, que mostrou os cortiços, as pensões, os pobres, e mais o pessoal que explorava o trabalho deles... Um universo bem diferente... — insinuou, como quem não quer nada.

— Obrigado pela dica, mas não vai dar tempo. E já tem muita gente mexendo com pesquisa na equipe, não faz a menor falta. Posso até ler um dia, pra mim mesmo, mas agora não vai dar.

Chegando à porta, de repente, ele se virou e perguntou:

— Já que você falou nisso, Bia, me diz uma coisa: e estrangeiro? Se for pra ler um só, quem é que eu leio?

Ela hesitou. Difícil escolher, tanta coisa boa... A lista de sugestões de Muniz tinha sido ótima, ela lembrava. A única coisa que se aproveitava daquela gritaria toda. E ainda havia Stendhal, claro. E mais alguns que não se esqueceram dos eternos invisíveis — Thomas Hardy, Zola... Aquela americana fina e sutil, a Edith Wharton, que afinal chegara ao grande público quando filmaram seu romance *A idade da inocência*... Porém, apesar de tantas lembranças, Bia ainda vacilava em fazer uma indicação. Leitura é escolha de cada um, não queria impingir nada, fazer uma sugestão leviana.

— É que eu estou com um problema, sabe? — explicou Juliano. — Tenho que fazer as cenas de viagem, e não conheço quase nada da Europa nem da literatura europeia. Muniz me disse para falar com você, o Tales me dá uma mão, mas podia valer a pena eu tentar arrumar um tempo e ler pelo menos um desses caras, um bom, que me jogasse bem dentro do clima... Me fizesse viajar no tempo, mas com um olhar de hoje, como o Muniz falou que você faz.

— Henry James! — lembrou Bia. — Tem que ser ele. Não é exatamente literatura europeia, ele era americano, viveu na Inglaterra. Mas viajou muitíssimo pela Europa, desde pequeno, e viu como ninguém as diferenças de um lado do Atlântico para outro... Se você tem que escrever sobre gente que viaja pela Europa no século XIX, é com ele mesmo: navios, hotéis, pensões, estações de trem, está tudo ali. Além disso, tem alguma coisa única que ele consegue captar, digamos assim, na alma ou no psiquismo desses viajantes, um certo individualismo muito interessante que estava nascendo. Uma marca da época. Num conto é uma professora sem dinheiro que sonha um tempão em viajar e sabe tudo sobre a Europa mas, quando os alunos se cotizam para ajudá-la, mal ela desembarca, cai em mãos de espertalhões. Em outro conto, é a jovem

americana esnobada pelos europeus porque se dá bem com todo mundo, confraterniza com qualquer um e ainda sai de noite com amigos, sem senhoras respeitáveis para acompanhá-la. Ou então ele escreve sobre moças que passeiam sozinhas de dia, apenas com um cachorro, sem nem ao menos abrir o para-sol para se proteger da indiscrição alheia. James tinha sempre um olhar atento para os contrastes entre os velhos valores e os novos comportamentos, que ficavam muito evidentes nesses ambientes de viagem, quando se reuniam pessoas de origens diferentes...

— Obrigado pela dica, vou ler. Deve ser interessante — concordou Juliano.

— Mas, principalmente — continuou Bia, com entusiasmo —, leia Henry James porque é uma alegria ver alguém escrevendo assim. O texto dele tem uma qualidade que, ao mesmo tempo, deixa qualquer um que escreve morrendo de inveja e num estado de exaltação. Padrão nota dez. Você vai ver só. Ele tem sempre um jeito pouco autoritário de escrever, flutuante, sei lá como se classifica isso, mas é alguma coisa que deixa o leitor desconcertado, sem certezas, sendo levado ao sabor dos parágrafos, tendo que acompanhar o improviso sem perder as variações sobre o tema. E ele vai conversando com esse leitor, transportando-o aos poucos pelo meio de situações enigmáticas mas carregadas de sentidos. Absolutamente fascinante! Uma festa para a inteligência.

Voltou ao escritório, foi até a estante, pegou uns quatro livros, entregou ao rapaz e disse:

— Tome aqui. Leia o que quiser. Não tem erro. E quando acabar, você vai estar por dentro da alma daquele final do século. Vai ter visto coisas que o Muniz nem desconfia. Porque aquela sociedade se mexia, Juliano, por debaixo daquele monte de festas, viagens e frivolidades. E como você vai perceber, Henry James parecia estar mostrando só o que o Muniz quer mostrar... Mas sem fazer discursos ou tratados, ia revelando tudo nas entrelinhas, sabia perceber as sombras e nuances no jogo daquelas pessoas, sabia ver o invisível, que comandava todas as mudanças que estavam acontecendo. E está tudo aqui...

7

Quando Bia disse a Virgílio que ia passar dois dias em Paraty, ele se animou todo. Não chegou a ser convidado, mas se convidou. Acabaram indo juntos. Para falar a verdade, os dois estavam gostando muito de estar juntos, apesar de cada um ter lá sua dose de pé-atrás. Então foram. E acharam bom — como diria a Bíblia em outro contexto.

Mas o fim de semana acabou sendo muito mais do que apenas dois dias gostosinhos. Trouxe uma mudança de qualidade. Pelo menos, foi o que Bia percebeu quando se deu conta de que tinham entrado na fase de se contar mutuamente casos da própria vida. Sinal claro de que estavam indo além do presente e incorporando a extensão do tempo naquilo que estava acontecendo entre eles, fosse lá o que fosse. Sempre uma decisão arriscada.

Sábado de noite, quando depois de muito caminhar entre sobrados e lampiões estavam voltando para a pousada, os passos ressoando pelas pedras antigas das ruas, ela de repente fez um balanço mental e descobriu que, surpreendentemente, ouvira de Virgílio as mais variadas lembranças. Divertidas, duras, dolorosas, elas tinham vindo se somando durante o dia e estavam compondo uma oferta generosa. Como se ele lhe dissesse: “Tome, esta é minha história, é o que eu tenho para lhe dar.”

No decorrer daquele sábado, Bia ficara sabendo da infância de Virgílio na beira da praia e depois na Tijuca, subindo em goiabeiras ou pescando no rio Trapicheiro, das aulas matadas pelas ladeiras que levavam o adolescente a novidades de todo tipo no morro do Salgueiro, das descobertas nas pranchetas da Faculdade de Arquitetura no Fundão. Ouviu lembranças dos irmãos dele, dos amigos, do casamento, do divórcio, dos filhos, das dúvidas profissionais. Mas o mais significativo não era o conteúdo dessas histórias. Ela compreendia que todas se somavam e queriam dizer uma coisa: que ele estava disposto a abrir umas janelas em sua vida, para que ela olhasse lá dentro. Talvez até umas portas para que ela entrasse.

E Bia? Não sabia. Achava que talvez a menor fresta entreaberta só fosse revelar que era habitada por Fabrício. Que o que se via de fora era só um jardim, até florido e acolhedor, mas incapaz de agasalhar e dar abrigo. Sentia, porém, que estava chegando a um ponto em que não era leal continuar sem falar. O

silêncio começava a ser uma forma de ocultamento. Quase de mentira. Ia ter que contar. Fazer o que sempre tivera o maior cuidado de evitar, em todas as suas relações ocasionais, até mesmo como defesa, para garantir que continuassem apenas ocasionais. E que eram completamente diferentes daquilo que a ligava a Fabrício, aquela cumplicidade de alma aberta e mente escancarada, capaz de conversar tudo e encarar qualquer verdade, por mais dura que fosse.

Mas agora não era justo. Virgílio estava lhe dando sua história de presente. Merecia que ela deixasse de ser tão zelosa, tão trancada em si mesma. Negar-se seria uma forma de mesquinharia. A não ser que tivesse certeza de que não queria daquele encontro nada além do que um fim de semana como aquele já estava lhe dando. E era obrigada a reconhecer que tinha dúvidas. Nesse caso, alguma coisa ia ter que contar. Pelo menos a principal. Ia ter que falar em Fabrício.

Depois que se recolheram, ficaram sentados na varandinha do quarto, aproveitando a calma da noite. As luzes suaves jogavam nas fachadas coloniais o rendilhado de sombras das grades das sacadas. O silêncio escuro parecia vir de todos os séculos anteriores. De repente, ela respirou fundo, hesitou, mas resolveu ser direta:

— Virgílio, tem uma coisa que eu quero te dizer...

— O quê?

— Tem um cara que é muito importante para mim...

— O quê? Um namorado? Você me disse que não era casada.

— E não sou. Mas ele também não é meu namorado. A gente namorou um tempão, mas estamos separados há algumas semanas.

Ele cortou, incisivo:

— Você ainda está saindo com ele? Porque se acabou, não quero saber. Prefiro que você não me conte nada.

Ela ficou um pouco em silêncio. Se ele não queria, não precisava contar. Uma boa justificativa para se fechar de novo. Sabia, porém, que não era tão simples. Voltou a falar:

— Eu também preferia não contar, Virgílio. Mas também não quero esconder. Eu não estou saindo com ele, mas não acabou exatamente. A gente está dando um tempo, ele viajou para um curso nos Estados Unidos, não sei como vai ser quando ele voltar. Mas eu penso muito nele.

Saber disso deixou Virgílio de repente com vontade de brigar por ela, apesar das dúvidas que tinha, e do jeito algo indiferente que parecia adotar, deixando o barco correr à deriva. Resolveu sair pela tangente, brincando:

— Pois eu penso muito em você, e acho que você também pensa em mim de vez em quando, apesar do Muniz ter dito que nós somos duas ideias impensáveis.

Ela sorriu:

— Impensável no século XIX era essa expressão. Ninguém *pensava* uma ideia, *pensava-se* uma ferida. Quer dizer, cuidava-se de um machucado. Nos outros casos, acho que era sempre *pensar em* alguma coisa. E com toda certeza, sempre se pensou em algum comportamento pouco convencional, como os nossos, a que o Muniz estava se referindo. Acho que é isso, o pensamento sempre houve. A coragem de ousar é que foi mais rara, mas houve também. Não vejo nada de mais na gente, hoje, gostar de viajar e cozinhar. É só brincadeira do Muniz. Todo mundo tem ideias para se portar de um modo diferente. Não tem mistério. O difícil é passar à prática, partir mesmo para um comportamento novo, inventado...

E era aí que entrava a situação com o Fabrício, lembrou, suspirando. Mas antes de continuar, Virgílio falou:

— Quer dizer que, então, *impensável* seria *incurável*...

— Não deixa de ser... Ou, pelo menos, *intratável*... — concordou ela. — E o que eu quero lhe dizer, o que eu acho que tenho que trazer francamente a esta conversa, é que eu acho que minha ideia impensável é o Fabrício. É nele que eu não devo ficar pensando, e é dele que eu não me curo.

— Mas você não é a dele, pelo visto...

— Talvez seja... estamos querendo descobrir. Posso contar?

Virgílio amarrou a cara um pouco, mas concordou:

— Se você faz tanta questão...

Foi até o frigobar, pegou duas garrafinhas de uísque, gelo, umas castanhas de caju e foi servindo enquanto ela começava a falar.

Primeiro, Bia falou em Fabrício como pessoa. Omitiu as mãos fortes, as palmas largas, os dedos longos e os movimentos finos e habilidosos que eram capazes de fazer. Omitiu os olhos de mel, o sorriso malandro, a pele bronzeada, o cabelo despenteado. Omitiu qualquer detalhe físico. Mas contou que Fabrício trabalhava com informática, morava no Tambá e tinha começado a ensinar computação para a garotada da favela do Vidigal. Difícil saber quem gostava mais, se os alunos ou o professor. Foi se entusiasmando com as lembranças. Virgílio cortou, ríspido:

— Eu não preciso saber tudo da vida do cara, Bia. Aliás, eu não faço questão de saber nada. Você só está falando porque quer, mas eu preferia que

fosse mais objetiva, para a gente encerrar logo esse assunto.

— Está certo, valeu o toque... — disse ela. — Vou me concentrar só no que pode afetar a nós dois, a você e a mim.

Contou então que Fabrício e ela estavam juntos havia quatro anos, embora não morassem juntos. E que tinham uma relação intensa, mas não exclusiva. Era muito difícil falar nisso, sentia ela. As pessoas tendiam a não entender, a olhar como uma brincadeira ou como uma espécie de sacanagem consentida, e não era nada disso. Ou então, imaginavam que Fabrício conseguira convencê-la a aceitar o comportamento machista tradicional, de ter várias namoradas, sem que a mulher reclamasse. Bia estava acostumada com essa reação. Não se surpreendeu quando Virgílio saiu de seu silêncio para fazer uma insinuação nesse sentido.

— Não, Virgílio. Não é uma coisa de mão única. Eu também saio com outras pessoas.

— E ele sabe? Aceita? Você vai me desculpar, Bia, mas esse cara...

Ela interrompeu, antes que fosse formulada alguma expressão sem volta.

— Cuidado, Virgílio, não ofenda. É claro que eu não fico saindo com amigos dele, nem com gente do mesmo círculo em que a gente anda. E ele faz o mesmo. É uma questão de lealdade, respeito mútuo. Não ficamos dando bandeira, não somos vistos em público com outras pessoas, nada que possa ferir um ao outro, gerar um comentário maldoso de alguém. A gente tem uma lealdade absoluta um com o outro, mesmo não respeitando a tal da fidelidade. Nem fingindo respeitar, como faz tanta gente... As coisas são conversadas, nós temos uma cumplicidade um com o outro.

— Vocês contam tudo um para o outro? — ele agora estava sinceramente curioso.

— Não exatamente tudo, não é preciso ficar fazendo propaganda... — explicou ela. — Mas um não mente, se o outro pergunta. E, se acha que é o caso de dizer espontaneamente, mesmo sem ser perguntado, diz.

Ele examinou um pouco aquelas ideias, depois perguntou, incrédulo:

— Quer dizer, então, que vocês acham que homens e mulheres são iguaizinhos nessas coisas e você pode fazer tudo o que ele faz?

Ela suspirou:

— Quem dera... A gente sabe perfeitamente que homens e mulheres são iguais em algumas dessas coisas e muito diferentes em outras. Quer dizer, ele fica perfeitamente à vontade conhecendo uma mulher que o interesse e indo para a cama com ela em seguida, sem nunca mais voltar a ver. Isso nunca me aconteceu. Eu preciso conversar antes, conhecer um pouco, tem que pintar um

clima... e depois fico querendo ver de novo. Quer dizer, é muito menos frequente eu usar essa liberdade que a gente se dá. Mas é muito mais arriscado. Não sei se ficou claro.

— Ficou, de um modo geral. Só não sei é como dá para você achar que sai com um outro cara para jantar, dançar, sei lá o quê, conversar, e ninguém fica sabendo nem vai ficar fazendo comentários sobre ele. Na minha opinião, não existe esse tal de respeito mútuo que você mencionou. Pelo que você está me dizendo, vocês se traem e se enganam. De repente, numa festa, pode pintar uma situação em que está um cara com quem você anda saindo e ele não sabe, ou uma garota que tem um caso com ele pelas suas costas.

— Um segredo em que o outro está por fora? Não...

— Duvido. Não me leve a mal, mas acho que apesar de toda essa conversa, não existe tanta lealdade assim entre vocês dois.

— Você esquece que eu viajo muito, faz parte da minha profissão. Mas quando estamos juntos, não é preciso mais ninguém. E não existe isso de namoro paralelo, de caso... São encontros ocasionais, em outras esferas, outros cenários... Não ficam se repetindo. E não envolvem pessoas do mesmo círculo: isso é sagrado.

Apesar da incredulidade de Virgílio, Bia continuou explicando. Simplesmente, um não queria ser a jaula do outro. Achavam que quem ama não prende. E sabiam que o mundo é cheio de tentações... Para ambas as partes.

— Desculpe, mas vocês não têm ciúme?

— Claro que temos! Ou você pensa que dá para imaginar alguém que a gente ama com outra pessoa e não ficar enlouquecido?

— Mas então, como é que concordam? Ou a gente não gosta de alguém, e então não liga, ou gosta e não admite. Essa conversa civilizada toda é muito cerebral para mim... Não dá mesmo para entender...

Bia sabia que não dava. Mesmo para ela e Fabrício, que tinham ido aos poucos desenvolvendo isso na prática, muitas vezes era difícil. Quando tentava pensar nisso, ela às vezes achava que nesse ponto se entrava em outro terreno. O do preço que se está disposto a pagar por algo muito valioso. Em geral, não tentava explicar isso a ninguém. Nem sabia por que estava ali sentada, no escuro, tentando fazer Virgílio entender com clareza seu ponto de vista.

— Imagino que você não acredita em Papai Noel há muito tempo... — recomeçou ela.

Ele riu, algo surpreso com a mudança de assunto, mas ela prosseguia:

— Todos nós saímos dessa fase quando crescemos, porque a gente sabe que

nada é trazido misteriosamente para nossos sapatinhos durante a noite sem que a gente tenha que pagar nada, nunca. Então, é mais ou menos isso: eu adoro o Fabrício, mas não quero com isso decretar que o resto do mundo está morto. Então, para não perder uma oportunidade de estar, de vez em quando, com um homem interessantíssimo que não seja ele, tenho que pagar o preço de reconhecer que ele tem esses mesmos impulsos, vontades, tentações, o nome que se quiser dar... Se eu não quiser admitir o direito dele, tenho que estar disposta a abrir mão do meu. Mas só pode funcionar porque ele faz o mesmo. Na hora em que bate forte meu ciúme de uma eventual bunda empinada, o que vale é que eu posso me segurar na lembrança de uns olhos azuis me olhando do mesmo travesseiro de um hotel num outro país... É meio por aí.

Ficaram um pouco em silêncio. Virgílio se serviu de outro uísque, ofereceu, Bia não quis. Então ele fez a pergunta fatídica:

— Só faltou eu entender uma coisa. Se funciona tão bem e é tão perfeito, por que é que vocês estão dando um tempo?

Como ela não respondeu logo, ele insistiu:

— Porque no fundo, essa é a única coisa que me interessa mesmo nessa história toda. Por que você disse que ele é um ex-namorado? Afinal, vocês acabaram ou não? Porque eu não sou civilizado assim não, sabe? Nem um pouquinho, aliás. E se nós dois vamos ficar mesmo nos vendo mais vezes, saindo e tudo o mais, também tem uma coisa que eu quero que você saiba: não admito dividir mulher minha com ninguém.

Era disso que ela tinha que falar, sabia desde o começo. Mas não conseguia clarear nem para si mesma as razões exatas para ela e Fabrício não estarem juntos. Ia ficar para outra vez. Dessa, já tinha ido longe demais. Precisava de um alívio. Preferiu dar a resposta mais simples. Apenas o fato:

— É... Eu não fui mesmo muito clara. A verdade é que nós estamos separados — disse ela, levantando da poltrona de vime, como quem dá a conversa por encerrada e vai entrar.

— E agora não se fala mais nisso? — perguntou ele, desistindo do uísque e a puxando para seu colo.

— Não se fala mais nisso — confirmou ela, retribuindo o abraço.

“Pelo menos, enquanto não for preciso”, acrescentou para si mesma.

Mas para ele, não acrescentou palavra alguma. O corpo estava gostando tanto de estar ali entre aqueles braços, que num instante não havia lugar para nenhum outro pensamento. E Bia se deixou levar inteiramente pela sensação prazerosa de estar aninhada num homem grande, de pele morna, cheiro bom e

braços aconchegantes. Um homem que a levava para dentro do quarto, se deitava com ela, lhe alisava os cabelos, e repetia a cada pedacinho de corpo beijado uma doce litania de exclusividade:

— Quero você todinha, inteira, só pra mim, só minha, sempre...

8

Sempre acontecia isso. Bia imaginava que ia poder trabalhar um pouco no avião, rever anotações, ler um monte de coisas. Acabava levando uma papelada pesada na sacola de mão e mal dava uma olhadela. Não que faltasse tempo — em avião não se padece desse mal. Mas sempre faltava espaço. Ultimamente, ela nunca dava a sorte de viajar ao lado de um assento desocupado. Era capaz de jurar que a entidade “poltrona vazia” estava a ponto de se tornar algo tão completamente extinto quanto donzelas que coram ou amigos que trocam correspondência. E sem poltrona vazia, adeus trabalho. Primeiro, porque o vizinho é sempre indiscreto e, por menos que queira, até por falta do que fazer, acaba não resistindo e fica lançando olhares. Mesmo que ela sentasse ao lado de um estrangeiro incapaz de entender uma palavra do que estava escrito, o simples olhar curioso a incomodava. Mas a outra razão era ainda mais proibitiva: Bia não conseguia trabalhar sem um mínimo de espaço para espalhar papéis e relaxar num certo conforto. Sem falar que ficava constrangida de incomodar os outros e pedir licença para mexer no compartimento de bagagem sobre as poltronas. E quando sentava junto à janela, como acontecera nessa ida a Córdoba, acabava não ousando abrir a sacola de mão para tirar ao menos uma pasta ou envelope lá de dentro. Além do mais, o voo era curto. No pouco tempo que sobrara após a refeição ela se limitou a ler o livro que trouxera na bolsa. Só de noite, no hotel, passou os olhos num texto que Juliano lhe entregara. Aos poucos, o que antes fora apenas uma sinopse ia ganhando vida fora da cabeça de Muniz, as cenas iam criando a história e desenrolando a série. Cenas de noivado, preparativos para o casamento, escolha da casa em que o futuro casal ia morar. Tudo sempre entremeado com pequenos toques de ciúme da parte de Felipe, ora insinuando que Cecília olhara para alguém, ora achando que rira alto demais, que deixara o xale escorregar do ombro de propósito na saída do baile. E tudo devidamente mostrado pela câmera, que, no entanto, só revelava o fato, deixando a interpretação das intenções para o espectador.

Mentalmente, Bia anotou uma pergunta: e ele? Por que a câmera nunca mostra Felipe passeando o binóculo pela plateia de um teatro, em companhia de seu inseparável amigo Tiago, ou lançando uma piada maliciosa para uma caixeira que o atende numa loja ou ainda demorando seus lábios sobre uns dedos

mais tempo que o necessário, ao beijar a mão de uma mulher? Aliás, numa época de raros toques em público, e parcas oportunidades de contato, o beija-mão devia mesmo ser uma arte, pensou ela. A pressão com que o cavalheiro apertava os dedos da dama, o tempo que ela consentia em deixá-los esquecidos, o leve roçar dos bigodes, a trêmula pulsação que a mulher ousasse transmitir, tudo podia contribuir para fazer desse gesto de cumprimento um requintado momento erótico. Coisa inteiramente perdida em nossos dias. Como se perdeu, há muito menos tempo, o roçar clandestino de pés embaixo de mesas de jantar ou o tumulto íntimo que podia ser despertado pelo mero gesto de um rapaz que segurasse o braço de uma moça para ajudá-la a atravessar a rua. Bia lembrou, mal prendendo um sorriso, a história adolescente que sua mãe contava: muitas vezes saía do cinema com uma turma de colegas, e voltavam a pé vendo vitrinas pela avenida Copacabana, num vaivém entre uma calçada e outra, só para os meninos “guiarem” as meninas, atravessando para lá e para cá...

Bem que Bia tentou, porém não conseguiu ler quase nada, das tantas páginas que levou. Era tarde, estava cansada, nada era assim tão urgente. E, como sempre, a luz do abajur junto à cama não iluminava mais que uma lamparina votiva, sem condições de ir além da penumbra gerada por um pavio imerso em óleo num copinho vermelho numa capela do Santíssimo em alguma aldeia italiana. Ficava furiosa com isso. Quantas vezes se irritara com essa mesquinharia, comum até mesmo em hotéis de luxo, cheios de supérfluos e cobrando caríssimo, mas inteiramente alheios ao fato de que tem gente que gosta de ler na cama. Já escrevera um artigo inteiro celebrando o prazer de ler numa cama de hotel em cidade estranha. Reclamava tanto, que uma vez Fabrício a surpreendera: numa viagem, tirou de dentro da frasqueira, cuidadosamente embalada em sua caixinha protetora sem fundos, uma lâmpada de cem watts!

Esses pequenos gestos de Fabrício lhe faziam a maior falta. Amava a maneira detalhista com que ele observava um problema, o jeito concentrado com que ficava pensando, a forma inventiva e bem-humorada com a qual de repente o resolvia. Como se prolongasse no quotidiano o seu gosto por ourivesaria e pequenos reparos e quisesse manter o seu dia a dia bem azeitado. Do mesmo modo que salvava relógios e caixas de música emperrados — os quais desmontava, consertava e deixava funcionando novamente. Ela sabia que isso tinha a ver com o capricho que ele punha em tudo o que fazia, era natural nele, no limite do perfeccionismo que podia virar defeito e exigência desmedida. Mas era também outra coisa: uma manifestação daquele impulso generoso que o fazia prestar atenção nos outros, ensinar os meninos da favela vizinha a lidar com

computador, conversar com o garoto que vendia frutas no sinal, ser atencioso com uma voz estranha ao telefone, saber o time de futebol do jornaleiro ou o nome do verdureiro da Cobal, onde toda semana faziam compras. E, sobretudo, lembrava Bia com saudade, ele era atencioso com ela. Não uma atenção formal, de mesuras e rapapés, mas um carinho atento e permanente, que a fazia evocar palavras antigas, como *consideração,* e impregnava de afeto os gestos mais corriqueiros. Em vão procuraria isso em outros homens. Era da natureza dele, marca registrada de Fabrício.

Em Córdoba, saiu, andou pela cidade, foi a restaurantes e pontos turísticos. Fez um passeio até a serra, conferiu hotéis e piscinas, visitou malharias caseiras que faziam suéteres de *cashmere,* meteu-se a cavalo por bosques de pinheiros, caminhou até arroios e represas respirando o ar perfumado por cedros, ciprestes, eucaliptos e araucárias. Na volta, no avião, recapitulou o que tinha visto, esboçou rapidamente num caderninho umas anotações para a reportagem que ia escrever. Quando foi guardar as notas na bolsa, viu o envelope com as cópias que Ana Lúcia deixara preparadas para ela. No hotel, na hora de arrumar a bagagem, tinha separado os papéis com a vaga esperança de dar uma olhada durante o voo. Mas depois esqueceu. Resolveu olhar.

Achou estranho reler as primeiras anotações que já conhecia e não reencontrar a caligrafia da menina, desenhada, regular, inclinada para a direita sobre as páginas amareladas. Agora estava tudo contaminado de tecnologia, impresso em folhas branquíssimas, em tipos helvética 12, simples, na uniformidade do computador. Sentiu falta dos vestígios físicos da presença da menina, que havia mais de um século passara por aquelas linhas com sua mão adolescente, molhando a pena num tinteiro, espalhando um pequeno respingo aqui e ali, secando com mata-borrão. Mas talvez fosse mesmo melhor assim. Desse modo, Bia podia ler apenas o que estava escrito, e não se deixar seduzir por evocações nostálgicas.

Depois das observações que já lera, vinha um remédio caseiro, que Ana Lúcia preservara, ao copiar:

> *Para dor de cabeça — Aplicar rodelas de limão às frontes, e atar um lenço por cima. Manter as rodelas sempre frescas, substituindo por novas sempre que se fizer necessário. Não havendo limão, pode-se usar rodelas de batata. Mamãe diz que o melhor é evitar excesso de leitura, mas gosto de ficar a ler na cama, até muito depois da meia-noite, e com lamparina... para que ela não se zangue se eu acender vela. Na verdade, porém, sei que outra é a*

causa de me doer hoje a cabeça. É tudo culpa daquela beata papa-missas da mãe de B., que faz promessa para que outros a cumpram. E ele tem medo, não a contraria, apenas sonha em queixar-se ao bispo ou ao imperador. Eu é que padeço de dor de cabeça, de tanto refletir sobre como haveremos de fazer para que ela não nos afaste. Ele faz juras de casamento, promete-me uma casa no arrabalde para uma vida sossegada e bela, com flores, móveis e alfaias, uma sege e um oratório de jacarandá. Mas segue todos os ditames maternos, ou apenas ameaça com rompantes de emoção que seriam inúteis. É sempre incapaz de agir com reflexão e método. Quando lhe exponho minhas ideias, acha-as atrevidas. Custa-me convencê-lo que é necessário agir com inteligência — cousa que, às vezes, lhe parece dissimulação.

A anotação seguinte já vinha datada de outro ano, 1858, e era bem mais curta.

Aprendi essa barra de crochet *com Dona Glória. Tenho ido lá todas as manhãs, coser, marcar ou fazer renda. Falamos sempre de B., é uma forma de senti-lo perto, mesmo a distância. A prima dela é que parece não se agradar de mim, mal disfarça que apenas me tolera. Pergunta-me se não tenho o que fazer em casa e insinua que ajo apenas por interesse. Pensa que sou igual a ela, que vive de favores, como tantos outros parasitas naquela casa.*

Pelo jeito, houvera mudanças na vida da menina. Estava separada do namoradinho, tinha uma rivalidade com uma prima (de quem?) que surgia pela primeira vez. Essa dona Glória também era uma nova personagem da história. Ou seria a mãe dele, já mencionada antes mas não identificada? Os registros da menina eram curtos, com uma economia de linguagem quase cifrada, não explicavam muito. De qualquer modo, pouco a pouco, ia introduzindo novos atores. Além dela própria, já tinham aparecido a mãe, o pai, o namorado B. e sua mãe carola, e agora essa prima e essa dona Glória... Para não falar no bispo e no imperador... E nos “outros parasitas daquela casa”. Muita gente para tão poucas linhas.

De qualquer modo, era interessante. Talvez mesmo útil para *Ousadia.* Bia podia sugerir a Juliano aquele sonho de casa para os recém-casados, no arrabalde, com alfaias e oratório de jacarandá. E para o Muniz, que insistia tanto no “visual”, podia oferecer a figura de alguém tratando de dor de cabeça, com

rodelas de limão presas na testa e nas têmporas por um lenço... Ou a cena de mulheres costurando e fazendo rendas juntas, dentro de casa, conversando sobre o que acontecia nas vizinhanças — talvez um complemento para o coro de lavadeiras com que ele acenara numa das reuniões.

O avião já taxiava, Bia dobrou as poucas folhas de papel, guardou-as de novo no envelope e o enfiou numa abertura lateral da bolsa. Em casa leria o resto.

Mas em casa se esqueceu de tudo. Havia um recado de Fabrício na secretária eletrônica.

Dizia que estava com saudades, deixava um número de telefone nos Estados Unidos, pedia que ela ligasse — com todas as instruções sobre diferença de fuso horário para a costa oeste, como se ela não fosse acostumada com viagens. Para alcançá-lo de manhã cedo, como ele queria, ia ter que deixar para falar no dia seguinte, lá pela hora do almoço. Até lá, ouviria várias vezes a gravação na máquina, aquela voz que deslizava pelos seus ouvidos adentro, ia ao fundo do coração, a fazia florescer:

— Ei, gatinha, por onde você anda? Te procurei no fim de semana, liguei anteontem, ontem, nunca te acho... Vai ver, está viajando, e tomara que tenha sido bom. O jeito vai ser mesmo deixar um recado gravado. Quando você chegar, me liga.

Seguiam-se as explicações de números e horários. Depois, a tranquilizava:

— Não se preocupe, que está tudo bem. Eu sei que a gente combinou de não telefonar, a não ser em caso de emergência. Mas pode ficar sossegada, isto não é uma emergência! É só que eu queria te pedir um favor, então resolvi ligar. E também estava querendo ouvir tua voz. Está muito legal aqui, estou aproveitando muito, o curso é o maior barato, estou conhecendo montes de gente, mas estou com saudade. Me liga, tá? Um beijo.

Claro que ia ligar, na hora marcada. Só no dia seguinte. E antes disso, conferia os outros recados à sua espera. Antes de mais nada, três chamadas de Virgílio, insistindo para que ela telefonasse a qualquer hora, logo que chegasse, mesmo que fosse de madrugada. Queria falar com urgência e tinha uma surpresa para ela.

A urgência era a própria surpresa, como ela logo descobriu. Porque não havia nenhum motivo de trabalho, nem acontecera nada para que ele tivesse tanta pressa:

— Não, não houve nada, é só porque eu queria te ver logo. Senti sua falta, sabe? Fiquei pensando em você o tempo todo... Mas eu tenho uma surpresa, sim:

encontrei hoje umas alcachofras bem miúdas, novinhas e vou te fazer um prato especial, do século XIX, bem no clima certo... É, século XIX francês, claro, por aqui não tinha alcachofra naquele tempo... Só que tem que ser logo, para aproveitar que elas estão fresquinhas e tenras, assim ficam bem macias... Quer almoçar comigo amanhã?

Bia pensou que seria bem na hora de ligar para Fabrício.

— Amanhã no almoço eu não posso, já tenho um compromisso.

— E agora?

— Agora? Mas eu estou acabando de chegar. E já são quase onze horas...

Hesitava. Gostava da ideia de rever Virgílio, de receber dele um jantar especial como presente de boas-vindas. Ao mesmo tempo, estava um pouco cansada. E queria se concentrar para Fabrício no dia seguinte. Ele insistia:

— Você já jantou?

— Comi qualquer coisa no avião.

— Isso não é jantar. Vou cuidar de você. Posso sair do restaurante agora. Eu te pego aí em quinze minutos, está bem? Ou você prefere meia hora? E não se preocupe, é um prato leve, um misto de legumes dourados no azeite e cozidos rapidamente no vinho branco... Só para a gente se ver, matar as saudades, namorar um pouquinho... Depois você pode dormir lá em casa... Não quer?

Queria, sim. Surpreendente, mas queria. Nem sabia por quê. De repente, sentia uma alegria enorme de saber que era esperada, uma vontade de ser abraçada por Virgílio. Fabrício era para o dia seguinte. E de longe.

Não se desapontou. Não apenas com o singelo e delicioso jantar de peixe grelhado e legumes frescos. Mas, principalmente, com a sensação gostosa de estar chegando a um porto, onde não precisava ter sobressaltos nem apertos no coração. Não ficou acordada pensando em Fabrício, mas se aninhou em paz no peito de Virgílio, flexionando sua coxa sobre a dele, envolvida por seu braço, se deixando deslizar suave pelas ladeiras do sono. Não sonhou com o que podia estar ganhando nesse momento, ao ter escolhido estar ali, mas sua respiração serena lhe garantia que era algo bom.

É muito comum que os romancistas contem como seus personagens os surpreendem, de vez em quando, agindo por conta própria. E é verdade, a gente não manda neles e tem que permitir que sigam por onde queiram. De certo modo, essa experiência de criar vidas alheias se parece muito com o trabalho do sonho, e este é um bom momento para lembrar isso, enquanto Bia e Virgílio adormecem sem sonhar. Não adianta querer dar ordens a um sonho, ele vai para onde bem entende. A única coisa que se pode fazer é soltar o inconsciente para

que se derrame pelos seus caminhos afora. Eu estava imaginando a Bia meio diferente, mais presa a essa lembrança de Fabrício distante, o homem a quem ela tanto ama e há tanto tempo. Menos vulnerável a ocasionais encantos que cruzassem seu caminho. Ou apenas se permitindo aproveitar a superfície deles. Mas essas coisas surpreendem e se aprofundam quando menos se espera. São muito arriscadas e não dá para brincar com elas. Pelo menos, é o que digo eu, que não estou apaixonada por nenhum dos dois e consigo ficar de fora, vendo a situação se desenrolar e fazendo considerações sobre o assunto.

Mas digo isso também porque não quero mentir para quem me lê, não além do inevitável ato de fingimento que é qualquer ficção. É honesto lembrarmos que essas vidas são inventadas, essas situações são criadas, mas nosso encontro nestas páginas, seu e meu, é real. Entrando no século XXI, não tenho nenhuma vontade de fazer como os autores tradicionais do romance do século XIX, que fingiam estar longe dali. Machado de Assis não conta, esse era um revolucionário, fazia questão de mostrar o tempo todo que estava apenas narrando e expunha conscientemente essa construção. Não fingia carregar o leitor para um outro mundo, mas lhe recordava a cada instante que tratava de um mundo imaginário, ao qual o acesso só é possível pela palavra. Mas não é a atitude típica. O comum é ser como Flaubert, por exemplo, que recusa qualquer interferência, tentando enganar o leitor e fazê-lo crer que a história existe sem a presença de um narrador: “O autor deve estar na sua obra como Deus no universo, presente em toda parte mas visível em parte alguma”, dizia ele.

Hoje nós podemos dispensar esse jogo de ilusão, ainda que ele não seja substituído pelo encantador jogo de sedução permanente que nos cativa em Machado de Assis, ao pontuar toda a narrativa. Basta de vez em quando recordar, como fez Aldous Huxley em *Ponto e contraponto*, que certos tabus não se justificam mais: “Mas será que o autor precisa ser tão ausente e distante? Eu acho que hoje em dia estamos ficando melindrosos demais a respeito dessas aparições pessoais.”

Afinal de contas, talvez a maior virtude do gênero narrativo seja sua flexibilidade infinita. Não há por que não aproveitá-la. Como leitora, confesso que muitas vezes me sinto enriquecida por um autor que ousa recorrer a ela. Como faz John Fowles em *A mulher do tenente francês*:

> *Eu não sei. Esta história que estou contando é pura imaginação. Esses personagens que criei nunca existiram fora da minha mente. E se até agora fingi que sabia o que se passava pelas cabeças deles, e conhecia seus*

pensamentos mais íntimos, é só porque estou escrevendo (da mesma forma que assumi parte do vocabulário e da "voz" da época) numa convenção universalmente aceita na época em que se passa minha história — a de que o romancista se situa ao lado de Deus. Pode não saber tudo, mas tenta fingir que sabe. Mas eu vivo no tempo de Alain Robbe-Grillet e Roland Barthes. Se isto é um romance, só pode ser um romance no sentido moderno do termo. (...) Talvez seja só um jogo. (...) Ou talvez eu esteja querendo lhe impingir um livro de ensaios disfarçado... o que você quiser. (...) Um personagem ou é "real" ou "imaginário"? Se você acha mesmo isso, hypocrite lecteur, *só me resta sorrir. Você nem mesmo pensa em seu passado como algo muito real; você o enfeita, o cobre de dourado ou de negro, o censura, faz uns remendos nele... em suma, faz dele uma ficção e o põe na prateleira — é seu livro, sua autobiografia romanceada. Todos estamos o tempo todo fugindo da realidade real. Esta é uma definição básica do* Homo sapiens.

Por isso, como autora, me permito esta intromissão agora, para confessar que eu também esperava que nossa personagem fosse ficar em casa, dormir sozinha e passar a manhã contando os minutos que a separavam do momento de ligar para Fabrício. Mas, como vimos, não foi isso o que aconteceu. De fato, Bia acabou até quase perdendo a hora, porque Virgílio e ela acordaram tarde, mergulharam de novo um no outro, e durante algum tempo (não muito, mas verdadeiro) ela chegou a esquecer completamente que Fabrício existia. Voltou para casa quase ao meio-dia, cantarolando pelo elevador.

Nada disso impediu que adorasse conversar pelo telefone com Fabrício, ouvir a voz dele, as frases doces que falavam em saudade e que ela não contava ouvir tão cedo — embora desejasse e muito.

Ele disse que estava tudo bem, tinha certeza de que muito breve os dois estariam juntos de novo, que esse tempo longe estava sendo excelente para que as coisas clareassem, ele pusesse as ideias no lugar... Ela ficou um pouco reticente sobre isso, queria muito que fosse verdade, mas tinha medo de alimentar esperanças e se machucar de novo. Então preferiu não falar e apenas ouvir. Contou rapidamente sobre o novo trabalho com a televisão, falou na viagem a Córdoba. E ficou esperando que ele pedisse o favor que mencionara no recado. Era simples:

— Bia, eu queria que você desse uma passadinha no banco e falasse com a Tânia, ou qualquer outra pessoa da gerência, para ver se entrou um depósito para

mim. É que eu deixei uns cheques com o Artur para ele ir fazendo os meus pagamentos e não sei quanto ainda tenho de saldo. Andei usando o cartão de crédito por aqui e estou meio preocupado, porque vai bater direto no débito automático dia 20.

— Pode deixar. Eu passo lá e falo com ela. Se não tiver fundos, eu cubro. Você quer que eu deposite quanto?

— Eu não sei se vai mesmo precisar. Aquele pessoal de São Paulo tinha ficado de me pagar e depositar na conta, mas pode ter havido algum contratempo. Você verifica para mim?

— Claro! Quer que eu tire um extrato com o cartão e te mande um fax?

— Perfeito! Até esqueci que você tinha um cartão... Foi uma ótima ideia a gente ter as duas contas conjuntas... Afinal de contas, eu já fiz isso tantas vezes para você nas suas viagens... Por isso agora estou pedindo. Posso, não posso?

— Evidente que pode, Fabrício...

— E se não tiverem depositado o dinheiro e precisar cobrir com algum depósito, talvez seja melhor resgatar daquela nossa aplicação do fundo. O que é que você acha?

Conversaram mais um pouco sobre isso e depois desligaram.

Bia mais uma vez ficou pensando sobre essa parceria integral que eles vinham construindo pelos anos afora. Contas conjuntas, acesso de um a toda a vida financeira do outro, sociedade para comprar um terreninho na serra ou fazer outros investimentos, coragem de contar os sonhos mais desvairados e os medos mais absurdos. Sobretudo, coragem de não mentir e ir revelando os encantamentos que surgiam para cada um, na paisagem à beira do caminho, enquanto seguiam para algum destino comum. Porque essa honestidade também nunca lhes faltou — ninguém fingia que é possível viajar pela vida sem olhar para os lados.

Agora era diferente, estavam estreando outro pacto, estudando uma renegociação de contrato, com cláusulas novas. Desde que ele resolveu se demorar numa estação onde saltara para um lanche rápido e perdeu o trem onde ela seguia, a situação tinha mudado. Nada foi escondido, as coisas foram sendo ditas à medida que aconteciam, não dava para chamar ninguém de filho da puta. Mas dava muita tristeza porque os dois bem sabiam que ainda estavam longe de chegar ao fim de seu percurso juntos, mas ele fora interrompido de fora para dentro.

Havia um jeito racional de olhar esse momento, e ambos se esforçavam para que essa visão dominasse, já tinham sempre e tanto conversado sobre esse tipo

de coisa. É da vida. Paixão acontece a qualquer um, quando menos se espera. Quem ama não pode ser a prisão do outro. O mais sensato é dar um tempo. Viver isso que está surgindo. Ver o que acontece. Esperar que se desgaste no dia a dia ou que vire amor de verdade. E lá se fora ele para fazer seu curso no exterior, em companhia da colega de trabalho que de repente entrara em cena. Talvez não estivesse exatamente vivendo em companhia dela, dividindo o mesmo espaço — esses detalhes Bia dispensava. Mas os dois estavam num mesmo programa de aperfeiçoamento, ao mesmo tempo, numa cidade estrangeira. E ela nunca podia dizer que fora traída, porque sempre soubera de tudo.

Mas o que Bia ia descobrindo na angústia das insônias é que não há jeito racional de evitar a dor. E doía muito, o tempo todo, um espinho encravado e inflamado que não se deixa esquecer e que, no mais leve instante de distração, logo sofre um esbarrão e se faz lembrar numa explosão cintilante.

Não era dona de Fabrício, claro. Não queria prender, evidente. Além do mais, vivia num tempo em que a consciência feminina e o mercado de trabalho permitiam ser independente e não ter que engolir calada as afrontas de quem lhe garantisse o sustento. Não se tratava do velho clichê tradicional e machista que manda a mulher fechar os olhos às aventuras do marido. Então, as categorias podiam ser outras. Não dependia dele. Não era obrigada a aceitar nada. Aceitava porque queria — lhe recordava sua voz íntima, tênue mas firme. E, se contra toda sua razão, a emoção lhe dizia que se sentia como sendo dele, então sua consciência pós-feminista a deixava arrasada, humilhada, envergonhada. Como podia abdicar de uma parcela de si dessa maneira e ficar tentando entender o que ele estava fazendo? Às vezes até aceitar, desculpar... Para onde fora seu amor-próprio? Em que pessoa reles e desprezível estava se transformando? Em alguém que perdia o respeito por si mesma ao ponto de saber que Fabrício estava com outra mulher porque a estava preferindo nesse momento e, mesmo assim, não conseguia romper com ele? Um lado seu tinha sido de emoção pura, com ímpetos de agressão física e reação animal. Mas conseguiu se segurar. Não podia se permitir agir assim. E suas atitudes estavam sendo racionais, compreensivas, inteligentes. Um comportamento moderno. A dor é que era primitiva e ancestral. Dor de fêmea a querer uivar na noite da tribo, cravar garras e presas mais que unhas e dentes. Preterida, mesmo que fosse momentaneamente, como ele insistia em insinuar. Consumida e descartada — como mais uma mercadoria obsoleta nesta sociedade de modismos.

Quando pensava nisso, tinha raiva. Mais que ciúme, talvez. Raiva de que alguém a pudesse fazer sentir tanta dor. Raiva de que Fabrício, logo ele,

justamente o homem que ela amava e que tinha certeza de que a amava, tivesse sido tão leviano, tão inconsequente, feito menino criado sem limites, acostumado a passar a mão no dorso dos gatos com que cruzava na rua e que de repente achasse que podia brincar de fazer carinho num tigre só pela emoção maior. A emoção do desafio suicida, de brincar de roleta-russa. No fundo, uma coisa muito estúpida e ela via isso com muita clareza, percebendo como essa constatação corroía a admiração que sempre tivera pela inteligência de Fabrício. Afinal, o jogo tem regras, escritas ou não. E dá para saber quando se está rompendo o equilíbrio — frágil, porque pulsante e vivo. Claro que Fabrício percebera que estava pondo em risco um bem muito maior, construído tijolo a tijolo, tecido fio a fio, pelo tempo afora. E mesmo assim, seguira em frente. Ou por imaginar que valia a pena correr o risco porque estava diante de algo que podia ainda ser maior na vida dele, ou por não se importar em feri-la da maneira que estava ferindo. Qualquer das hipóteses deixava Bia louca de raiva. E essa raiva talvez fosse a coisa mais positiva que podia lhe acontecer. Porque aos poucos ia se transformando na energia que lhe permitiria ir dando os primeiros passos para se afastar dele, cortá-lo de dentro de si, abortar aquele amor tão impregnado em sua carne e seu sangue que nem conseguia mais distinguir do mero amor-próprio. E às vezes ficava meio perdida, sem saber direito o que seu próprio coração lhe pedia que pusesse em primeiro lugar e se devia antes pensar em si mesma e se proteger ou confiar no amor dos dois e brigar por ele.

A questão toda estava aí. Saber se dava para confiar. Sempre existira um pacto de confiança entre Fabrício e ela, a certeza de que a lealdade vinha antes de tudo, acima mesmo da fidelidade. O fundamental nunca foi cada um se saber único na vida do outro, isso nem existia. Mas sempre se apoiaram na certeza de saber que a cumplicidade essencial e absoluta estava ali, parte deles, como uma perna ou um braço. Agora, pela primeira vez, ela notava que *fiel* e *confiar* são palavras da mesma família. E que, portanto, fidelidade pode não ter nada a ver com exclusividade. Mas tem tudo a ver com confiança, em ter certeza de poder se fiar na palavra do outro. Porque só então o sentimento ganha uma dimensão temporal. Passa a se jogar numa esperança de futuro, na certeza de que é possível pular do trapézio voador porque vão surgir dois braços na hora certa, segurar e impedir a queda. Sem isso, está tudo perdido: vira pulo no abismo, corpo se debatendo no espaço enquanto despenca vertiginosamente.

9

— Eu acho que ele gosta é de brincar com as pessoas, como se todo mundo fosse ratinho no laboratório dele... É quase uma forma de curiosidade científica, sabe, Bia? Ele põe os ratinhos numa situação extrema e fica observando, tomando notas de como eles se comportam. O diabo é que os ratinhos somos nós.

Bia olhou Juliano afundado na poltrona com uma caneca de café na mão, bem na frente dela. Ouviu-o suspirar. Surpresa com o comentário que acabara de ouvir, perguntou:

— Você não acha que está exagerando?

— Não, eu já pensei nisso outras vezes. Você não conhece bem o Muniz, Bia. Mas eu já trabalhei com ele antes. É um ótimo sujeito, divertido, talentoso, aprendi muito com ele... Mas tem umas coisas que me assustam, como se fosse uma forma de loucura. Ou de maldade.

Involuntariamente, ela sentiu um arrepio. Tentou minimizar:

— Você tem toda razão de ter raiva dele, eu entendo. Sabe? Uma vez eu ia entrando na sala e ouvi o finalzinho de uma bronca que ele estava te dando... Uma coisa inteiramente injusta e desnecessária. E dois minutos depois, ele já estava todo amigo e sorridente. Parece mesmo coisa de maluco. Claro que você tem que ficar com raiva.

— Bia, não é disso que eu estou falando. É de uma coisa muito mais sutil, mais subterrânea. Quando ele entra nesse processo de escrever e elege uma emoção para ser a dominante da vez, ele inferniza todo mundo em volta para exacerbar essa emoção. Só para observar e ver como é que funciona. Como antigamente tinha pintor que só pintava vendo o modelo na frente. Você lembra de O *mundo a seus pés*?

— Eu sei que houve uma novela com esse nome, mas não lembro nada. Em geral, não costumo acompanhar novela.

Ficou meio constrangida de dizer isso, afinal Juliano trabalhava escrevendo roteiros. Explicou:

— Eu viajo muito, saio muito de noite, quando posso ficar em casa gosto de ler. Acabo só ligando a televisão para ver noticiário ou um filme de vez em quando... Mas o que é que tinha nessa novela?

— Bom, essa era sobre ambição. E enquanto a gente estava fazendo O

mundo a seus pés, o Muniz quase enlouqueceu as pessoas em volta dele, despertando em cada um as cobiças mais escondidas. Todo mundo vivia reclamando, insatisfeito, querendo ganhar mais, comprar mais, ser promovido... Toda vez que a gente se reunia, ele contava sobre alguém que não merecia mas possuía mais coisas materiais que os outros, ou então acenava com tentações de consumo que o pessoal nem sabia que existiam. Ou instigava uns a disputarem os cargos dos outros para subirem na empresa. Ficou um clima infernal. Uma loucura!

— Você acha que ele faz isso de propósito?

— Ah, isso eu não sei. Tomara que não, porque nesse caso seria maldade pura. Mas que ele faz, faz...

Ela pensou um pouco, serviu-se de café e disse:

— Então, agora, enquanto escreve *Ousadia*, você acha que ele está querendo que todo mundo se roa de ciúmes...

— Acho. Por isso é que eu quis te avisar. Eu hesitei muito, sabe, é uma coisa muito difícil de ter certeza, um assunto delicado. Mas depois desse telefonema de anteontem, eu achei que tinha que falar com você.

Ela lembrou. Dois dias antes, ela estava em casa trabalhando quando Juliano ligara, dizendo que ia passar por lá para deixar mais umas cenas escritas, que Muniz queria que ela lesse. Da casa dela, Juliano ligou para Muniz para tirar uma dúvida e ele pediu para falar com Bia. Juliano explicara que a moça ia sair, estava atrasada e tinha acabado de entrar no banho, não podia atender naquela hora. Desligou, mas logo em seguida o telefone tocou. Saindo do banho, Bia gritou lá de dentro, pedindo a ele que atendesse. Era Virgílio, com quem Bia ia se encontrar, e estava só confirmando que já estava a caminho do Marco Polo. Mas ficou furioso. Por tudo. Porque Juliano estava na casa dela, porque estava tão íntimo que atendeu o telefone, porque ela estava tomando banho. Na raiva, foi num crescendo, usou termos de que depois se arrependeria. Ofendeu e feriu. Disse que não era igual a Fabrício, não tinha vocação para corno manso, que já tinha avisado que mulher dele era só dele... Uma cena feia.

Acabaram brigando pelo telefone, ela desmarcou o encontro, Juliano foi embora de mansinho enquanto ouvia a discussão. Saiu se despedindo com um aceno e um sorriso amarelo. E agora, em plena manhã de sábado, o rapaz voltava, com aquela conversa.

— Bia, eu ontem fui à televisão, conversei com a secretária do Muniz, conferi tudo. Você sabe de onde o Virgílio te telefonou? Da sala do Muniz...

— Eu sei, ele me disse que ia passar lá.

— Pois é. O Muniz tinha acabado de falar comigo, sabia que eu estava aqui (aliás, foi ele quem me fez vir aqui naquela hora, eu ia mandar o texto por e-mail, ele insistiu em que a gente trocasse umas ideias pessoalmente). Além disso, eu disse a ele que você estava no banho. E assim que desligamos, ele mandou entrar o Virgílio, que estava na antessala, pediu desculpas por ter feito esperar, e quando o Virgílio disse que estava com uma certa pressa porque tinha um compromisso, o Muniz sugeriu que ele telefonasse imediatamente para a pessoa... Ele já devia imaginar que era você, Bia! É o tipo da coisa que ele faz. É disso que eu estava falando.

— Você não está vendo coisa onde não existe? Como é que ele podia saber que eu ia tomar banho naquela hora e você ia atender?

— Mas ele não sabia. Ele toca de improviso. Quando a situação aparece, ele aproveita — insistiu Juliano. — Há umas semanas, eu já tinha visto ele aprontar outra com vocês.

— Outra conosco? — espantou-se Bia.

— É... Nem sei se eu devia falar. Mas é que eu estou cansado disso, eu sinto que ele fica tentando me manipular, me jogar entre vocês, sugerindo a toda hora que eu venha aqui, te mostre as coisas que estou escrevendo... Como se quisesse que o Virgílio ficasse com ciúmes. Eu já disse a ele que mando o texto por e-mail, por fax, por mensageiro, mas ele sempre insiste, repete que a discussão pessoal é muito importante, e você é uma pessoa muito intuitiva, tem uma percepção incrível, então a gente tem que se encontrar e falar olho no olho. Evidente que, por um lado, eu sei que é verdade, e gosto muito de conversar com você sobre o que estamos escrevendo, você me dá toques ótimos, conhece literatura, tem um ponto de vista diferente... Mas nada me convence de que é só isso. Quer dizer, para nós dois é só isso. Mas para o Muniz, o que ele quer é um triângulo.

Bia ficou pensativa. Podia ser, fazia sentido. Perguntou:

— E qual foi a outra que ele aprontou conosco e você falou aí?

Juliano respondeu com uma pergunta:

— Você não foi uma vez jantar com ele num bistrô?

— Fui. E daí?

— E daí que eu vi como foi que isso foi combinado. Eu lembro que foi num sábado e eu tinha ficado trabalhando com o Muniz até tarde. Na hora de ir embora, ele resolveu chamar você para ir jantar comigo e com ele no Marco Polo. Antes de falar contigo, ligou para o restaurante para saber se o Virgílio estava lá, hoje eu acho que era porque ele queria ter certeza de que o Virgílio ia

ver você e eu juntos. Não conseguiu falar com ele, mas a pessoa que atendeu o telefone disse que sabia que ele ia sair, porque tinha reservado uma mesa para dois num outro restaurante. Ele teve a cara de pau de perguntar onde era e então me dispensou sumariamente do jantar, chamou você para ir com ele e fez uma reserva, para dois, pedindo uma mesa charmosa, de canto, no mesmo lugar onde Virgílio ia com alguém. Isso ninguém me contou, Bia. Eu vi e ouvi. Fiquei achando que ele queria que o Virgílio flagrasse você jantando com ele. Ou você flagrasse Virgílio com outra mulher. Pra mim, o Muniz montou uma sessão de observação de ciúme, entende?

Seria? Talvez. Bia ia ficar atenta. Mas até achou um pouco divertido. Muniz queria que ela sentisse ciúme de Virgílio? Mas como? Se toda sua capacidade de se desesperar por ciúme estava se canalizando para Fabrício... Mas disso Muniz não desconfiava. Porém, de repente, lhe ocorreu uma pergunta: e Virgílio? Será que a tinha visto com Muniz? Ele mesmo contou que passara pelo bistrô com uma jornalista. Mas disse que não vira os dois. Teria mentido? Por quê? O fato é que depois disso levara uns dias sumido. Como antes, em outra cena armada por Muniz (se a teoria de Juliano fosse verdadeira), ele se resolvera a chamá-la para sair, inventando aquela história de que queria uma carona para voltar com ela após a reunião, justamente quando Muniz o "dispensara sumariamente", para ecoar Juliano novamente. Interessante esse jogo... Refletindo agora, Bia percebia que talvez Virgílio fosse movido a um certo ciúme em seus avanços e recuos. Agora, por exemplo, depois do telefonema que Juliano atendera, estava de novo zangado e distante. Bobagem. Era ela quem tinha desmarcado o encontro? Pois agora ia ligar para ele, contar a conversa com Juliano, dariam boas risadas juntos às custas do Muniz.

Antes, porém, ia acabar de ler o texto de Juliano, para aproveitar e comentar logo com ele. Faltava pouco, só umas três cenas.

— Você não quer esperar? Eu leio rápido e a gente discute logo tudo.

— Tudo bem. Eu fico lendo o jornal.

— Fique à vontade. Você não estava querendo dar uma olhada na caixa de cartões-postais de que a gente falou outro dia? A Ana Lúcia está lá dentro no escritório. Peça a ela.

— Ana Lúcia?

— Ah é, vocês não se conhecem. Você nunca veio aqui num sábado...

Feitas as apresentações, Juliano sumiu pelo corredor com Ana Lúcia atrás dos cartões e Bia terminou de ler as cenas que Juliano lhe deixara dois dias antes.

CENA 236 — COZINHA DE CASA, SÉC. XIX. INTERIOR/DIA

(Várias escravas passam de um lado para outro, carregando tachos, panelas, cestos. Sabina, um pouco mais velha, em volta de um fogão a lenha, mexe um panelão. A escrava Maria, sentada num banco junto à mesa, com uma bacia no colo, depena um frango. A seu lado, Rosa, muito bonita, grávida, cata feijão, espalhando-o sobre a mesa.)

PRUDÊNCIA *(entrando com um cesto pesado, carregado de inhame e aipim)*: Me ajuda aqui, Rosa.

SABINA: Deixa disso, Prudência. Tu não sabe que sinhá disse que não quer que ela abuse? A Rosa só pode fazer trabalho leve, agora que está prenha...

ROSA *(superior)*: É... Eu não posso me cansar...

(Sabina interrompe o gesto de mexer a panela, prova a comida, apoia a colher de pau na beirada do panelão e vai ajudar Prudência a carregar o cesto.)

PRUDÊNCIA *(para Rosa)*: E tu tá achando que é porque ela está muito preocupada com a tua saúde? É só pra te alugar melhor depois.

SABINA: E sinhá tem mesmo que pensar nisso. Uma ama de leite rende muito mais que uma engomadeira, uma cozinheira ou uma mucama. Por isso é que tem que estar bem tratada.

(Sabina e Prudência levam o cesto até a outra ponta da mesa, vão esvaziando, pondo as raízes em cima da mesa, e falando.)

PRUDÊNCIA: Mas descascar isto aqui, tu pode, não pode? Ou não quer sujar a roupa?

MARIA *(levantando os olhos da ave que depena)*: Deixe de arreliar a Rosa. Até parece que tu num sabe que sinhá Sofia vai cobrir ela de roupa nova quando esse moleque nascer. Não lembra como ela fez com a Encarnação? Deu as roupas velhas todas pra gente, mandou destruir as camisas que ela usou no parto e aí foi só enxoval novo, tudo bem-feitinho, com renda e tudo.

PRUDÊNCIA: Rendinha à toa, ordinária, mas renda...

ENCARNAÇÃO: E vestido de seis babados, um sonho...

PRUDÊNCIA: Só pra ostentar o luxo da casa, isso sim.

ROSA *(se levantando e rodando, faceira, pela cozinha)*: Pois eu vou querer vestido de oito babados...

SABINA: Pois sim...

ROSA *(sentando de novo)*: E como eu tenho boa aparência, vão me alugar com muito lucro. Vai ser uma honra. Vou para uma boa casa, de roupa nova, andar com gente rica, e todo mundo vai ter que me tratar bem, que é pro meu leite não secar...

SABINA: Enquanto durar, né...

(Rosa termina de recolher o feijão catado e afasta a vasilha.)

ROSA: Mas enquanto durar, aproveito. Todo mundo vai fazer minhas vontades. As cozinheiras, mucamas e engomadeiras vão ter que me obedecer. E vou ficar uns três anos sem precisar fazer nada. Só descansar e comer, para ter bastante leite.

(Sabina põe junto a Rosa uma gamela com as raízes e lhe entrega uma faca. Pega outra, senta ao lado e começa a descascar o aipim. Vai falando.)

SABINA: Até acabar... Depois volta pra cá, igualzinha a nós. Cai lá de cima do luxo para a miséria de sempre.

ROSA: Mas depois vai ser só um tempinho, porque num instante eu arranjo outro filho. Graças a Deus que não sou um estrepe que nem umas e outras, uma feiura dessas que até parecem assombração. E vou passar a vida nos sorrisos.

PRUDÊNCIA: Vira pra lá essa boca, menina. Logo se vê que tu não tem juízo nem sabe das coisas da vida. Tu vai é amaldiçoar o dia em que ficou prenha, isso sim.

ROSA *(com ar superior)*: Pois isso eu duvido.

(Corte.)

CENA 237 — QUARTO DO CASAL. INTERIOR/DIA

(Casa rica, móveis bons, bacia e salva de prata sobre cômoda com tampo de mármore. Cecília na cama com o recém-nascido nos braços, Felipe sentado na poltrona ao lado lê o Jornal do Commercio. Abaixa o jornal, olha para Cecília.)

Felipe: Mas é o que se faz nesses casos. Não há mistério algum. Toma-se o jornal, e procura-se na quarta página. É só escolher. Há amas negras, mulatas e pardas.

Cecília: A cor não faz diferença, só desejo é que seja sadia e com leite farto.

(Cecília ajeita a touca do bebê, faz carinho.)

Felipe: Há aqui uma, num endereço aqui perto. É um pouco caro, mas parece ter boas garantias. Os senhores são gente respeitável e de posses, deve estar bem tratada...

Cecília: Se for demasiado caro, podes propor-lhes um acordo, eu mesma dou o enxoval da ama. Dou-
-lhe meus vestidos que não me cabem mais. Alguns estão como novos. Então tu passas lá mais tarde?

Felipe: Agora mesmo.

(Felipe se levanta, dobra o jornal, dá um beijo na testa de Cecília e sai do quarto.)

(Corte.)

CENA 238 — JARDIM DE UMA CASA. EXTERIOR/DIA

(Felipe entra por um portão de grades de ferro, uma escrava fecha o portão. Sofia sai da casa e se aproxima dos dois. A escrava vai para os fundos do quintal, pela lateral. Sofia e Felipe começam a andar pela alameda do jardim, conversando. A imagem se aproxima.)

Sofia: Tenho certeza de que ficará satisfeito e não se arrependerá.

Felipe: Espero que não. Como já lhe disse, acho o preço um pouco elevado.

Sofia: Mas ela vale. Estou segura de que me dará razão. E com essa proposta que o senhor fez, fica mais em conta...

(Seguem pela lateral, por onde desaparecera a escrava que fechou o portão.)

Sofia *(para dentro)*: Rosa, Rosa, venha cá!

(Rosa aparece, carrancuda, chorosa, retorcendo as mãos.)

Sofia: Rosa, minha filha, chega aqui. Tu podes dizer que tens sorte! O senhor aqui precisa de uma ama e veio te buscar.

(Rosa olha, séria.)

Sofia: Vais para uma boa casa, com um belo jardim, todos os vestidos da senhora, alimentas o menino branco, lindo como um anjo e ao fim ainda recebes, de presente, algum dinheiro! Para ti! Não é uma beleza?

Rosa *(chorando)*: Por favor, sinhá, não... Por piedade!

Sofia: Mas é uma sorte, Rosa! Devias dar graças a Deus!

Felipe: Perdão, mas que deseja ela ainda? Não entendo o que lhe falta.

(Pausa. Armando-se de coragem, Rosa responde com energia.)

Rosa: E meu filho? Que vai ser dele? Vou ter que abandoná-lo?

Sofia: Vamos, vamos! Não há por que discutir as ordens. Vê se não começas agora a criar caso com teu filho. Sabes muito bem que teu senhor tomará conta dele. Vai enviá-lo para o campo, onde nada lhe faltará.

(Rosa se adianta e agarra as mãos de Felipe, abaixando-se, como se pretendesse se ajoelhar, aos prantos.)

Rosa: Senhor, por favor, sei que os pretinhos nascidos agora já não são mais escravos. Ninguém tomará conta dele, eu bem sei... Meu filho é apenas um comilão inútil, uma boca a mais, como bem ouvi meu senhor dizer outro dia. Deixe-o ficar comigo... Ao menos eu assim o aleito, não lhe custará nada. Deixe-me levá-lo.

(Felipe recua, constrangido, tirando a mão da de Rosa, sem jeito.)

Felipe: Não sei, não posso prometer. Preciso refletir e consultar minha esposa.

Rosa: Deus Nosso Senhor não pode aprovar uma separação cruel como essa. Pense no seu menino que acaba de nascer. E se o apartassem dos pais?

(Felipe recua mais, faz meia-volta, dirige-se ao portão, Sofia o acompanha, Rosa fica para trás.)

Sofia: Isso passa... Ela é uma moça dócil, não costuma fazer cenas... Não sei o

que houve, talvez efeito do parto... Amanhã já nem se lembra.

Felipe: Não sei. Vou pensar, vou pensar.

(Felipe sai pelo portão, despede-se de Sofia tocando o chapéu e sai caminhando pela rua.)

(Corte.)

Bia gostou da cena. Foi até o escritório e disse isso a Juliano, que tinha dúvidas.

— Não sei, não... Acho que não funciona. Fica muito na base do melodrama, uma coisa emocional, exacerbada.

— Nada disso! — protestou ela. — Pelo contrário, pela primeira vez estamos tendo a ousadia de mostrar uma coisa real, sem querer fazer trocadilho com o nome da série. O diálogo é praticamente literal, você aproveitou muito bem aquele relato do viajante, do livro que eu te emprestei.

— Mas eu acho que soa um pouco exagerado. Parece novela mexicana lacrimejante.

— Discordo inteiramente. Vai depender do tratamento que o Ribamar der na direção. Mas o texto em si, na minha opinião, está bom.

Ainda com uma expressão de dúvida, Juliano acrescentou:

— Tem uma outra coisa que me faz reagir. Depois de uma cena dessas, como é que a gente faz? Felipe consulta mesmo Cecília? Acho que naquele tempo homem resolvia sozinho. Ele disse isso só para ganhar tempo e não resolver na hora. No máximo, discutiria o assunto com o amigo Tiago, que, do jeito que é frívolo e Don Juan, jamais dedicaria mais de dois minutos a uma questão dessas. Mas, consultando ou não a mulher, o que é que Felipe resolve? Ficam com o filho da escrava ou não?

— Ah, podem ficar... Pode ser até interessante o casal acolher a criança, fica simpático — disse Bia. — Dá uma empatia com o público.

— Mas será que não é também pura demagogia? Uma forma de paternalismo? Afinal, se a gente tem a ousadia, como você disse, de lembrar a crueldade que estava por trás do processo da mãe-preta, agora vamos ficar mostrando como os donos de escravos eram bonzinhos?

Bia pensou um pouco, hesitou.

— Você tem razão, mas acho que é porque é meio inevitável lembrar também esse paternalismo, ele estava o tempo todo presente na situação social, tudo era muito ambíguo. Eu tenho um amigo que diz que a origem dessa

injustiça em que a gente vive vem daí, de escravidão mascarada pelo paternalismo, perpetuando a miséria pelos anos afora...

Ouvindo a conversa em silêncio, Ana Lúcia olhou para a amiga com um olhar que dizia: “Um amigo, hein? Fabrício, de novo...” Bia entendeu e sorriu. Resolveu introduzir outro elemento na conversa:

— De qualquer modo, só vai dar para ter essa dúvida se a cena não for cortada. E quem resolve isso é o Muniz, quando você mostrar a ele. Mas pode dizer que eu gostei, se é que isso tem qualquer importância.

Juliano se despediu, mas acabou demorando um pouco porque ia dar uma carona a Ana Lúcia e ela começou a falar no tal caderno de receitas com as anotações da menina. Desde que digitara os trechos no computador, tinha ficado toda animada, querendo discuti-los, e Bia ainda não tinha acabado de ler.

— Não acabou? Mas é tão pouquinho! — espantou-se ela.

— É... Na viagem não deu, o resto da semana foi complicado, perdi uma tarde inteira no banco, tive que entregar a matéria sobre Córdoba...

— Pois eu acho que você devia largar tudo e ler — insistiu Ana Lúcia, séria.

Bia ficou curiosa.

— Por quê? Tem alguma coisa importantíssima para *Ousadia*?

— Para falar a verdade, não sei se vai ajudar na série. Só sei que não consegui tirar da cabeça e queria muito que você lesse, para a gente poder conversar sobre essa mulher. Que, pelo jeito, era muito bem-dotada em matéria de ousadia... pelo menos, em minha opinião.

— Que mulher?

— A dona do caderno, claro! Onde é que você está com a cabeça? Quem mais podia ser?

— Ah, a menina!... — entendeu Bia. — Para mim, é uma menininha às voltas com o namoradinho... É assim que eu penso nela.

O tom de Ana Lúcia foi incisivo:

— Pois então leia, Bia. Leia mais. Depois a gente conversa.

10

Era quase uma intimação. Bia pegou o envelope com os papéis, procurou o ponto onde havia parado e continuou a leitura. Depois da tal receita de rodelas de limão na testa para aliviar dor de cabeça, vinham anotações do ano seguinte, 1858. Ana Lúcia copiara escrupulosamente. Primeiro, havia uma receita de ambrosia, incluindo leite talhado entre os ingredientes. Em seguida, o comentário da menina:

> *Aproveitei que ontem o leite azedou e fiz ambrosia, que levei para Dona Glória. Ela, porém, nem pôde provar, perdeu o apetite devido a uma febre que a todos preocupa — a começar por mim, que lhe tenho servido de enfermeira e durante a ausência de B. tenho aprendido a apreciá-la, no convívio constante. Preocuparam-se todos a tal ponto que decidiram chamar o filho. Ele chegou transtornado, correndo a se ajoelhar, entre lágrimas, ao pé do leito da enferma. Porém, graças a esses ardores da febre, pudemos nós também arder num reencontro, ainda mais feliz porque o estado da mãe já não suscita maiores cuidados. Infelizmente, veio ele com umas ideias estranhas sobre o que tenho feito enquanto está distante. Queixa-se por ter sabido que estou sempre alegrinha, insinua aleivosias a respeito de algum peralta da vizinhança, e, num verdadeiro turbilhão que o cega e ensurdece, intima-me que lhe confesse quantos outros já beijei.*

O registro seguinte é de poucos dias depois. Dessa vez, não vinha ligado a nenhuma receita. Ou porque Ana Lúcia não tivesse copiado, ou porque a menina não tivesse precisado de pretexto para prosseguir no mesmo assunto. Porque, de certo modo, continuava o relato:

> *Ontem sucedeu algo que só hoje consegui entender. Fui passar a tarde com Dona Glória, já quase totalmente recuperada. B. continua em casa mas não se juntou a nós, nem mesmo apareceu no quarto dela. Falei alto, ri alto, para avisá-lo de que eu estava ali. Mas ele não se mostrou. Só hoje contou-me a causa da reclusão. Começou por me dizer cousas assustadoras. Que agora eu só teria seu desprezo, muito desprezo. E que tinha vontade de cravar-me as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-*

me sair a vida com o sangue... Acusava-me de ter-me posto cedo à janela, para trocar olhares com um dandy *que passava montado num alazão. Cismou que o cavaleiro costumava passar por ali diariamente, enquanto ele está longe. Ofendi-me com tamanha injúria, parece-me ofensivo que possa julgar-me tão leviana depois de nossa troca de juramentos. Chorei, ele consolou-me, beijou-me as mãos e as lágrimas. Contei-lhe que sei quem é o cavaleiro, vai casar-se com uma moça que mora mais adiante. Prometi que doravante não haveria mais de ir à janela. Só então, aplacou-se. Fez-me retirar essa promessa, mas fiz outra: a de que, à primeira suspeita de sua parte, tudo estaria dissolvido entre nós.*

Ciumento, o rapaz. Bia começou a desconfiar que talvez fosse esse o motivo para que Ana Lúcia tivesse ficado tão impressionada com os escritos. Também ela, pouco mais que uma menina, vivia às voltas com as insinuações e cenas de um noivo ciumento. Devia ter-se identificado com a misteriosa autora dos comentários, por isso estava querendo que Bia lesse logo para conversarem. Na certa, estava precisando desabafar.

Quem sabe se o tal do Giba não tinha aprontado mais uma? Não seria surpresa. A toda hora ele fazia das suas. Mandava Ana Lúcia voltar para casa para mudar uma saia curta ou uma blusa que achasse muito decotada, muito justa, ou muito transparente. Reclamava que as amigas dela não eram boa companhia. Implicava com o trabalho na editora, com as visitas que ela tinha que fazer a colégios. De uns tempos para cá, aparecera até com uma nova linha de implicância: queria saber quanto ganhara, em que gastara, acusava-a de esbanjar dinheiro em futilidades e vivia sugerindo que ela depositasse tudo numa conta conjunta, para o enxoval... Bia suspeitava que não era nada disso, era só uma forma de controlar Ana Lúcia melhor. E embora procurasse não se meter entre os dois, tratou de aconselhar a amiga a ficar firme e não ceder nesse terreno. Na certa, tinha havido alguma coisa nova e Ana Lúcia ia partir das histórias da menina com o namoradinho ciumento para discutir a situação muito concreta que estava vivendo.

Bia voltou à leitura. Percebeu que, de alguma maneira, o caderno fazia falta. Porque os registros seguintes eram esparsos, pelas datas, e como ela estava saltando as páginas e páginas só de receitas, acabava se arriscando a perder a noção de como, com o passar do tempo, aquele caderno ia ficando menos importante para a menina. Ela até esquecia se tinha escrito ali ou não. Havia apenas uma anotação no ano seguinte, 1859.

Agora será um longo afastamento. Muito mais longo, mas não definitivo, como anteriormente se ameaçava. Não me lembra se escrevi aqui que B. deixou o seminário. Pois deixou. Logrou convencer a mãe e deixou. Agora foi-se aos estudos de lei, em São Paulo. Mas quando obtiver o diploma, retorna. Não será mais como antes, quando tudo se encaminhava para nosso perpétuo afastamento. Naturalmente, preocupo-me com o que pode suceder entre nós, estando distantes. Ainda mais que outro dia o entreouvi numa conversa com um amigo, a confessar que tem assomos de petulância, tanto do sangue de seus dezessete anos quanto também das moças, que na rua ou da janela o acham lindo e não o deixam viver sossegado. Chegam a dizer-lhe isso, as atrevidas, querem mirar de mais perto a sua beleza. Fiquei mortificada.

Então ela também tinha ciúmes... E o rapaz era um bonitão. Pena que o tema não estivesse mais desenvolvido. E da mesma forma, só uma entrada correspondia à data do ano seguinte, 1860:

A separação não nos esfriou. Seguimos próximos, embora distantes, graças a nossa troca de cartas. B. escolheu um amigo, E., para servir a ambos nós de terceiro. A princípio, custou-me aceitá-lo, preferia alguém mais próximo. Além do mais, tenho receios de que ele possa vir a ser indiscreto com a mãe de B. É que, por vezes, parece-me que esse amigo afaga a ideia de convidar Dona Glória a segundas núpcias, apesar da grande diferença de idade. Mas B. insistiu e, mesmo vexada, venci minha repugnância e entreguei-lhe a primeira carta — e depois as outras.

Interessante ver como se faziam as trocas de cartas naquele tempo. Claro, Bia devia ter pensado nisso. Uma menina não podia ficar escrevendo para o namorado sem que antes a família lesse e aprovasse a correspondência. Ainda mais num namoro tão escondido. Sobretudo com um namorado que estava estudando para ser padre. O sistema já estava começando a tolerar que as meninas aprendessem a ler e escrever. Uma mulher — dessa classe, pelo menos — já podia começar a escrever suas próprias cartas de amor, sem ter que ditá-las a alguém ou recorrer a um moleque de recados. Mas sempre tinha que admitir um terceiro na linha de comunicação. E, com isso, virava presa fácil para uma chantagem eventual, como o romance do século XIX demonstrou tão bem, de O *primo Basílio* a tantos outros. Porém o fato é que, mesmo escrevendo suas próprias cartas, ela ainda continuava sujeita à interferência de alguém de fora,

que pudesse receber as respostas ou encaminhar sua própria correspondência, já que não dá para imaginar que fosse fácil uma moça daquela época dar um pulo sozinha no correio ali na esquina... Que tempos! Por isso é que acabaram inventando a linguagem das flores, e dos leques, e sabe-se lá quantas outras, para que os amantes pudessem se comunicar em público. Bia pensou que, decididamente, a sua geração do telefone, do motel e do correio eletrônico não dá valor ao que tem. Coitada da menina! Longe do namorado e tendo que depender de um esquema que a deixava vexada e sentindo repugnância... Em que iria dar tudo aquilo?

Continuou a ler. A anotação seguinte dava um novo salto no tempo, já era de dois anos depois. Mas bem do comecinho do ano e se seguia a uma inacreditável receita de Leitão de Ano-Bom, uma verdadeira apoteose culinária desvairada que demandava uns três dias de trabalho prévio. Inimaginável para os dias de hoje. Ainda bem que Ana Lúcia resolvera deixá-la com um bilhetinho entre parênteses: “Não resisti e copiei. Veja só a trabalheira que dava...”

1862

Íamos festejar o Ano-Bom em casa, mas fomos convidados a cear em casa de Dona Glória, que preparou esse leitão, cuja receita não quero esquecer nunca. B. regalou-se — como, aliás, todos os outros convidados. Papai comeu tanto que receei que fosse ficar indisposto. Mas fiquei pensando que preciso aprender a fazer esse prato, de tanto que B. o aprecia. Por isso pedi a Dona Glória que me desse a receita. E espero que possa festejar muitos dias de Ano-Bom em companhia dele.

Passado o Ano-Bom, foi-se B. para São Paulo novamente. Está a fazer-se um belo homem, mais cheio de corpo, com basta cabeleira. Ainda faltam três anos para que esteja definitivamente de volta, com seu diploma de bacharel e uma carreira ilustre à sua espera. Só então revelaremos nossos planos de casamento, pedindo licença a Dona Glória e a papai. E passamos tão poucos dias juntos nestas suas raras visitas ao Rio! Por isso mesmo não vale a pena, como lhe lembrei no domingo, que os desperdicemos em arrufos. São apenas rusgas de namorados, diz ele. Mas me aborrece que ele esteja constantemente a insinuar injúrias e perfídias sobre qualquer homem que passe diante de casa, apenas porque reside na vizinhança e é esse o seu caminho. Tenho a impressão de que, no fundo, B. desejaria que eu jamais me assomasse à janela ou saísse à rua.

Ciúmes, ciúmes, sempre ciúmes... Belos ratinhos para o laboratório do

Muniz.

Continuando a ler, Bia viu que vinha outro comentário pessoal de Ana Lúcia, em tipo menor e entre parênteses. Na verdade, uma observação, explicando que por muitas e muitas páginas o caderno deixava de lado as receitas e as anotações para se ocupar com números, orçamentos, registros de gastos e de movimento de caixa no âmbito doméstico. Algo que podia ser muito interessante para quem quisesse estudar preços na época ou qualquer coisa assim. Pelo jeito, a menina era muito minuciosa e cuidadosa nesse levantamento, sabe-se lá por quê. Só no ano seguinte, havia outra anotação.

1863

Estou novamente nos meus calundus pelos cantos da casa. Saudades da mamãe, que tanta falta me faz. Dona Glória tem-me muito afeto, papai faz-me companhia, mas não é a mesma cousa. Sinto falta de tê-la ao pé de mim. Ainda mais com B. tão distante... E ainda tenho que tomar conta de tudo na casa, depois do falecimento de mamãe. Papai recebe o ordenado, entrega-me. Sou eu quem distribui o dinheiro, paga as contas, faz o rol das despesas, cuida de mantimentos, roupas, luz. O que me vale é que aprendi com mamãe a gastar pouco porque papai às vezes não se contenta com o que lhe toca e enche-se de ideias de despesas supérfluas.

Então era isso... Morrera a mãe dela, coitada. Bia, de repente, se sentiu muito próxima daquela jovem desconhecida de que a separava mais de um século. Também já passara por isso, conhecia a dor daquele buraco sem fundo. Era já adulta quando lhe acontecera. Mas nem por isso deixava de sentir um aperto no peito cada vez que lhe batia forte aquela vontade muito grande de ter a mãe por perto, conversar com ela, sabê-la a seu lado, amiga, protetora e cúmplice. E era uma vontade que a assaltava muitas vezes... “Calundus”: “fossa” ou saudade, não importa que nome os tempos lhe dessem. Era um sentimento quotidiano e forte. E a menina, tão criança (como se chamaria? Bia queria pensar nela como uma pessoa dotada de nome, individualizada, plenamente identificada), ainda tinha que tomar conta da casa, coisa que devia ser complicadíssima naquele tempo. Ainda mais com um pai gastador, exigindo alguma forma de controle, numa sociedade em que o poder patriarcal se exercia sem limites... Situação delicada.

Felizmente, a entrada seguinte, também já do outro ano, era toda feita de alegria. Desta vez Ana Lúcia se esquecera de mencionar a que receita se referia, mas não havia dúvidas de que era uma ocasião festiva:

1864

Sugeri a Dona Glória que se fizesse este prato a semana que vem, para festejar que B. regressa de São Paulo! Finalmente retoma, após este longo percurso que tantos padecimentos nos custou. Volta feito doutor, com diploma, distinção em todas as matérias e elogio dos lentes. Doutor Santiago! Achará muitas mudanças por aqui; sua mãe mais velha, minha mãe já falecida (que Deus a tenha!), meu pai aposentado, eu administrando tudo na casa, seu melhor amigo vitorioso nos empreendimentos comerciais e casado com minha melhor amiga. Espero que entre nós não haja mudanças, ou sejam poucas. E que todas venham para o bem.

Grandes novidades! Agora finalmente começamos a saber alguns nomes, pensou Bia. O misterioso B. se revelava um promissor doutor Santiago. O amigo que dava em cima da mãe dele, bem-sucedido nos negócios, apontou suas intenções casamenteiras para outro lado e, casando-se com a melhor amiga da menina, pelo menos facilitaria as coisas na vida dela, em matéria de proteção a namoros. As coisas se mexiam, a situação mudava. Ana Lúcia tinha razão, a leitura ia ficando interessante, dando vontade de acompanhar, depois de tanto tempo, capítulo a capítulo do que ia acontecendo na vida da dona do caderno. Como num folhetim ou numa novela. Bia se surpreendeu especulando, curiosa, sobre os novos dados que esse parágrafo trazia. Esse amigo... teria subido na vida antes do casamento com a melhor amiga dela? Ou graças a ele? Seria um caça-dotes, como se dizia? Alguém interesseiro, procurando dar o que hoje chamamos de golpe do baú? Se a intuição da menina estava certa, ele antes arrastara a asa discretamente para dona Glória... O jeito de saber mais era ler mais.

Mas na anotação seguinte, surpresa! Anunciava-se um final feliz para a novelinha da menina. E como ainda havia algumas páginas impressas por Ana Lúcia, evidentemente não era um final. Ao contrário das novelas, a vida continuava, bem depois do *happy end* e do beijo de amor. Mas ainda não era hora. Por enquanto, só o registro alegre:

1865 — abril

Foi essa carne assada um dos primeiros pratos que preparei, eu mesma, para meu marido, agora que sou a esposa do Doutor Santiago! Nossa felicidade não tem limites. Saímos a passeios ou espetáculos, estamos sempre a rir e a nos divertir. Diz ele que sou como um pássaro que saísse da gaiola. Mas não me parece que papai me engaiolasse. Preferi dar

a meu marido outra razão, da Escritura, para toda essa minha alegria: "Sentei-me à sombra daquele que tanto havia desejado." Ele me repetiu um trecho da epístola de S. Pedro, tão belo que aqui o copio: "As mulheres sejam sujeitas a seus maridos... Não seja o adorno delas o enfeite dos cabelos riçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido no coração." Assegurei-lhe que seria ele a única renda e o único enfeite que eu jamais poria em mim.

Isso, menina, incentivava Bia, torcendo. Curta a sua felicidade, que para isso é que a gente nasceu. Para rir e se divertir, esvoaçar fora da gaiola, à sombra de quem tanto se desejara — ainda que essas conversas de sujeição a marido sejam velhas, de dois mil anos pelo menos, a julgar pela antiguidade dos autores. E mais velhas que isso, certamente. Bia sabia que não podia olhar a menina com olhos de hoje. E que as promessas de só se enfeitar com o próprio marido (que, pelo menos, fosse deslumbrante!, desejava-se) faziam parte de um arsenal de valores ancestrais. Não podia passar a olhar a menina com olhos críticos só por causa desses comentários submissos. Aliás, a rigor nem devia continuar a chamá-la de menina. Ana Lúcia tinha razão. Ela se casara, era uma mulher. Mas enquanto não tivesse uma identidade mais clara, um nome, essa senhora Santiago continuava a ser apenas "a menina", para Bia.

No ano seguinte, 1866, as anotações eram um pouco mais frequentes. E o caderno passava a oferecer escolhas mais variadas, segundo comentava Ana Lúcia, que mencionava até a existência de uma partitura meio tosca, com notas mal desenhadas. Além das receitas, havia alguns poemas e letras de canções, modinhas, lundus. E a observação:

Aprendi um pouco de piano depois de casada, mas canto pouco, porque não tenho boa voz. Melhor não cantar nada. De dançar, sim, gosto muito. Apraz-me enfeitar-me para ir a um baile com Santiago, girar ao som de uma valsa, entre todas aquelas luzes, vestidos bonitos, casacas elegantes. Mas ultimamente ele não tem mais querido que eu leve braços nus aos bailes, fica vexado e aborrecido. Disse que os homens não se fartam de olhar para eles, que os buscam quase a pedir, e que roçam por eles propositadamente suas mangas pretas. Como Santiago não aprova, agora só os levo cobertos, ou meio vestidos de escumilha. Não me apraz provocar-lhe críticas. Já basta as que faz constantemente ao que chama de minhas afoutezas e nada mais são que minha própria maneira de ser.

Mas esses ciuminhos ocasionais do marido não chegavam a turvar a felicidade deles, pelo jeito. Porque Ana Lúcia contava que em seguida vinham riscos de bordados para camisinhas de pagão, em ponto cheio sobre opala fininha, daquela pele de ovo, e receitas de tricô e crochê, com o comentário:

Estas receitas de sapatinhos de bebê, de tricô, foram-me dadas pela minha amiga Sancha. Fazem par com os casaquinhos iguais ao da filhinha dela, minha xará e afilhada querida. Espero que um dia nossas filhas possam ser tão amigas como nós. Mas cá estou eu a fazer planos para uma filha que ainda nem nasceu... E que já me enche de felicidade.

Depois, revela-se que, afinal, não era uma menina, mas um menino:

Fica aí esta receita de pirão de frango aromatizado com ervas, o pirão de parida que Sanchinha me fez quando meu filho nasceu e ela veio ficar uma semana em casa a me cuidar. Menos pelo prazo em si, ainda que saboroso, e mais pela lembrança da amiga que tem sido uma verdadeira irmã para mim. A que nunca tive e sempre desejei. Como nossos maridos também são os mais amigos deste mundo, formamos uma grande família, agora com a menina dela, que tem o meu nome, e o meu menino, a quem daremos na pia batismal o nome do marido dela.

Bia reparou que, pelo levantamento feito por Ana Lúcia, em todo o ano de 1867 não houve no caderno de receitas nada que merecesse ser transcrito. Mas em 1868, com o filho crescendo, continuava a tranquilidade doméstica:

Esta mãe-benta é um dos doces preferidos de meu filho. Há que fazê-las em forminhas miúdas, visto que o pequeno deseja comê-las de uma só vez, cobrindo-se de farelos.

E continuava também a amizade entre as duas famílias:

Celebramos o dia de anos de Santiago, servindo essas galinhas-d'angola assadas ao molho de vinho do Porto, bem cremoso. Todos gostaram muito e ficaram cavaqueando até muito tarde. Sancha cantou uma barcarola que tem feito muito sucesso no Recife e chega agora até nós, "O Gondoleiro do Amor". Santiago gostou tanto que copiei os versos e os transcrevo aqui. Ele passou hoje o dia todo cantarolando a melodia, ou repetindo as palavras da primeira quadra. Diz que parece feita para mim:

Teus olhos são negros, negros,

Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar.

Tão imersa estava Bia na leitura que até se assustou com a interrupção. A campainha do telefone tocava, insistente. Esperou que Ana Lúcia atendesse, mas quando viu que quem respondia era a secretária eletrônica, lembrou que a amiga já saíra, com Juliano. Correu para ouvir. Reconhecendo a voz de Virgílio, atendeu. Ele já ia se irritando porque ela demorara tanto, mas sossegou um pouco com a explicação de que Bia estava entretida lendo o caderno de receitas que ele emprestara.

— E estou achando interessantíssimo, Virgílio, você nem imagina.

De qualquer modo, ele não estava querendo brigar. Sentira falta dela nos dois dias em que não se falaram. E agora tinha ligado justamente para fazer as pazes. Ficou contente quando ouviu Bia dizer:

— Eu ia justamente lhe telefonar para ver se podemos nos encontrar... Seus filhos estão com você este fim de semana? Ou a gente pode sair?

— Estão comigo, mas a gente pode sair. Uma coisa não impede a outra. Já é mais do que tempo de vocês se encontrarem. Afinal de contas, eles não são criancinhas, sabem que você existe e até estão curiosos para conhecer a misteriosa Bia de que o pai fala a toda hora.

Ela hesitou um pouco. Não sabia se queria chegar tão perto. E sabia que não poderia comentar na frente deles o que Juliano conversara sobre Muniz, e que ela queria tanto discutir com Virgílio. Mas topou. Acabaram combinando um almoço no dia seguinte em casa dele.

— Vem cedo... Assim você me faz companhia enquanto preparo o almoço... A gente conversa...

— Está bem...

Ele percebeu uma pontinha de decepção na voz dela. Arriscou:

— Mas a gente podia se ver antes disso, só nós dois.

— Ótima ideia! — concordou Bia, animada. — Quando?

— Posso passar aí agora? Bruno e Luciana só vêm para cá depois da praia.

— Então vem. Estou te esperando.

Era o tempo de desligar o telefone, catar os jornais espalhados na sala, lavar a louça do café, tomar uma chuveirada. Contente porque ficara para trás a zanga do outro dia, Bia foi se arrumar. Guardou de novo no envelope o texto que estava lendo. De passagem para o quarto, deixou-o sobre a mesa do escritório.

Ainda não era dessa vez que ia acabar de ler o caderno da menina.

11

Artigos para o jornal, leitura do caderno de receitas, palpites para *Ousadia*, conversas com Ana Lúcia ou Juliano, especulações sobre Muniz como um observador de ratinhos ciumentos num laboratório... De certo modo, essa sucessão de solicitações era o que Bia desejava. Mantinham Fabrício em segundo plano nos seus pensamentos. Ou, talvez ainda mais, ofuscavam o fato de que Virgílio começava a empurrá-lo para esse segundo plano. Ao mesmo tempo, nessa semana que se encerrava ela se permitira ficar especialmente ligada em Fabrício de novo. Tinham se falado pelo telefone, ela fora ao banco resolver uma situação do interesse dele, mandara depois um fax explicando tudo.

Mais ainda: na véspera, de noite, ele telefonara para agradecer e conversar. Coisa que mexera muito com ela, por mais que não quisesse admitir e evitasse pensar nisso. Tanto que só agora estamos contando. Porque o telefonema evidenciou que continuava muito viva em Fabrício uma de suas qualidades que mais atraíam Bia — a capacidade de se mostrar meigo e amoroso. Ao contrário de outros homens, ele não se envergonhava nem um pouco de deixar claro que a amava e muito. Mesmo sabendo que nesse instante ele talvez estivesse também amando outra pessoa (ela não chegava a ter certeza do nome que se poderia dar ao que o ligava à outra moça), para Bia era fundamental se sentir amada por ele. Sobretudo quando não pudesse deixar de ter essa certeza, a partir do que ele mesmo fazia questão de mostrar e dizer — e ela sabia que Fabrício era incapaz de mentir nessas coisas. Mais fundamental ainda seria que, nesse amor, ela pudesse estar segura de ser a predileta, a pré-dileta, a dileta antes de mais nada e de tudo, a mais amada, aquela adiante da qual o coração dele diria como o do poeta: “Em tudo ao meu amor serei atento/ antes, e com tal zelo e sempre e tanto,/ que mesmo em face do maior encanto/ dele se encante mais meu pensamento.” Isso, porém, lhe estava sendo negado.

Mas enquanto Fabrício continuasse em dúvida, Bia já se alimentava um pouco da constatação de que ele a amava, mesmo estando encantado por outros sortilégios. Por quanto tempo essa sensação lhe bastaria, não sabia dizer. Percebia com tristeza que algo estava mudando dentro dela em relação a ele. Mudanças tecidas de mágoas, de diminuição da admiração, de instinto de sobrevivência e autodefesa, de encontros com outras pessoas. Ao se darem um

tempo para que Fabrício vivesse o que a vida lhe oferecia de novo, estavam também se dando as condições ideais para que essa soma de pequenas transformações fosse germinando e crescendo dentro dela. Aos poucos, aquilo que Bia sentia por ele e considerava um dos sentimentos mais preciosos de sua vida ia perdendo o valor, se oxidando, diluindo, ficando embaçado, ralo e esgarçado. Se não fosse urgentemente reforçado, muito em breve dele não restaria mais nada que tivesse consistência.

Talvez por isso os telefonemas tivessem sido tão importantes para ela. Funcionavam como uma espécie de reforço na confiança do sentimento. Mas ainda eram um reforço precário.

Mais uma vez, entrava em cena o tempo. Bia sabia que é possível amar duas pessoas simultaneamente, de forma diversa. Paixão e amor, duas coisas tão diferentes. Já acontecera com ela, com eles, com amigos. Já ouvira e lera sobre isso. Mas sabia também que uma situação dessas não pode durar. Por sua própria natureza é fugaz. Tudo muda. Ou a paixão vira amor que tudo ocupa e expulsa para longe o ex-amor, ou se consome em seu próprio fogo e faz ansiar de novo pelo amor primeiro e primordial. Mas quanto tempo duraria o processo? Até quando teria que aguentar? Até que ponto conseguiria levar adiante a dor sem decidir virar as costas de uma vez para Fabrício e ir tratar de ser feliz como pede a força da vida?

Ainda que em nada pudesse suprir a falta de Fabrício, perdido numa selva escura sem achar o caminho de saída, a presença de Virgílio ao lado de Bia fazia bem a ela. Até mesmo porque não via nesse novo homem seu cúmplice e companheiro total. Mas quando se sentia percorrendo os círculos do inferno, essa Beatriz sem Dante agradecia a companhia de Virgílio. E o esperava com alegria.

Talvez o ideal fosse que ela se apaixonasse por ele e esquecesse por completo o outro. Só que nem sempre as coisas se passam dessa maneira tão conveniente. Não só na vida, mas também nos romances, já lembramos disso. E Stendhal, que além de entender de amor e de romances, conhecia bem Fabrícios, explicou com sua clareza de sempre: “O melhor cão de caça não pode fazer nada além de levar a peça ao alcance da espingarda do caçador. Se este não atira, a culpa não é do cachorro. O romancista é uma espécie de cachorro do herói.”

Cão de caça de meus personagens, mais uma vez insisto em levar Virgílio para junto de Bia. Mas começo a ter dúvidas sobre a pontaria dela. E até sobre a sua vontade de atirar. Talvez de alguma maneira ela reagisse ao que sua intuição adivinhava nele: uma certa covardia que o impedia de ser totalmente verdadeiro

em seus sentimentos, que o fazia ter cuidado para não se envolver demais, que o situava frente a ela como quem estuda táticas e planeja estratégias, preocupa-se em não ceder terreno, programa retiradas ocasionais e já decidiu que jamais vai se render. Como se o encontro entre um homem e uma mulher devesse ser uma batalha e a entrega amorosa fosse uma derrota. E como se desse para ele ser esperto e convencê-la de coisas que não eram verdade.

Nesses assuntos, Bia estava acostumada a outros padrões, os de Fabrício. Por mais raros que fossem no comportamento dominante à sua volta, eram os únicos que admitia. Daí vinha toda a força de Fabrício dentro dela. Não só do que sentia por ele. Mas da forma como pensava nele. Via-o como um homem raro, único, em sua coragem e retidão. Mesmo que agora a estivesse machucando. Não mentira, não a enganara, não se acovardara. Sem dúvida ferira, e muito. A tal ponto que talvez a única maneira de acabar por se livrar dele fosse por meio de uma amputação. Cirurgia radical que a deixaria para sempre mutilada. Se chegasse à conclusão de que precisaria chegar a tanto para sobreviver, não hesitaria. Mas sabia que ele não fingira. Podia acreditar quando ele revelava que a amava com a mesma intensidade. E por isso, quem sabe?, tinha esperança de que se salvassem. Sabia que ele também devia estar sofrendo — ainda que compensado pela alegre exaltação de um amor novo. O próprio fato de se dizerem a verdade, porém, acentuava os laços que os uniam e faziam deles um casal único quando olhavam em volta e percebiam a dissimulação geral.

Provavelmente por tudo isso é que, por mais que o cão de caça lhe trouxesse a presa para perto, Bia não se animava a realmente decidir transformar Virgílio em alvo e entrar na caçada para valer. Quando estavam próximos, ótimo!, era divertido e estimulante saírem a esmo pelos bosques, como num passeio. Podia até ficar desapontada de vez em quando, se ele lhe negava sua companhia. Mas não sofria nada por causa dele. Sua dor era absolutamente monogâmica, obsessivamente fiel a Fabrício.

Em contrapartida, vivia com Virgílio o que restava a ele na situação: esse clima lindo, leve, solto, de canção, de festa, de coisas que estão começando e por isso são belas. Comoventes como brotos na primavera, flores em botão, filhotes de animais. Atraentes como caderno novo, vestido ainda não usado, casa onde pela primeira vez alguém vai passar uma noite. Tentador encanto de qualquer relação incipiente, por mais que seja falso diante do tempo, que afinal Kundera tenha razão e que esse encanto depois se transforme em “insustentável leveza”, a fazer suspirar por densidades mais consistentes. Que sustentem e tenham substância.

Mas enquanto estava ali, era bom. E foi com alegria genuína que Bia abriu a porta para Virgílio, aninhou-se no abraço gostoso dele, homem cheirando a banho recente com sabonete Phebo.

Como o encontro era em clima de leveza, podia dispensar qualquer sugestão de cobrança mais continuada. Não ficavam mágoas. E ele nem falou em Juliano, como ela não lembrou a cena que ele fizera no telefone. Esquecimento, indiferença, que importa?

Ela acabou contando a ele que Juliano estivera ali poucas horas antes e viera com aquela teoria dos ratinhos num laboratório. Virgílio amarrou a cara de novo. Por causa da visita matutina do rapaz num sábado, não pela teoria. Reconhecia que havia algo de verdade na hipótese. Tinha motivos de sobra para achar isso, quando se lembrava de como Muniz o expulsara de sua sala naquele primeiro dia em que afinal ficara com Bia. Além disso, a lembrança da noite do jantar com Marisa e do comentário posterior também confirmavam aquela possibilidade. Na ocasião, agora via com clareza, o autor da novela queria deixá-lo com ciúmes dele, Muniz. Ou fazer Bia sentir ciúmes ao ver Virgílio em companhia de outra mulher. Só mais tarde é que preferiu empurrar Juliano para cima deles.

Com cuidado para não deixar escapar para Bia nada sobre Marisa, Virgílio foi concordando com a teoria de Juliano, ao mesmo tempo que procurava mudar de assunto. Sugeriu um café e, quando foram até a cozinha cuidar disso, perguntou:

— Então, quer dizer que você está gostando das receitas do caderno?

— Das receitas, propriamente, não. Nem estou prestando muita atenção. Mas estou fascinada com os comentários da autora. Já li quase tudo e é uma verdadeira novelinha, uma história que vai se desenrolando aos poucos, bem interessante...

— Nem lembro direito — disse ele. — Mas também, nunca li assim como você, tudo seguido. E como não vi nada de mais nos comentários, confesso que na verdade eu ia pulando essas intromissões. Eu estava interessado mesmo era nas receitas.

— Pois talvez os comentários sejam melhores...

— Engraçado você dizer isso... Minha mãe também acha. Para ela, o verdadeiro caderno são esses comentários que a moça escreve, as receitas são só umas notas ao pé de página. Dá para pular. Foi isso o que ela me disse uma vez.

Bia sorriu, curiosa com a coincidência, e admirando a sensibilidade daquela senhora desconhecida.

— Sua mãe tem toda razão, Virgílio.

Depois, teve uma ideia:

— Eu mandei digitar no computador apenas os comentários, para poder ler separado. Vou imprimir mais uma cópia e mandar para ela.

Virgílio deu uma gargalhada:

— Não precisa. Ela tirou fotocópia antes de me dar o caderno. Não sei se de tudo. Mas de todas as anotações no final das receitas, eu tenho certeza que tirou. Ela mesma me disse uma vez que era quase um livro. Por isso é que tem tanto ciúme do caderno. Só me deu porque eu estava abrindo o restaurante e prometi que ia passar, um dia, para minha filha Luciana. Minha mãe disse que é uma coisa das mulheres da família, muito preciosa... fala de um jeito que até parece um tesouro.

Bia percebeu que era hora de devolver o belo objeto:

— Foi bom você falar nisso. Porque é um tesouro mesmo, Virgílio. E vou te dar para você levar de volta.

Foi pegar o envelope com o caderno, entregou a ele e perguntou:

— Afinal, de quem é?

— Ah, não sei, é uma história comprida que eu não consegui guardar. Da amiga de uma parenta nossa, acho... Não, ao contrário, acho que estou confundindo. É de uma parenta nossa, que mandou para uma amiga, e essa amiga quando morreu deixou para ser devolvido à família da autora. Foi por isso que veio parar nas nossas mãos, eu acho... Tenho quase certeza de que é isso. Mas não sei direito, é um daqueles casos intermináveis e chatíssimos que tia velha gosta de contar e a gente faz questão de não ouvir. Mas se você estiver interessada, minha mãe sabe tudo, tem até as cartas que vinham acompanhando o pacote.

— Não dá para negar que fiquei curiosa.

— Então vamos dar uma passada lá e ela vai adorar te contar. Aliás, vai adorar te conhecer, andou fazendo umas perguntas sobre com quem eu estava saindo... E quando soube que você vai conhecer os meninos ficou toda interessada em saber tudo dessa tal de Bia...

Mas Bia cortou a animação dele e o convite.

— Não, Virgílio, muito obrigada, tenho certeza de que sua mãe deve ser uma pessoa interessantíssima, e um dia a gente até pode se conhecer. Mas passar lá agora está fora de cogitação. Não leve a mal, mas filhos e mãe no mesmo fim de semana é demais para mim.

No entanto, apesar dos receios de Bia, o fim de semana foi muito agradável. Começando ali mesmo, em sua casa, naquela visitinha de Virgílio de passagem,

que acabou rendendo uma conversa ótima e uma inesperada transa das boas, os dois sentados frente a frente com as pernas de um enlaçando as costas do outro, de um jeito que ela adorava e a fazia senti-lo entrando fundo nela enquanto passavam de carinhos e abraços à pura entrega.

No domingo, na cozinha bem equipada do apartamento dele, com ares de design sueco e armários em inesperados tons de verde-bandeira com detalhes em azul-marinho, enquanto ela assistia ao ritual de preparo de "um pratinho caseiro que os meninos adoram", Virgílio orgulhosamente demonstrava sua superioridade no setor e sua alegria por estar reunindo Bia com os filhos. Começou explicando:

— Cortar a carne é fundamental, uma arte. Muita gente nem se toca disso. Veja só este pedaço de filé mignon aqui... Tem pouco mais de um quilo. Para os escalopinhos que a Luciana anda desejando, a gente só vai utilizar esta parte mais estreita. Mas dá para aproveitar tudo.

Com gestos experientes, ia cortando e mostrando. Talhes precisos, exatos. Mas movimentos muito diferentes dos que fazia Fabrício com sua habilidade para trabalhar os dedos longos em detalhes miúdos — Bia não conseguiu evitar a lembrança.

— Daqui da cabeça do filé — continuava Virgílio — a gente tira duas porções de Chateaubriand, que guardo para outra ocasião. E da ponta, pode sair depois um belo prato, numa receita tradicional, *Pointes de Filet Helder,* à base de vinho madeira e *sauce béarnaise*, que sirvo cobertas de tomate cortado miudinho, napeadas com um pouco de molho e acompanhadas de batatas com salsinha picada. Uma delícia! Um dia, faço para você.

Era bonito vê-lo trabalhar, organizado, experiente, limpando tudo à medida que sujava, arrumando cada coisa em seu lugar.

— No restaurante, cozinhando para mesas diferentes, a gente pode aproveitar tudo na hora — explicou —, cada parte do filé pode servir para um prato. Mas em casa, o jeito é recorrer ao congelador e escolher o cardápio da vez. E hoje é a vez dos escalopinhos para a Luciana, com o arroz à piemontesa que o Bruno não dispensa.

Deu um sorriso cálido para ela e acrescentou:

— Para você, pensei em fazer uma sobremesa especial. Mas doce não é o meu forte. Ia servir sorvete e frutas, mas acabei resolvendo dar a mim mesmo neste domingo a minha sobremesa favorita, uma das poucas que sempre acerto. Um suflê de chocolate. O jeito foi reservar para você a entrada: uma saladinha à altura dessa tua elegância de bailarina, com rúculas, endívias, *champignon* fresco

cortado fininho e raspas de queijo parmesão: *un vero parmiggiano* italiano, naturalmente, *grana padana*... Espero que você goste.

Impossível não gostar. Do almoço. Do simpático casal de adolescentes que aos poucos ia vencendo sua desconfiança inicial. Do homem que fizera tudo aquilo. Bia tinha a sensação de, pela primeira vez, estar chegando perto dele e conhecendo o verdadeiro Virgílio.

Depois, enquanto tomavam um cafezinho no sofá e Bruno e Luciana sumiram pelo corredor com uns amigos e umas fitas de vídeo, Virgílio comentou com ela:

— Fiquei pensando naquela história do Muniz que você contou ontem, e acho que o Juliano tem razão. Foi bom vocês terem falado nisso, porque eu entendi melhor um certo mal-estar que sinto em toda essa minha participação nesse projeto. E resolvi cair fora.

Surpresa, ela repetiu:

— Cair fora? Como?

— Como é que pode ser? Sair do projeto. Bia, eu não tenho nada a ver com isso. No máximo, posso dar uns palpites, uma pequena consultoria. E já fiz a minha parte. Não gosto do Muniz, não tenho tempo para reuniões, tenho mais o que fazer. E não suporto essa ideia de virar ratinho de laboratório.

— Vai me deixar sozinha?

Ele riu, devolveu a xicrinha de café para a bandeja:

— Só se você quiser. Mas a gente não precisa trabalhar junto para se ver. E eu não tenho mais nada a fazer ali. Com você é diferente, você escreve mesmo, estudou literatura, se interessa por mulheres do século XIX, enfim... tem algo a ver com essa história toda. Naquelas reuniões, a única coisa que me interessava era fazer um certo charme de relações públicas para o Marco Polo. E ficar de olho em você...

— Não é verdade. Lembro como você pesquisou a arquitetura da época, falou uma porção de coisas sobre a cidade...

— Lembra também que eles não aproveitaram nada? Só fizeram um cenário que misturava tudo. Na verdade, e não é só comigo, o que mais me impressiona nessa gente é a facilidade com que desperdiçam tudo. Botam uma porção de pessoas competentes para trabalhar, provocam um esforço imenso de uma pequena multidão e depois vão descartando, jogando fora, acabam ficando só com a mesmice, a mediocridade. Com aquilo que já tinham antes. Uma sopa de pedra que no fim só guarda a pedra. Como se eu tivesse escolhido no capricho aquela peça de filé mignon, lavado, cortado, e depois passado na máquina de

moer carne para virar um hambúrguer ou um picadinho igual a todos. No máximo, com um temperinho mais caprichado.

Fez uma pausa e concluiu, decidido:

— Não, estou fora. No trabalho mesmo, só gostei foi de ajudar o Tales numas cenas.

— Que cenas? Eu nem soube disso...

— Foram umas cenas ótimas, eu acho. Mas acabaram não sendo aproveitadas. Mais uma vez, jogaram fora o coração do filé. Talvez justamente por serem ótimas. O Tales é um grande sujeito. Meio sarcástico, um pouco agressivo no trato, mas muito talentoso.

— Não cheguei a conhecer direito. Tenho tido mais contato com o Juliano.

— Muniz disse para eu dar uma mãozinha a ele, porque iam fazer uma cena de uma grande festa em casa do casal de personagens e eles precisavam de umas dicas para aquela comilança toda. Mas eu gostei foi do jeito que o Tales escreveu. Mostrava um monte de mulheres se insinuando pelos salões e tentando os homens, tudo no meio daquele ambiente todo reprimido e certinho, como quem não quer nada, mas de uma maneira que convencia quem visse. Aliás, quem lesse, porque nada disso chegou a ser gravado. Mas dava para imaginar o que ele mostrou: o tal do Felipe de anfitrião, em companhia do amigo, indo de sala em sala e de mulher em mulher, um segredinho com cada uma, uns toques, uns olhares ardentes... Bem divertido.

— E a Cecília? — perguntou Bia, interessada.

— A mulher dele? Ah, aí é que aumentava a tensão. O Tales fez ela ir vendo tudo, de longe, de cada vez ela flagrava... Foi ficando um ciúme crescente. Mas ele não deixou de mostrar também uma coisa que até aqui a novela tinha deixado meio de lado: o ciúme do amigo.

— Do amigo? Como assim? Acho que eu perdi alguma coisa... — disse ela.

— Você não lembra que daquela primeira vez que falamos na sinopse, nós ficamos sem saber qual ia ser o papel do amigo? Se ele ia fomentar o ciúme do marido, como o Iago, ou se ia ser o objeto desse ciúme...

— Como o Escobar, do *Dom Casmurro.* Lembro. Quer dizer que agora essa questão entrou em cena.

— E de uma maneira original. Para o Tales, esse personagem andava muito esquecido. E ele acha que, na verdade, ciumento é esse amigo, o Tiago. Que ele tem ciúmes da atenção que Felipe dá a Cecília, inveja da relação do casal e, embora não seja um vilão daqueles pérfidos e cruéis de outras novelas, está sempre aproximando Felipe de outras mulheres, insinuando que ele está

perdendo farras incríveis e noites de esbórnia com atrizes e francesas porque está preso àquele casamento, coisas assim... Mas no fundo, o que acontece é que ele lamenta a própria solidão e gostaria de ter a serenidade e o aconchego que Cecília dá a Felipe.

— Interessante, esse ponto de vista. Então, o Tiago faz Cecília flagrar o marido em ação em sua própria casa... E depois?

— Bom, depois foi que deu a confusão. Porque até aí, tudo tinha sido aprovado pelo Muniz. Mas ele achava que Cecília ia acumular dentro dela todo aquele ciúme e depois ia fazer uma grande cena, chorar, se descabelar, gritar. Porque, afinal, ela era a tal mulher da *Ousadia* do título, que ia protestar e não ia se sujeitar a ver um marido mulherengo agindo debaixo de seu próprio teto, em público, na frente de todo mundo. Para o Muniz, ao contrário das outras mulheres da época, que sofriam caladas, ela ia ousar enfrentá-lo, dizer umas verdades, dar um ultimato. Ameaçar se matar, acabar com ele, desesperada, que nem a mulher do caderno de receitas. Ontem de noite dei uma olhadela no envelope que você devolveu e até achei parecido. Mas o Tales quis inventar uma coisa diferente e...

Bia interrompeu:

— Espere aí, de que é que você está falando?

— Do que o Tales imaginou. Ele achava que ousadia mesmo ia ser não fazer nenhuma ameaça e preparar em silêncio uma grande vingança. Mas o Muniz não concordou, queria uma cena no limite da histeria, e por causa disso acabou quebrando o maior pau, e os dois...

Bia interrompeu de novo:

— Não, não, desculpe. Mas o que foi que você disse do caderno de receitas?

— Você não leu? Não viu que a mulher fica tão desesperada que se mata?

Bia teve um choque. Não podia ser verdade.

— Não, não... — balbuciou. — Ainda não cheguei ao fim, faltam poucas páginas. Mas não pode ser... Uma menina tão cheia de ideias...

De alguma forma, era como se tivesse perdido alguém próximo. A sua menina! Só repetiu:

— Se mata? Mas como? Por quê?

— Como, eu não sei, ela justamente para de escrever depois que anuncia que vai se matar, não diz como. Mas por quê, isso fica muito evidente. De ciúmes. Você não leu? Pensei que tinha lido tudo... Leve o caderno de novo.

— Não... não precisa. Eu tirei cópia, esqueceu? No computador...

— É... igual a minha mãe... — brincou ele.

Ela confirmou com a cabeça. Mas, de repente, não conseguia mais seguir a conversa, só pensava na menina. Coitada! Que teria acontecido? Agora entendia por que Ana Lúcia ficara tão impressionada.

Virgílio continuava falando das cenas de *Ousadia*. Criticava, ironizava, contava a discussão do Tales com o Muniz, falava na insistência deste para que se fizesse um crescendo de enfrentamento, para que Cecília vivesse o despertar de uma consciência feminina muito à frente de seu tempo, deixando claro que ela não ia admitir um comportamento daqueles.

Vagamente, Bia ouvia aquilo tudo. De coração apertado, só pensava na menina.

Vendo-a tão calada, Virgílio tomou o silêncio como sinal de interesse e foi relatando todos os detalhes que conseguia lembrar, explicando o argumento do Tales, de que Cecília não poderia se libertar do marido porque dependia dele economicamente e que a única ousadia que lhe restava era a vingança.

— O que você acha? — perguntou ele de repente.

— Não sei... Teria que pensar mais... — foi a única coisa que ela conseguiu dizer.

Nem sabia muito bem o que ele estava perguntando. Aquilo tudo era irreal. A menina, não. Era de verdade. Mas podia até não ser. Mesmo se não tivesse existido, se fosse apenas um personagem de ficção, se todo aquele diário fosse apenas o produto da imaginação e da palavra de um autor que o tivesse inventado, para Bia a menina tinha força de verdade. Seu destino trágico, que Virgílio acabara de revelar, atravessava mais de um século para vir atingi-la com uma intensidade inesperada, mobilizando uma mistura de pena, carinho e solidariedade que ela mesma não conseguia explicar.

Queria voltar para casa e se recolher com as folhas copiadas do caderno. Se fosse o caso, chorar sem ninguém ver nem saber, lágrimas sem sentido por uma menina de quem nem sabia o nome e que já morrera havia tanto, tanto tempo.

Na primeira oportunidade, deu uma desculpa e se despediu.

12

Na calçada, a caminho do carro e surpreendida por um inesperado flanelinha que aparecera numa rua calma daquelas para cobrar pelo estacionamento, Bia teve um gesto de irritação. Disse que não tinha dinheiro trocado e em seguida ficou com medo do olhar agressivo do homem. Forçou-se a dissimular, com um sorriso, prometendo que da próxima vez pagava. O sujeito se afastou resmungando. Bia pensou que tinha que ser mais cuidadosa, vinha sempre ali, ele podia furar os pneus do carro dela por vingança, qualquer coisa assim...

Ao ligar o motor, viu um menino sentado na calçada, encostado ao muro de uma das poucas casas que restavam numa rua cada vez mais tomada por edifícios. Preto, descalço, com as pernas encolhidas para dentro de uma camisa enorme, de adulto, que vestia como uma túnica e esticara sobre os joelhos como um cobertor. Enquanto Bia olhava, passaram uma mulher e uma menina, de mãos dadas, a caminho da portaria do prédio vizinho e depositaram no chão, ao lado do menino, uma sacola de plástico branco com o logotipo de uma *trattoria*. Dentro, a forma inconfundível da embalagem de uma quentinha fechada.

As duas se afastaram, entraram na portaria do prédio vizinho, e Bia continuava a olhar, de dentro do carro, com o motor ligado, sem sair da vaga. O menino deu uma olhadela dentro da sacola, ajeitou-a no chão a seu lado. Mas não fez nenhum outro movimento, a não ser apoiar a cabeça nos joelhos. Fome de muito mais do que apenas comida. Qualquer gesto de solidariedade ainda é insuficiente, pensou Bia. Não dá nem para a saída. Mas nem por isso seria dispensável.

Abriu a porta do carro, foi até junto do menino, falou com ele. Perguntou se estava tudo bem, se ele precisava de alguma coisa. Ele estava só descansando, explicou, passara o dia todo trabalhando em pé, correndo pelo meio dos carros para vender pastilha de hortelã, num sinal na esquina com a Lagoa. Já tinha comido. Estava era com um pouco de sono. E meio com frio. Morava numa favela ali perto, com a mãe e os irmãos, mas muitas vezes não voltava para casa para não apanhar do namorado dela. Aquela roupa enorme e suja não era dele mesmo, não, era só de trabalho. Escola? Não, não ia. Escola dá merenda mas não dá grana, explicou. E não aprendia nada mesmo, porque a professora faltava muito.

— E acho melhor tu ir andando, tia, porque ela já te viu e não gosta que a gente fique de conversa por aí.

No primeiro momento, Bia nem entendeu, achou que ele ainda estava falando da professora. Mas seguiu o olhar do menino e viu que vinha caminhando para eles uma mulher com uma criança no colo e outra agarrada à saia.

— Tua mãe?

— Deus me livre! Minha mãe é legal. Essa aí, nem te conto... — disse ele. — A gente só trabalha pra ela.

Um novo olhar, de canto de olho, para a figura que se aproximava, e o pedido:

— Anda, vai andando, tia, não me arruma encrenca.

Bia deu a ele o trocado que negara ao flanelinha (que a essa altura já voltava, e de cara feia), entrou no carro e saiu. Com uma mistura de raiva e impotência, foi lembrando de Fabrício, enquanto dirigia pelas ruas, a caminho de casa. Lembrou dos incontáveis amigos que ele tinha pelo Vidigal, muitos dos quais ela fora conhecendo pelos anos afora, nas vizinhanças do apartamentinho do Tambá. Do trabalho que ele desenvolvia por lá, na salinha que a comunidade arrumara para botar os computadores que Fabrício conseguira que uma empresa doasse, para que os adolescentes aprendessem a usar essa ferramenta. Da raiva que ele sentia dos eternos adiamentos para resolver a desigualdade nacional, do palavrório vazio em que políticos, jornalistas e intelectuais se debatiam, discutindo sempre penduricalhos acessórios enquanto se esqueciam que a miséria é urgente. Da resolução que eles tinham tomado — “chega de discurso, não quero mais ficar falando nem reclamando, o negócio é fazer alguma coisa”.

Mas, apesar dessa decisão, lembrava também de um monte de palavras de Fabrício que, embora não fossem um discurso, mostravam como ele pensava no assunto. Diante dos meninos vendedores nos sinais, ele um dia saíra pelo meio do trânsito esbravejando:

— Além de tudo o que a gente sabe, da miséria e do abandono, tem uma outra coisa que eu não me conformo e de que ninguém fala. É o modelo econômico que estamos admitindo e escolhendo...

Ela estranhara a expressão “modelo econômico”, tão ao gosto da imprensa e dos parlamentares, tão distante de Fabrício. Mas logo vira que o sentido que ele dava era outro, nada tinha a ver com um vago bode expiatório sempre pronto a ser encarnado no governo, visto como um inesgotável cabide de culpas, sobre cujos ombros tudo podia ser jogado.

— Eles ficam todos, desde pequenos, seguindo esse modelo como se fosse um grande padrão. Ocupam os cruzamentos das ruas movimentadas a pretexto de vender umas coisas de que ninguém precisa, feito chicletes, pastilha. Uma mercadoria sem demanda nem utilidade, sem nenhuma ligação com a realidade do mercado. E para vender, têm que escolher entre usar a tática do choramingo ou a do achaque, os dois pilares do marketing nacional.

Bia lembrava de Fabrício irritado, imitando vozes e tons alheios:

— "Leva um, pra me ajudar..." "Hoje ainda não vendi nada..." "Vamos, tio, para eu poder voltar para casa..." "Não vai levar, não? É uma tranca boa. Sem ela qualquer um rouba seu carro rapidinho, quer ver como o vidro abre fácil?" Como se fosse possível desenvolver uma economia com essas atitudes, formando coitadinhos profissionais e ensinando que a maneira de ganhar a vida é apelar para o sentimentalismo ou para a ameaça. É a cultura da fraude. Está na cara que isso não leva a lugar nenhum, só perpetua um modelo de ganho que não é baseado na produção. O cara só quer defender o seu de qualquer jeito e, no dia que puder passar para o outro lado graças a qualquer esperteza ou golpe bem dado, vai é tratar de construir um paredão em volta, para ninguém entrar, e tirar o couro dos outros, porque já conhece todos os truques.

Em meio às lembranças de Fabrício e de coração apertado pelo menino que deixara na calçada, Bia chegou em casa. Sentia uma certa angústia, que nem sabia explicar direito de onde vinha, mas provavelmente misturava muita coisa.

Fez um chá, serviu-se numa caneca, tirou os sapatos, esticou as pernas no sofá e pegou para ler as páginas do caderno de receitas que ainda lhe faltavam. Mais uma vez se perguntou: de quem seriam? Tinha vontade de ver um retrato da menina, saber seu nome. Por que ela cortara com tanto cuidado o nome escrito na primeira página, pelo meio da guirlanda de flores pintadas a aquarela? Já não achava mais que fosse para esconder dos pais um diário adolescente. Nem podia ser — os pais conheceriam a caligrafia da filha e logo saberiam de quem era. Não, havia outra razão, e Bia gostaria muito de descobrir.

Recomeçou a ler:

1869

Minha amiga Sancha mudou-se para o Flamengo e agora estamos bem próximas uma da outra. Fomos jantar lá ontem, e ela nos serviu esse delicioso peixe nevado com creme de camarão ao leite de coco, acompanhado de batatas.

E mais adiante:

É muito importante que os patos novos fiquem na vinha-d'alhos de véspera — e que as frutas só sejam descascadas na hora. Ensinei este prato a Sancha, mas ela não teve esses cuidados. Não ficou tão saboroso quanto o que faço. Por vezes, quando estou muito ocupada com o menino, prefiro não servir coisas tão complicadas e que solicitem tanta atenção. Mas nem sempre se consegue. Pode ser que Sancha tenha sido um pouco apressada porque estivesse aflita com minha afilhadinha, que amanheceu um pouco constipada.

Ainda cenas do quotidiano doméstico. Nada que indicasse a tragédia de que Virgílio falara havia pouco. Talvez nas entradas do ano seguinte houvesse alguma coisa:

1870

Este bolo fica ainda melhor feito de véspera, pois se apura nele o gosto das especiarias e frutas cristalizadas. Também o vinho madeira na massa recende melhor depois de alguns dias. Santiago deliciou-se uma noite dessas ao comê-lo com café, bem tarde, depois de ter ficado estudando e lendo até altas horas. Tem tido bastante trabalho. Mas nem por isso deixa de demonstrar seus zelos, por qualquer ninharia, ou de se afligir com o menor gesto que eu faça, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer. Às vezes, basta-lhe que eu pareça indiferente e seus ciúmes se manifestam. Chega a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, o enche de terror e desconfiança. Só saio em sua companhia, mas mesmo assim se enche de preocupações. Perco até a alegria em ir a um teatro ou um sarau. A tal ponto que ontem eu nem quis acompanhá-lo a uma estreia de ópera. Preferi dizer que tinha adoecido, queixei-me da cabeça e do estômago mas insisti para que ele fosse sozinho. Porém não demorou, voltou ao fim do primeiro ato — o que foi bom, pois assim encontrou nosso amigo E., que vinha chegando para lhe falar de uns processos.

Pelo visto, os ciúmes continuavam. Mas não empanavam os dias amenos de doçura doméstica e convívio com os amigos, como demonstrava outro registro, do mesmo ano.

Este é um dos pratos que mais gosto de fazer quando Sancha vem cá em casa com o marido. Não demanda muito trabalho anterior e todos apreciam bastante. Além disso, é uma carne que fica muito saborosa se

servida fria, o que é muito conveniente para quando ficamos conversando até tarde e desejamos comer algo novamente antes que eles se despeçam para sair.

Pelo menos, agora, estamos todos morando perto. E cada vez nos frequentamos mais. Esta amizade entre os quatro é uma de nossas alegrias. Hoje Sancha veio com uma ideia que teve o marido e me pareceu muito interessante: por que não nos preparamos para viajarmos à Europa juntos, os quatro? Talvez no ano que vem, ou quando seja possível. Mas pediu-me muito segredo, porque ele mesmo deseja abordar o assunto com Santiago, quando lhe parecer que é o momento azado. Até lá, nada digo. Mas já me vejo fazendo planos.

E então, subitamente, já era a última página. Ou faltava algo, ou foi tudo muito súbito, pensou Bia.

1871

Fomos passar a noite no Flamengo, os dois casais e mais o José e a prima. Sucedeu uma coisa que me pareceu muito grave. Vou refletir sobre ela e depois decidirei o que fazer. Não tenho com quem discutir o ocorrido, visto que envolve meu marido e minha melhor amiga. Por isso, após uma noite sem sono e antes de seguir para minhas orações na missa das nove, recorro agora a estas páginas, único desabafo possível. Não tenho dúvidas do que vi ontem — os segredos ao canto da janela, os suspiros, os olhares a se buscar durante toda a noite (ele à janela, ela ao pé do piano), o gesto de Santiago a ponto de beijar a testa de Sancha quando os surpreendi, o modo como ele mirava seus braços, a despedida lânguida, num aperto de mão demorado e esquecido... Não foram intrigas, ninguém me contou. Eu mesma vi, de repente. Não sei há quanto tempo isso já ocorre, sem que eu visse ou suspeitasse. Meu coração ficou tumultuado como os vagalhões do mar bravio batendo lá fora. Não sei que fazer, se finjo que nada sei, se busco uma explicação com um deles ou com ambos. Ou se tento falar com o marido dela, talvez. Quem sabe, se ambos morrêssemos, os outros dois consolariam a viuvez dupla nos braços um do outro... No momento, só logro sentir. Raiva, desespero. Vontade de matar, de morrer. Nem sei como consegui voltar para casa conversando com a prima, pela praia, enquanto o mar rugia zangado. Menos furioso que meu peito.

13

A interrupção foi tão brusca que Bia, num gesto automático, virou a página para ver se havia algo do outro lado, enquanto procurava em volta — como se buscasse uma folha caída. Mas sabia que não era nada disso. Simplesmente acabara. Virgílio já lhe dissera que depois dessa referência à morte não havia mais nada. E Ana Lúcia era cuidadosa, não ia deixar de digitar alguma coisa tão importante.

No entanto, por mais que lesse e relesse a narrativa abortada, Bia não conseguia evitar uma sensação estranha. Não podia ter acabado. Era como se estivesse lidando com uma história que, de alguma forma, já conhecia. E não terminava assim, tinha certeza. Não era só porque ela não se conformava com aquele final. Talvez fosse mais porque não havia final. Ainda restava o que escrever. Ela não conseguia aceitar a hipótese de Virgílio, segundo a qual a menina se matara. Mas reconhecia que uma tragédia era a explicação mais viável.

Exceto por duas coisas. A primeira era o mistério do nome cortado na primeira página. Até o ponto em que Bia chegara em sua leitura, não havia qualquer motivo para que a dona do caderno não quisesse ser identificada. A não ser a descoberta narrada no último trecho escrito. Isso, sim, podia ser uma razão. Se ela desejava manter em segredo a cena que flagrara entre o marido e a amiga, podia ser que então preferisse destruir seu nome escrito na primeira página e nunca mais registrasse nada naquele caderno, que a partir daí seria mantido apenas para eventuais consultas culinárias. Bia podia tentar conferir isso com Virgílio, saber se ainda havia receitas escritas depois dessa anotação, afinal não estava com o caderno completo nas mãos e Ana Lúcia não incluíra nenhuma informação a respeito. Mas mesmo que não houvesse, ela não se convencia de que tinha que ver esse corte súbito como uma comprovação do suicídio da menina. Porque se a mulher de Santiago cortara a possibilidade de ser identificada mas não destruíra o caderno, podia muito bem ser porque ainda desejasse usar as receitas. Portanto, manifestava uma vontade de quem estava seguindo em frente com a vida e não se matando. Um possível indício de que a história continuava.

A outra coisa que a deixava intrigada era muito mais sutil, e Bia não

conseguia trazer à consciência, por mais que se esforçasse e analisasse. Tinha mais a ver com uma sensação de *déjà vu*, que não se encaixava com o que estava vendo agora. Como se já tivesse vivido aquilo e soubesse que não terminava daquele modo. Uma espécie de expectativa inconsciente de um modelo anterior a ser seguido — e que não estava sendo satisfeita.

Tinha que conseguir ordenar melhor as ideias sobre isso. Conversar com alguém. Virgílio? Não adiantava muito, ele mal se lembrava do que lera, chegara até a confessar que saltara pedaços porque só estava interessado nas receitas. Talvez fosse o caso de falar com a mãe dele, ela sim, fascinada com a história da menina. Além do mais, era guardiã de umas cartas que acompanhavam o caderno — Bia lembrava que Virgílio mencionara. Ia tratar de aceitar agora o encontro com que ele acenara. A curiosidade a empurrava.

Mas antes, conversaria com Ana Lúcia. Não adiantava tentar encontrá-la num domingo. A amiga não tinha telefone em casa. Era preciso recorrer a um esquema trabalhoso de deixar recado com um vizinho, não se justificava incomodar os outros por algo que só era urgente em sua cabeça. Bia não podia fazer uma coisa dessas. Deixaria para telefonar para a editora segunda de manhã.

Mas enquanto não chegava a hora, continuava revirando na cabeça o que lera no caderno. Mal conseguia se concentrar num artigo que queria terminar e cuja ideia tanto a atraíra, sobre ir a cinemas em viagem. Não queria abordar tanto a questão dos filmes, o estranhamento de dublagens e títulos em outras línguas, embora não conseguisse evitar algumas menções — como o inacreditável *Il pistolero strabico* que vira anunciado numa sala de Bolonha ou a surpresa de ver num cartaz em Barcelona que *Las aventuras de Guillermito, el chiquitito* nada mais eram que as peripécias de Billy, the Kid. Mas queria se deter mais sobre o próprio ato de ir ao cinema em viagem, celebrar o bom momento de descanso e renovação que pode representar se meter numa sala escura num final de tarde, por volta de seis horas, carregada de mochila e embrulhos, com os pés sentindo as andanças do dia, e se permitir mais de duas horas de distanciamento, muitas vezes munida de algo especial para comer durante a sessão, lanche cuidadosamente escolhido numa mercearia ou delicatessen da vizinhança. Era um sábio truque de viajante, que já lhe proporcionara grandes prazeres e várias vezes lhe possibilitara sair dali renovada para voltar ao hotel, tomar um banho e encarar um programa noturno. Queria agora escrever sobre isso. Falar nos diversos tipos de salas de espetáculo nos diferentes países, desde os grandes salões teatrais do começo do século, inclinados em direção à tela e contornados por uma espécie de corredor aberto separado por colunas, até as minúsculas salas

francesas sem saída de emergência, onde o espectador não pode sentar no lugar que escolhe, apesar de não haver assentos marcados, e é forçado a obedecer a uma velha ranzinza de lanterninha na mão, que ainda lhe cobra pelo serviço não desejado. Lembrar a incrível arquitetura *kitsch* dos áureos tempos hollywoodianos, que semeou pelo mundo pagodes chineses, terraços babilônicos ou pirâmides astecas a disfarçar grandes cinemas, agora desaparecendo por toda parte. Evocar os pequenos *pueblos* latino-americanos onde há dois tipos de ingresso, dependendo de se escolher se nele está ou não incluído o aluguel da cadeira, que o espectador pode levar de casa. Festejar a surpresa de encontrar alguns cinemas ao ar livre nos mais inesperados lugares. Como em Luanda, onde os morcegos das árvores vizinhas davam voos rasantes sobre a plateia e, em plena guerra civil, volta e meia um soldado mais arrebatado não distinguia a batalha da tela da que ameaçava seu quotidiano e tomava partido na história, disparando tiros sobre as cabeças alheias. Ou como o inacreditável telão no alto da colina em San Gimigniano, afogado numa moldura vegetal verde e lilás de glicínias perfumadas, confirmando a permanência das recordações poéticas de Italo Calvino, Ettore Scola e Giuseppe Tornatore, entre outros artistas italianos que celebraram sua intimidade com a usina de sonhos, transfigurada em cinemas-paraísos.

Era um tema que Bia vinha querendo desenvolver havia bastante tempo. Por isso ficava irritada com o fato de que agora, quando finalmente se dispunha a mergulhar nele, estava tão tomada por suas preocupações com a menina do caderno de receitas. Já estava com dificuldade de continuar trabalhando no novo livro, sobre viagens a encruzilhadas, e sabia que isso, mais uma vez, tinha a ver com Fabrício, porque não estava conseguindo se transportar justamente para onde ele estava e falar sobre a Califórnia. E agora ainda deixava que uma leitura do quotidiano a afetasse dessa maneira? Tentou escrever, mas não encontrou o tom. Acabou desistindo.

Resolveu ligar para Virgílio, conversar um pouco, tentar marcar o encontro com a mãe dele. Atendeu uma voz feminina e não era a da filha dele. Identificou-se apenas como “uma amiga” e disse que ele estava muito cansado e já tinha ido dormir. Perguntou se queria deixar recado. E de repente Bia descobriu que ficara furiosa. Ciúmes dele? Sentia a raiva subir pela garganta acima, pronta para dizer alguma coisa bem agressiva. Não queria pular da frigideira para o fogo. Se ia permitir que alguém a machucasse, só podia ser Fabrício. E mesmo assim, não porque ela deixasse, mas porque não estava conseguindo impedir. Detestava se ver às voltas com o lugar-comum de que “os

homens são todos iguais". Tinha que haver alguns diferentes, e ela merecia encontrar um deles. Enquanto isso, ia mostrar a Virgílio que...

— Alô! — a voz dele interrompeu seus pensamentos antes que ela respondesse. Devia ter pegado o telefone na extensão.

— Oi, Virgílio, desculpe, atendi porque pensei que você estava dormindo... — disse a voz feminina desconhecida, e não desligou.

— Não, tudo bem, eu atendo. Quem é? — continuou ele.

— Era eu — disse Bia. — Mas pode deixar... Tchau.

— Bia! — exclamou ele. — Espere aí! Não desligue!

Mas ela já desligara. E não atendeu em seguida quando ouviu tocar o telefone.

No dia seguinte, cedo, antes de falar com Ana Lúcia, saiu para caminhar. Pensou em andar em volta da Lagoa, podia até ser uma maneira de encontrar Virgílio, porque era bem no horário em que ele costumava ir. Mas não estava com a menor vontade de vê-lo. Decidiu-se pelo Jardim Botânico, sempre um refúgio seguro, fresco e sombreado, um viveiro natural cheio de pássaros, micos e caxinguelês, certamente com a maior concentração de sabiás por metro quadrado em toda a cidade. Sem risco de pisar em cocô de cachorro ou de ser subitamente ultrapassada por uma bicicleta. Ideal para esses dias em que estava distraída assim.

Porque continuava com a cabeça no caderno da menina. Tinha certeza de que havia muito mais naquela história. Conhecia bem, tinha quase certeza. Será que já lera algo parecido? Onde? A memória parecia lhe oferecer a solução, e de repente tudo fugia de novo. Ia ter que falar com Ana Lúcia. E passar por cima da irritação com Virgílio para, utilitariamente, pedir o telefone da mãe dele. Ou não? Talvez estivesse na lista. Não sabia o nome dela, mas Toledo não era um sobrenome tão comum. Muito menos Pádua Toledo, se fosse o mesmo do filho.

Caminhando, Bia entrou na grande alameda em frente ao portão principal, com aquela perspectiva que sempre a deslumbrava: palmeiras imperiais altas e elegantes, de troncos esguios abertos em leques solares no alto, enfileiradas como trilhos que marcam um rumo, se encontrando ao fundo, depois do chafariz central. O patrono dos escritores viajantes, Marco Polo (que droga!, isso agora lhe lembrava o nome do restaurante de Virgílio...), contara ao Ocidente em seu *Livro das maravilhas* que as estradas do Império do Grande Khan eram ladeadas por árvores, para que ninguém se perdesse quando nevava. Aqui não havia esse perigo. Tudo era sempre nítido e visível. E passando os olhos pela margem do

caminho, Bia viu uma data numa placa de bronze — 1842. Nada de mais. Apenas um marco de quando foram plantadas as primeiras palmeiras que balizavam a majestosa alameda. Mas funcionou também como um lembrete de quando a menina nascera. O caderno não começava em 1856 ou 1857, quando ela fizera quatorze anos? Não lembrava a data exata, mas era por aí. Algumas daquelas palmeiras tinham a idade da dona do caderno, diferença de poucos meses. E ali estavam, firmes. A menina se acabara. Mas a história dela não terminara ali nem daquele modo, cada vez Bia tinha mais certeza disso. E pretendia descobrir mais.

Ficou contente quando afinal conseguiu falar com Ana Lúcia, porque a amiga tinha a mesma sensação.

— Viu só? Eu estava louca para você acabar de ler logo, Bia — disse ela. — Eu tinha que discutir esse assunto com você. Por que será que ela não escreveu mais?

— Virgílio acha que ela se matou...

— Eu acho que não — protestou Ana Lúcia. — Era uma pessoa curiosa, cheia de iniciativa, corajosa, enfrentava as situações. Não ia desistir assim...

— Pois é, eu também não acredito nesse suicídio. Acho que ele só ficou com essa ideia porque na última página ela falou em morrer. Mas também falou em matar. Se a gente for enveredar por esse caminho, pode achar que ela matou o marido e a amiga e não escreveu mais porque foi presa... Ou teve que fugir, mudar de identidade, quem sabe?

Ana Lúcia fez uma pausa mínima e disse:

— Bia...

— O quê?

— Acaba de me ocorrer uma coisa. Quando você falou em “última página’: parece que acendeu uma luzinha dentro da minha cabeça. Aquela não era a última página.

Nem mesmo Bia podia explicar como essa informação a deixou contente.

— Então tem mais? E por que você não copiou?

— Porque você disse que não queria as receitas. E depois daquele trecho que eu copiei não tem mais quase nada, ela pula umas páginas e escreve mais umas duas receitas, mais para o fim do caderno, de trás para diante. Até lembro de uma, porque o nome era “Batatas à moda daqui” e eu nunca vi aquele jeito de fazer batata por aqui.

— Como era?

— Não lembro, mas era muito diferente.

Bia deu um suspiro.

— Vou ter que ver esse caderno de novo e falar com a mãe do Virgílio. Depois eu te falo.

— Posso passar aí amanhã na hora do almoço?

— Deixe eu ver na agenda... Tudo bem. Eu vou mesmo à Cobal de manhã e vamos ter salada fresca e um peixinho.

— Não se preocupe com o almoço. Estou querendo conversar. Tenho que resolver umas coisas importantes.

Não chegava a ser surpreendente. Devia ser o noivo outra vez.

— Problemas com o Giba? — perguntou Bia.

Ana Lúcia confirmou, mas acrescentou que também havia uns assuntos de trabalho, não queria falar por telefone. Deixaram o encontro marcado e desligaram.

Em seguida, Bia pegou a lista telefônica. Havia outro número em nome de Virgílio, em Ipanema. Podia ser... Resolveu arriscar. Atendeu uma voz adolescente, ela perguntou se era da casa da mãe dele. Era a da ex-mulher. Quem falava era Luciana. Bia se identificou, pediu o telefone da avó dela.

— O que é que você quer com ela? — Luciana foi direta.

— Preciso falar sobre um caderno de receitas antigo, que ela deu a seu pai e ele me emprestou...

— Você está dizendo que meu pai lhe emprestou o meu caderno? É meu, sabe, vovó só deu ao meu pai com a condição de que um dia ele me entregasse.

Havia um tênue fio de agressividade na voz.

— Ele me disse — explicou Bia, paciente. — E você está de parabéns, porque é um caderno muito interessante. Precioso, mesmo.

— Minha avó também acha. E vai gostar de falar nisso — disse a menina, já mais à vontade.

Deu o número, esclareceu que o nome da avó era Lourdes. Pronto, isso estava resolvido!

Bia ligou para lá e foi facílimo. Dona Lourdes foi simpática e muito conversadeira. Até demais. Evidentemente, estava gostando muito da oportunidade de falar com a moça com quem o filho andava saindo. E ainda por cima, com o atrativo extra de poder se estender sobre o caderno. Explicou que o caderno pertencera a uma parenta afastada, ela nem sabia bem qual o grau de parentesco. Mas, enfim, era alguém que morava na Europa e, quando morreu, deixou as receitas para uma amiga, no sul. Essa amiga, já bem velhinha, era madrinha de uma tia de dona Lourdes, que nesse tempo era criança e herdou o

caderno. Como, por sua vez, essa tia veio a ser madrinha dela, Lourdes, quando a afilhada casou ganhou as receitas de presente. Não tinha mistério nenhum. Dava para seguir tudo, numas cartas que vieram acompanhando o caderno. Cada vez que ele era passado adiante, vinha com um cartão ou bilhetinho, pelo menos.

— O Virgílio disse que a senhora tem fotocópias do caderno completo. Será que podia fazer o favor de ver para mim quais são as últimas receitas?

— Nem preciso. São uns pratos suíços: uma batata *rösti* e um bolo de carne. Mas por que você está perguntando? — O tom de voz mostrava uma certa preocupação. — O caderno não está com você? Aconteceu alguma coisa com ele?

— Não, está tudo bem. É que eu já devolvi e estava curiosa.

— E por que não perguntou ao Virgílio? Desculpe, mas agora quem ficou curiosa fui eu.

Pronto, pensou Bia. Foi se meter a conversar com a mãe e agora tinha que ficar respondendo a perguntas. Tentou sair pela tangente, mudou de assunto. Acabou não escapando: para conseguir ver as tais cartas que acompanhavam o caderno de receitas, teria que ir até lá, pessoalmente. Não podia pedir que dona Lourdes fizesse cópias e mandasse pelo correio, seria um abuso. E não queria recorrer a Virgílio a esta altura dos acontecimentos.

Acabaram ficando de tomar um chá juntas na quarta-feira. Antes disso, encontraria Ana Lúcia. E antes ainda, com a certeza de que fizera o que estava a seu alcance para decifrar o mistério da menina das receitas, finalmente Bia conseguiu voltar a escrever, não apenas terminando seu artigo sobre os cinemas mas também retomando o livro empacado.

Era uma ideia que havia algum tempo a chamava: lugares que são encruzilhadas e que, por isso, são objeto de viagens especialmente ricas e reveladoras, que convergem de trajetos anteriores muito diversos e apontam rumos novos inesperados. Já escrevera sobre o Oriente Médio, dando ênfase à Palestina, que os viajantes do tempo de seus pais ainda chamavam de Terra Santa, e ela gostaria de resgatar como um lugar com uma história própria que precisa ser conhecida, um povo que foi expulso de seu território milenar em 1948 e passou a ser visto apenas como um bando de acampados sem passado. Tinha sido muito difícil escrever sobre isso num tom de convite à viagem, sem descambar para uma aparência de panfleto político, mas quisera muito se dedicar ao tema com carinho, até mesmo porque, apesar de todas as diferenças, via nessa cultura coisas muito semelhantes à brasileira — uma história riquíssima, ignorada do resto do mundo, narrada numa língua marginal, esquecida de todos.

Aliás, o que a despertara inicialmente para a ideia de escrever esse livro tinha sido justamente a constatação de que povos como o brasileiro, muito mesclados, eram muito interessantes. Ia escrever sobre a Turquia e sobre a Europa Central — tinha que resolver ainda se iria se concentrar mais em um dos países, talvez a Polônia. Fizera todo um capítulo, por exemplo, sobre a Andaluzia, um dos lugares onde essa riqueza cultural das encruzilhadas é mais evidente. Bastava pensar na mesquita-catedral de Córdoba, por exemplo, toda moura com seus arcos de mármore, guardando uma igreja cristã no pátio central, gótica com seu altar barroco. Ou nos jardins do Alhambra em Granada, esplendor islâmico junto às cavernas dos ciganos escavadas na pedra. Ou na torre da Giralda em Sevilha, tão árabe, antigo minarete convertido em campanário, lançando sua sombra sobre o bairro judeu de Santa Cruz (e só essa expressão já é uma encruzilhada em si).

Agora queria escrever sobre São Francisco, a cidade mais interessante dos Estados Unidos, em sua opinião. Porta do Oriente, fim da Terra, varanda sobre o Pacífico, ponto de encontro de latinos e saxônicos, índios e chineses, berço da contracultura em todas as suas formas, pulsante de *beats*, *hippies*, protestos estudantis, meditações zen, massagens, terapias alternativas, alimentação natural, *flower power.* Procurou umas anotações que tinha feito sobre a história local, e não conseguia deixar de contaminá-las mentalmente, mesmo que de leve, com suas mais recentes incursões sobre o passado.

Viu que registrara que se tratava de uma baía com a entrada tão estreita que custou muito a ser descoberta. Os espanhóis chegaram lá primeiro por terra, já em pleno século XVIII. Só depois é que vieram de navio. E a região logo passou a ser mexicana, com a independência do México em 1822. A cidade mesmo foi fundada em 1835, um povoado com o nome de Yerba Buena (e essa boa erva até parecia antecipar o futuro fumacê dos anos psicodélicos, pensou num sorriso), logo antes que a Califórnia se declarasse uma república independente e um estado soberano, com sua bandeira de urso. Em 1846, depois que as palmeiras imperiais já tinham sido plantadas no Jardim Botânico e que a menina do caderno já tinha nascido, a vila foi ocupada por tropas dos Estados Unidos — que anexaram a Califórnia após derrotarem o México na guerra, em 1850. Yerba Buena mudou de nome e, já como São Francisco, não tinha mais do que duzentas casas e oitocentos habitantes.

Lembrando da pesquisa histórica que Muniz lera na reunião sobre a série, Bia não podia deixar de comparar esses dados com o esplendor que já era o Rio de Janeiro nessa época, com o intenso surto de progresso que se avizinhava da

cena carioca. O que ocorrera para provocar uma reviravolta tão grande? Em fim de 1848, a descoberta do ouro na Califórnia. E, no ano seguinte, a corrida do ouro e tudo aquilo que a gente conhece dos filmes de faroeste. Ao contrário de nossas Minas Gerais, riquíssimas mas descobertas quando o Brasil era uma colônia e toda a riqueza era drenada para a metrópole, essas minas geraram dinheiro para a nação que se industrializava, libertava seus escravos, consolidando uma região que recebia imigrantes chineses para construírem ferrovias, misturava em seu porto marinheiros russos com caçadores de baleias açorianos. E, dado trivial mas curioso, em 1873, um certo senhor Levi Strauss resolveu patentear as calças de brim azul que vinha fazendo há quinze anos e criou o jeans, que mais de um século depois ia virar sinônimo de uma liberdade definida como *uma calça velha, azul e desbotada.* Bem pela época em que, provavelmente apertada em espartilhos, a menina sumiu pelo mundo, parou de escrever as receitas e de fazer os comentários no seu caderno.

Talvez coincidência. Talvez por estar com os pensamentos ligados na Califórnia. Mas da Califórnia, pensaram em Bia. Quando acabou de escrever a primeira versão do texto e guardou o documento, foi verificar se tinha correspondência no correio eletrônico. Surpresa: um e-mail de Fabrício, apesar de terem combinado silêncio.

Não era nada de mais. Só umas linhas, dizendo que estava com saudade, pensava muito nela e a amava muito, apesar de toda a confusão. E que gostaria de estar com ela. Mas Bia ficou feliz, sabia que o que realmente valia era o sentimento que o empurrava a passar por cima do combinado e fazer esse gesto de contato. Mais tarde responderia. Agora tinha que atender à campainha da porta, que tocava.

Era Virgílio. Como Bia não atendera aos telefonemas dele, veio em pessoa se explicar. Ainda mais porque já soubera que a moça falara com a filha dele pelo telefone e ainda combinara um encontro com a mãe.

Mas Bia não estava para muita conversa, nem queria as explicações que não pedira, sobre a voz feminina que atendera ao telefone na véspera em casa dele. Virgílio é que começou a oferecer informações, aos poucos, em detalhes crescentes diante do silêncio dela.

Era uma amiga, bom, vá lá, ele não ia mentir, uma ex-namorada, com quem de vez em quando ainda se encontrava. Andava meio chateada e sozinha, tinha passado lá na noite de domingo, sabe como é, Bia saíra de repente, ele também estava se sentindo sozinho... Não havia motivo nenhum para ficar zangada. Afinal, ele e Bia não tinham um compromisso, e ela mesma já tinha contado

como era compreensiva nesses assuntos...

Furiosa, ela interrompeu, quase gritando:

— Não estou zangada!

— Pois pelo tom de voz, parece.

— E não misture os assuntos. Minha história com Fabrício não tem nada a ver conosco.

— Calma, calma. Se você não está zangada, a gente pode conversar. Não pode?

— Não tenho assunto nenhum para conversar com você.

— Tem, sim — insistiu ele. — Tanto tem que me telefonou ontem de noite. E hoje ainda devia estar cheia de assunto, porque ficou batendo papo com minha mãe, com minha filha, ligando para a casa da minha mulher.

— Pensei que era ex-mulher...

— Ex-mulher, está bem, é só o hábito, maneira de falar — ele explicou, resvalando sutilmente para a defensiva.

Ela também sossegava um pouco. Afinal, nada daquilo tinha importância para quem acabava de receber uma declaração de amor de Fabrício. E, no fundo, achava até que foi muito bom ter acontecido o episódio do telefone na véspera. Serviu para acender uma luz vermelha: mostrar como estava se envolvendo. E com que tipo de homem. Virgílio tinha toda razão. Ela reagira como se tivesse alguma forma de compromisso, de copromessa. E não tinham. Ainda bem. A última coisa que precisava agora era se ligar a alguém que nesses assuntos, na melhor das hipóteses, era extremamente dúbio. Não confiável. Em bom português, um galinha e um mentiroso. Preferia a verdade com Fabrício, por mais que lhe doesse como uma dor de unha arrancada.

— De qualquer modo, o que é que você queria com as mulheres todas da minha família? — insistiu ele.

Ela sorriu.

— Não era com todas. Era só com sua mãe. Queria conversar sobre o caderno de receitas, que só acabei de ler ontem à noite. E, aliás, foi por isso mesmo que lhe telefonei e fui atendida com tanta gentileza pela sua amiga sozinha, coitada, enquanto você apagava na cama, exausto.

“E esse caderno, aliás, é o único assunto que ainda tenho com você”, pensou meio agressiva.

“Puxa, ela ficou brava mesmo”, pensou ele. “Mas também a Tânia não tinha nada que atender, foi de sacanagem. Mulher é fogo, não deixa passar. A gente dá um dedo, elas tomam o braço, ficam logo querendo se instalar e virar donas da

gente, mandar na casa, na vida, em tudo. O maior controle.”

Mas nenhum dos dois disse o que estava pensando. Ambos queriam que a situação melhorasse. E trataram de não botar lenha na fogueira.

Virgílio propôs que Bia fosse jantar com dona Lourdes no Marco Polo, em vez de tomarem chá em casa dela. Assim ele podia estar por perto, paparicar bastante as duas, e o encontro não dava trabalho à mãe. Bia quase aceitou, com esse último argumento. Mas de repente achou que não era nada disso. Era só para ele ter alguma forma de controle sobre a conversa. Ficou firme, lembrou que fora a mãe dele quem insistira no tal chá, era óbvio que estava gostando da ideia. Não cedeu.

E quando Virgílio finalmente saiu, a seco — que Bia não serviu nem cafezinho, quanto mais a possível sessão de carícias com que ele vinha contando —, estava bem claro para os dois que alguma coisa havia mudado entre eles. O quê, ou até quando, só o tempo diria.

14

— Fui deixando o tempo passar, achei que ele mudava, ia entender. Mas está cada vez pior — concluiu Ana Lúcia. — Cada vez implica mais com tudo o que é do meu trabalho.

— Então, dê um basta — fulminou Bia. — Parta para outra.

Em geral, evitava dar conselhos, ainda mais tão definitivos. Mas estava sem nenhuma paciência com esse noivo da amiga. Ou com "os homens em geral", essa entidade amorfa e policéfala que ultimamente surpreendia como alvo de suas irritações.

— Não é assim tão simples. Eu gosto dele, a gente namora há um tempão, as famílias são amigas, todo mundo faz a maior pressão. Não é só ele. Ninguém entende o meu trabalho. Até o meu pessoal. Fica todo mundo dizendo que eu estou sendo teimosa, que eu podia ceder, que ele já cedeu tanto...

— Ele cedeu? Em quê? Não lembro de nada em que ele tenha recuado... E tenho certeza de que sua mãe e seu pai sabem perfeitamente o que representa o seu cheque de pagamento no final do mês, ganho por você sem favor de ninguém, e são bem capazes de entender como isso é bom para você.

Ana Lúcia hesitou:

— Por isso é que é bom eu conversar com você. Fica tudo tão direto, tão claro. Porque lá em casa é mais confuso. O Giba agora diz que cede: se eu quiser trabalhar, ele deixa.

"Mas ele não tem nada que deixar, você não precisa de licença dele", quase interrompeu Bia. Porém deixou a amiga continuar.

— Ele disse que pode tentar arrumar um lugar para mim no mesmo banco onde ele trabalha. Numa outra agência, claro.

"Claro, assim ele controla de longe mas não é controlado", prosseguiu Bia em seu diálogo mudo, enquanto acabava de servir o almoço. Ana Lúcia foi começando a se servir e explicando:

— Ele tem um amigo que é subgerente nessa agência e pode dar um jeito... O Giba não se importa de eu ir trabalhar lá, está até dando força. Só faz questão é que eu saia da editora e desista dessa ideia do concurso. E todo mundo fica achando que eu devia concordar, ele já está fazendo a minha vontade, eu também tenho que mostrar que posso ceder.

— Mas é essa a sua vontade? Mesmo? Ir trabalhar no banco? — dessa vez Bia se manifestou.

— Claro que não. Para falar a verdade, eu até estou em dúvida se vou mesmo fazer o concurso. Mas não tenho a menor vontade de sair da editora. Era isso o que eu queria conversar com você. Para você me ajudar a resolver.

Ajeitou-se na cadeira e continuou:

— Ontem de manhã quando eu cheguei no trabalho, tinha um recado que o seu Alberto queria falar comigo.

Seu Alberto era o diretor.

— Fiquei toda preocupada, com medo de ter algum problema. Mas era uma novidade boa. Ele disse que vão reformular uns departamentos, estão expandindo uns setores e ele está muito satisfeito com o meu trabalho. Pensou em me promover no setor de vendas mesmo, mas não vai ter vaga agora. Mas quando se informou a meu respeito, descobriu que eu terminei a faculdade de letras, e então perguntou se eu não queria passar para a gerência editorial, experimentar trabalhar com preparação de texto, já imaginou, Bia? Ajudar a fazer livro, de verdade... Com um salário bem melhor. E não precisar mais ficar correndo de um lado para outro, visitando colégio no calorão ou na chuva, aturando má vontade de diretora, carregando uma sacola pesada o dia todo... Puxa, é tudo o que eu queria, nem podia sonhar com uma coisa dessas. E seu Alberto ainda disse que eu tenho muita chance de subir bastante e depressa nesse lugar, que eles vão se expandir mais, que eu tenho uma porção de qualidades... Me fez tanto elogio que eu até fiquei sem graça. Mas é segredo, hein? Ninguém pode saber ainda, seu Alberto pediu sigilo.

Do outro lado da mesa, Bia levantou o copo com água, como se fizesse um brinde.

— Puxa, que bom! Mas então qual é o problema? Você fica lá, passa a ganhar mais, e diz ao Giba que é assim que vai ser. Ele vai ter que concordar. É uma melhoria na sua vida.

— Não, isso é só a segunda parte do que eu tenho que resolver. A primeira é o concurso. Estou estudando há quase um ano para essas provas. Agora chegou a hora, no fim do mês. Mas se eu posso ficar trabalhando numa coisa melhor, não preciso fazer... só que foi tanto esforço, tanto tempo... E se eu, de repente, for demitida? Se eu passar no concurso, viro funcionária pública. Tenho segurança, estabilidade, nunca mais na vida vou perder emprego, tenho todas as garantias... Não é de se jogar fora.

Realmente, ponderou Bia, em silêncio, cortando a carne, ajeitando os

pedaços de alimento com os talheres. Ana Lúcia estava diante de uma opção delicada, principalmente para uma pessoa que vinha de uma família que sempre enfrentara dificuldades materiais imensas. A própria Bia, na sua vida pessoal, escolheria fazer o que lhe dava mais prazer, tinha certeza. Mas tinha um temperamento cigano, como dizia o pai. Nascera para o mundo, não esquentava lugar, detestava horários e patrões. E estudara em bons colégios, vivera no exterior, tinha amigos bem situados — em suma, tinha mais recursos que lhe permitiam olhar com uma certa condescendência essa questão da segurança no emprego. Numa emergência, tinha mais saídas. Compreendia a dúvida de Ana Lúcia, percebia que a amiga esperava que ela dissesse alguma coisa, mas ainda não sabia bem o quê. Ficaram quietas algum tempo. Depois, Bia apenas disse:

— Você tem razão, é uma escolha difícil.

— Pois é, então eu fico pensando numa coisa. Já que fica todo mundo achando que eu podia ceder ao Giba em alguma coisa, todos falam tanto, eu talvez pudesse propor a ele que abro mão de um dos dois, ou do concurso ou do emprego na editora, e ele resolve qual...

— Essa não! — protestou Bia. — Uma decisão tão importante na sua vida quem tem que tomar é você.

— Pois é, o Juliano também acha.

— O Juliano? — repetiu Bia, meio incrédula.

Mais incrédula ficou ainda quando viu o rosto de Ana Lúcia ficar meio rosado — como poderia acontecer com qualquer heroína de romance do século XIX, como a menina do caderno deveria corar diante do namoradinho. Grande surpresa, essa, pensou. E das boas!

Ana Lúcia continuava, de olhos baixos, já terminando a refeição. Procurava as palavras, quase gaguejando:

— É... eu ontem almocei com ele... quer dizer, a gente se encontrou lá na editora, ele passou lá, queria procurar um livro... então saímos... e estava tudo tão novo na minha cabeça, eu estava tão contente, precisando falar com alguém, então falei com ele... Não aguentava esperar até esta nossa conversa hoje. E não ia poder discutir essas coisas com o Giba, claro...

— Claro... — concordou Bia, prendendo um sorriso. — Muito melhor com o Juliano. E o que foi que ele achou?

— Ele acha que eu devia dizer ao seu Alberto que vou fazer o concurso, porque já era um compromisso anterior, e vou precisar do horário livre para as provas. São só dois dias e ele na certa vai estar de acordo. E que depois, se eu passar, como a nomeação sempre demora muito, eu vou ter tempo de ver como

são mesmo as coisas na editora e resolver o que eu quero. Mas que o concurso só vai me ajudar, que a aprovação me valoriza como profissional, que talvez eu possa não tomar posse e deixar para depois... Sei lá, ele falou uma porção de coisas e me animou muito.

Bia pegou umas uvas do cacho que estava com outras frutas numa tigela na ponta da mesa e perguntou:

— E do Giba, o que é que ele acha?

— Ah, disso a gente não falou muito. Quer dizer, quando eu falei um pouco, ele só ficou brincando — respondeu a outra, em tom reticente.

— Brincando como? Se não for indiscreto perguntar... — insistiu Bia, achando muito divertido descobrir aquela ligação que começara diante de seus olhos e ela nem desconfiara.

Ana Lúcia também sorriu:

— Bem, ele disse que esse cara não me merece, e eu devia jogar ele para o alto.

— Palmas para o Juliano! — disse Bia. — Finalmente alguém te diz com todas as letras uma coisa que você bem que andava precisando ouvir. Espero que você não tenha chorado por isso, como fez comigo outro dia, só quando fiz uma leve insinuação. Nem que tenha ficado zangada com o Juliano.

— Não, não... Eu achei graça, ele falou meio brincando, sabe? — disse Ana Lúcia, levantando e começando a tirar a mesa.

— Mas meio a sério também, você não acha? — forçou Bia, levantando também.

— É... Meio a sério também. Ele fez questão de dizer que estava falando sério. E que eu devia experimentar. Dar uma chance à sorte que pode estar mudando minha vida toda neste momento.

— Taí, gostei do Juliano. E das coisas que ele disse. Acho que ele tem toda razão. Você não acha?

Para surpresa de Bia, a amiga admitiu com firmeza:

— Acho, sim. E pelo jeito, essa é outra coisa que eu vou ter que resolver.

Fez uma pausa e acrescentou:

— A gente não pode sentar e deixar a louça para depois?

Foi o que fizeram. E Bia, entre surpresa e cheia de ternura, ouviu Ana Lúcia desfiar uma série de novas ideias. Ou nem tão novas, mas que vinham amadurecendo aos poucos. Queria abrir espaço para suas vontades e confessar o que realmente tinha vontade de fazer, não o que esperavam que fizesse. Começava pela aceitação do novo emprego na editora, já, a partir da semana

seguinte. Continuava com a decisão de se mudar: aproveitar o ganho salarial e sair da casa dos pais, passar a dividir um apartamentinho perto da praça da Bandeira com uma colega de trabalho. Aí podia sair da pressão quotidiana do meio em que vivia, ficar mais longe de parentes, amigos, vizinhos. E talvez — não tinha certeza, era só talvez, mas andava com vontade de arriscar... — então desse um tempo no noivado com o Giba.

— Para ver como pode ser a vida de cada um sem o outro, entende? A gente namora há tanto tempo, estamos tão acostumados... Eu vivo com medo de perder o Giba, dele ficar meio preso de repente a uma dessas mulheres com quem ele vive se metendo, mas a verdade é que eu não sei. Pode ser que uma delas combine muito mais com ele, seja muito mais como ele quer, menos teimosa que eu. E pode ser — eu tenho mesmo esperança de que seja assim, sabe? — pode ser que eu descubra que sem ele não estou perdendo tanta coisa como eu tenho medo.

— Dou a maior força. Em tudo — apoiou Bia. — Mas para quem dizia que estava indecisa, com problemas, e querendo conselhos para poder resolver a situação, você vai ter que reconhecer que está muito bem encaminhada, não?

Ana Lúcia riu.

— É... acho que eu já estava há um tempão vendo que ia ter que resolver. Mas a oferta do novo emprego clareou um pouco a situação. Ou, pelo menos, ajudou a dar o clique.

— E o Juliano, não ajudou também?

— É — concordou ela. — O Juliano também. Bia, ele é demais... Uma pessoa tão doce, um cara tão diferente... Tem horas que eu acho que eu estou começando a gostar dele.

— Isso, menina, vá em frente, você merece. Os homens doces são raros e valem ouro.

Mesmo quando estão confusos e ferindo a gente, pensou. Assim que Ana Lúcia saísse, ia responder ao e-mail de Fabrício. Também em poucas linhas. Repetindo quase o mesmo que ele escrevera.

Aliás, não. Consultou o relógio e viu que essa resposta ia ter que esperar. Precisava fazer umas coisas na rua e, se não saísse logo, iria se atrasar para o encontro com a mãe de Virgílio.

15

Foi uma correria. Trânsito difícil, banco quase fechando, fila comprida. Bia ficou um pouco preocupada com a hora. Não queria deixar dona Lourdes esperando. Seria indelicado. Além disso, imaginava a ansiedade da mãe de Virgílio à espera. Para quem vivia sozinha e sem fazer nada, a ideia de fazer um lanche com quem considerava a "namorada" do filho devia ser um programa cheio de expectativas. Na certa, a senhora estava desde cedo às voltas com preparativos para o chá, bolinhos, geleias. Bia não podia desapontá-la.

Mas se não houve desapontamento, não se pode negar que o encontro não correspondeu a algumas das expectativas. Pelo menos, às de Bia.

Quando dona Lourdes abriu a porta, era exatamente como a moça imaginara — uma figura bem maternal, baixinha, meio gordota, sorridente e falante. Mas em seguida, foi tudo diferente. Para começar, não havia mesa posta apesar de Bia já estar atrasada. Além disso, a dona da casa se desculpou e a fez sentar no sofá, mas estava no meio de uma conversa telefônica e tinha que acabar de resolver um assunto. A moça não queria ser indiscreta, mas não pôde deixar de ouvir: a mãe de Virgílio estava fechando a negociação final de um contrato! E negociava bem...

Só depois é que começaram a conversar mesmo. E Bia deslizou de surpresa em surpresa. Dona Lourdes pediu à empregada que fizesse um chá e visse se ainda havia algum pacote daquele biscoito amanteigado que trouxera de Petrópolis. Desculpou-se por não ter tido tempo de preparar nada, andava ocupada tentando garantir uma prestação de serviços para uma cadeia de hotéis, quase desmarcara o encontro. Diante do evidente espanto de Bia, explicou:

— Virgílio não te contou? Pensei que eu tinha enchido tanto a paciência da família, com a ideia fixa dessa negociação, que eles nem iam mais conseguir falar em mim sem mencionar o contrato da Martur... Mas pelo jeito, pelo menos este meu filho é discreto... Qualquer um dos outros já teria dado o serviço.

— Dos outros?

— São cinco homens. Você não sabia? Não faz mal, agora sabe. E de qualquer modo, você chegou bem na hora, acabamos de acertar as condições, vai ser justamente como eu queria. Vamos assinar tudo na sexta-feira. Acho que você me deu sorte. Temos que comemorar!

Diante de uma Bia incrédula, propôs:

— Tem certeza de que quer mesmo um chá? Ou me acompanha numa champanhezinha que eu deixei na geladeira?

Em instantes, a moça se viu brindando em *flûtes* de cristal a um novo contrato não sabia de quê, com uma garrafinha de Veuve Clicquot tamanho-avião, aberta por dona Lourdes de modo tão exímio que atestava sua absoluta intimidade com o gesto.

Logo ficou evidente que a mãe de Virgílio gostava mesmo de falar. Em pouco tempo, Bia já sabia toda a vida dela. Ficara viúva aos quarenta anos, de repente, quando uma embolia lhe levou o marido de uma hora para outra. Os filhos eram adolescentes, e ela se descobriu inteiramente despreparada para a vida. Nunca trabalhara, não tinha diploma nem profissão. Jamais tivera uma conta em banco. Não tinha pensão. Nem ao menos sabia com que bancos o marido trabalhava. Era apenas uma dona de casa exemplar. Em absoluta dependência em relação ao companheiro que desaparecera. Além da dor da perda, da saudade, da solidão, tinha que se ocupar de coisas bem concretas para garantir a educação dos filhos e a sobrevivência da família. Saiu procurando emprego, batalhou por bolsas de estudos para os meninos. Botou os filhos para ajudarem no que podiam — inclusive nas tarefas domésticas, todos viraram excelentes cozinheiros. Foi aprender datilografia, trabalhou em alguns escritórios de amigos do marido, mas chegou à conclusão de que, como assalariada, não ia longe. Os filhos se dispunham a ajudá-la assim que crescessem mais e pudessem, mas ela percebeu que não queria passar de uma dependência para outra. A vida estava lhe dando uma chance. Tinha que aproveitar.

— Eu queria ter algum negócio próprio e não sabia o quê. Mas sabia que tinha que ser alguma coisa de que eu gostasse e que eu soubesse fazer bem. E só sabia cozinhar. Eu lá podia virar cozinheira? — perguntou rindo.

Bia não sabia o que dizer. Dona Lourdes falava sem parar.

— Mas virei, minha filha. Foi isso mesmo o que eu virei. Cozinheira, banqueteira, organizadora de festas: eu tinha a maior prática de administrar uma casa. Não sabia ganhar dinheiro, mas sabia muito bem fazer o dinheiro render. Aí apareceram os *freezers* e eu vi que era a minha chance. Vendi o apartamento grande que a gente tinha na avenida Atlântica, comprei um menor na Tijuca, térreo, de fundos, antigo, com uma cozinha imensa, e a possibilidade de ir botando os *freezers* pela área, debaixo de um telhadinho. Contratei uma ajudante. Fui das primeiras pessoas nesta cidade a criar um serviço eficiente de comida congelada caseira, da maior qualidade. Meus filhos faziam as entregas, a

promoção, as vendas, se encarregavam das compras. E eu cozinhava, nos meus horários, na minha casa e com a minha organização.

Pelo jeito, fizera sucesso. O negócio foi se expandindo, surgiu um outro ramo, com o fornecimento de sobremesas para restaurantes e hotéis. Um serviço de entregas, com veículos próprios. Depois, já na Zona Sul novamente, os filhos já independentes e encaminhados na vida, ela criara a Infra, uma empresa especializada em serviços para bares, restaurantes e hotéis. Desde contabilidade e apoio jurídico até lavanderia, limpeza e manutenção, decoração, contatos com fornecedores.

— A senhora faz tudo isso? — perguntou Bia, espantada.

— Bom, eu não cozinho mais, não lavo roupa, não saio escolhendo móveis, decorando restaurantes... — riu dona Lourdes. — Mas sou a intermediária na contratação desses serviços, terceirizados. Sou exigentíssima, mantenho um controle de qualidade nos meus padrões, e todo mundo sabe que isso é uma garantia. Meu nome é uma marca, vale mais que todas as instalações físicas da empresa. Hoje tenho uma equipe enorme trabalhando comigo, aqui e em São Paulo, gente ótima, experiente. Eu fico só supervisionando. Por isso posso me dar ao luxo de trabalhar em casa de tarde. Também, com computador, é tudo mais fácil, a gente está sempre conectada... Venha ver.

Numa sala ao lado, entre três computadores, trabalhava uma moça, apresentada como a secretária dela. Já que entrou na sala, dona Lourdes teve que resolver alguma coisa com ela, mexeu rapidamente num dos computadores, acessou umas listas de preços, decidiu algo. Depois, voltou para a sala com Bia, comentando:

— Acho computador uma maravilha. O governo fica falando em usar a informática para educação a distância, e é verdade que a meninada gosta de brincar com eles. Mas eu acho mesmo é que, talvez mais importante do que ter um computador em cada sala de aula, seja que cada pessoa de mais de sessenta anos possa ter acesso a e-mail. A gente nunca mais fica sozinha. Converso com minhas amigas toda hora, com os parentes que estão longe, com gente que eu não conheço nem nunca vou conhecer. Entro em sites do outro lado do mundo, estou com um amigo desconhecido em Milão, um professor de arte gaúcho que está fazendo uma pesquisa na Itália. E bato papo com os netos todo dia.

Enquanto ela falava, Bia olhou discretamente o relógio. Já estava ali havia um tempão, carregada por uma torrente de palavras numa direção completamente diferente da que esperava. Precisava de uma brecha para introduzir o assunto que a levara até ali, mas não parecia fácil interromper dona

Lourdes. Mas foi ela mesma quem, num tom de quem conclui, de repente suspirou e disse:

— E pensar que eu devo isso à Lina. Quer dizer, tudo isso começou por causa daquele caderno de receitas, o cadernão da Lina, como eu chamo...

Nova surpresa! Mas Bia aproveitou a oportunidade para dar corda ao assunto que queria:

— Como assim? Quem é Lina?

— Ué, a dona do caderno, você não sabia? E eu sempre acho que devo tudo a ela porque quando eu pensei que só sabia mesmo era cozinhar, quando eu ainda não sabia o que ia fazer, ficava olhando livros de receitas, meus cadernos, essas coisas. E uma das cartas que estavam no envelope junto com o caderno, justamente a carta de Lina, me mostrou que eu até tive sorte. A situação dela era muito pior. Um marido que a tratou daquele jeito... Sei lá, tenho visto tanta coisa acontecendo com minhas amigas que às vezes penso que talvez seja uma sorte ficar viúva antes do marido aprontar uma dessas, talvez toda mulher tivesse o direito de ficar viúva cedo na vida, divorciar não adianta, é um alívio que só vem depois da dor, da humilhação, da decepção. Viuvez, não. É melhor, é só o sofrimento da perda, a saudade, mas a imagem do grande amor fica inteira, até maior, a gente não fica achando que escolheu mal, que é culpada de não ter visto antes o canalha que aquele príncipe encantado podia ser...

Bia interrompeu, que o discurso já enveredava de novo por outros caminhos:

— Mas a senhora estava falando no caderno...

— Ah, sim... Pois eu fiquei pensando: se ela, numa situação tão pior, sem nenhum apoio, e num país estrangeiro, teve a coragem de ousar experimentar um caminho novo e deu certo, por que eu não posso fazer o mesmo?

— Que situação?

— Você não leu?

Em seguida, dona Lourdes corrigiu-se:

— Claro que não podia ter lido. Esqueci que você só viu o caderno, o resto está na carta da Lina.

— Posso ver? — pediu Bia, o coração batendo forte.

— Claro. Até já fiz as cópias para você. Está tudo aqui.

Deu a Bia uma pasta. A moça agradeceu. Mas não a abriu. Em poucos instantes, estava se despedindo e saindo. Não queria ler ali. Nem na frente de ninguém. Tinha medo de mostrar que estava emocionada, de tão envolvida que estava com a menina. Lina, agora tinha um nome. Ficara feliz de já saber que ela

conseguira dar a volta por cima, ter coragem, fazer alguma coisa nova que deu certo. Preferia se guardar para estar sozinha e quieta em seu canto, nesse novo encontro, que seria também o último, com a dona do caderno de receitas, a menina do século passado com quem ela fizera amizade. Depois, não haveria mais nada. A história acabava e qualquer texto de Lina também. A carta seria uma despedida. E Bia queria estar sozinha nesse adeus.

16

Os livros continuam uns aos outros, apesar de nosso hábito de julgá-los separadamente.

Não fui eu quem disse isso, foi Virginia Woolf. Limito-me a lembrar e concordar. E não apenas porque existe uma tradição literária em que esses livros se inserem, fazendo com que nenhuma obra possa ser um fato isolado e solitário, mas tenha sempre que ser o resultado de muitos séculos de se pensar em conjunto, de tal forma que a experiência coletiva está sempre por trás da voz individual. Mais que isso, porém: a leitura aproxima livros diversos. O que o autor leu está embebido nele e passa para sua escrita. Acontece o mesmo com aquilo que cada leitor já leu antes e vai fazer dialogar com o que está lendo agora. Ou ainda com o que guardará do que está lendo neste momento e, em algum ponto do futuro, acionará para incorporar a sua vida ou a outras leituras. Livros que continuam uns aos outros.

Não é de estranhar, portanto, que Bia, personagem de ficção vivendo na realidade narrativa, estivesse se comportando como entusiasmada leitora real de ficção diante da história de Lina — a menina que existira de verdade havia muito tempo, que copiara receitas naquele caderno e nele salpicara pelos anos afora seus desabafos, fiapos de alegrias e aflições. Durante o período em que convivera com aquelas páginas, Bia tivera sua curiosidade despertada e se interessara pelo que ia acontecendo. Mais que isso, se envolvera com a própria personalidade da menina, de algum modo se identificando com ela — ou projetando nela alguns de seus desejos ou receios. Ficara presa à narrativa do caderno como se fosse um romance, e como se aquilo tudo fosse uma grande história inventada e emocionante. Mas sempre soubera que era tudo real — o registro escrito por uma mulher carioca do século XIX, à margem de umas páginas de miúdas anotações domésticas. Algo que, no fundo, só tinha valor documental e histórico.

Essa certeza era ponto pacífico. Não havia o que discutir nela. E como Bia não tinha qualquer consciência de que ela própria é que não existe na chamada vida real aqui de fora deste livro, sendo mera personagem de ficção criada por uma mulher carioca no finalzinho do século XX, sua leitura da carta de Lina não se deixou contaminar por nenhuma dessas considerações. Por ela, não haveria

qualquer motivo para que estas reflexões labirínticas estivessem agora aqui nesta página. Se o faço não é por ela. É por você, que me lê. Por mim mesma, que escrevo. E se nada disso lhe interessa, ou tudo lhe parece levemente vertiginoso, eu poderia ecoar Machado de Assis, quando avisou:

> *A leitora, que é minha amiga e abriu este livro com o fim de descansar da cavatina de ontem para a valsa de hoje, quer fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo.*

Mas talvez o comentário devesse ser atualizado, e não apenas no que se refere a valsas e cavatinas. As leitoras de hoje não usam o livro para se distrair entre festas e bailes, nem são tão delicadinhas a ponto de se assustar com abismos ou vertigens latentes — se é que algum dia o foram. Garantem os especialistas que alguns leitores homens (aliás, cada vez em menor proporção estatística frente ao número de mulheres que leem literatura), sim, é que com frequência fecham os livros às pressas, quando se trata de poesia, romance ou conto — se é que se aventuram a abri-los. Não por medo de abismos, mas por horror a delicadezas ou outros lavores sutis, de linguagem ou observação de memória e sonho. Preferem os chamados "fatos duros" jornalísticos ou científicos, os manuais de instruções para vencer na vida, os intelectualismos abstratos e eruditos embalados em jargões que excluem os mortais comuns. Ou então, em matéria de narrativa, tão necessária à consciência da espécie humana, contentam-se com o que lhes fornecem os efeitos especiais nos filmes de ação em que o trabalho dos técnicos pesa mais que a interpretação dos atores ou a palavra do autor. A esses leitores, não peço que fiquem nem prometo mudar de rumo. Aceito que nossas escolhas são diversas e não tenho qualquer pretensão de me esforçar para retê-los. Talvez seja melhor mesmo despedirmo-nos por aqui, se é que já não se foram há muito tempo.

Aos outros, àqueles que Stendhal chamava de "*happy few*", agradeço pela companhia e faço um convite. Venham comigo ler a carta de Lina e mergulhar com Bia no que ela encontrar, nessas águas moventes onde se cruzam ficção e -realidade, no contínuo fluxo de livros que se esparramam por nossa vida e a fecundam.

> *Vevey, 28 de março de 1911.*
>
> *Minha querida amiga Sancha,*
>
> *Bem imagino tua incredulidade ao receber esta carta. Seguramente me tens por morta e enterrada há mais de vinte anos. E subitamente te escrevo,*

da Europa, sem nem ao menos saber se estás viva ou se esta carta, afinal, te chega às mãos, visto que o único endereço que tenho é o de teus parentes no Paraná. Haveria tanto a dizer-te, sobre todas as cousas que se passaram nestes quarenta anos, contados dia a dia, desde a trágica manhã em que a catástrofe te trouxe a viuvez e deixou tua filhinha na orfandade. Inúmeras vezes compus este relato mentalmente, mas outras tantas o deixei de lado sem saber por onde começar, nem que palavras usar para dar conta das razões que me moveram.

Sei agora que tenho pouco tempo e não me cabe mais adiar. Deixo ordens expressas para que este envelope te seja enviado após meu falecimento, que segundo o médico não deve tardar muito. Sei, assim, que teu olhar só estará percorrendo estas linhas quando não haverá mais resposta possível neste mundo. As lembranças e emoções que deito ao papel não têm mais o poder de mudar o curso dos acontecimentos. Meu gesto serve apenas para trazer-me, a mim, um pouco de paz. E talvez também a ti, garantindo-te a certeza de que não guardei ressentimentos de ti (sim, eu sabia, vi os olhares entre ti e meu marido).

Antes de ir-me, gostaria de despedir-me de minha tão cara amiga de infância e de te dizer que só agora parto, aos 68 anos de idade, do outro lado do oceano, levando entre minhas melhores lembranças desta vida a preciosa amizade que nos fez compartir momentos de alegria e de dor, mas que não foi capaz de me fazer escolher a total sinceridade para contigo nestes quase quarenta anos em que a vida me arrancou de nossa cidade luminosa, beijada e batida pelo mar e me transplantou para estas montanhas, onde me deixou encerrada e sem horizonte.

Ao leres o ocorrido, na certa entenderás que era impossível que eu me dirigisse a ti sem te magoar ainda mais. Só por isso não o fiz, apesar de todas as saudades e doces memórias. Agora, porém, a verdade é um dever. Espero que me compreendas, me perdoes como te perdoei, e rezes por mim, intercedendo ao Padre Eterno por esta pobre alma a quem muito poderá ser perdoado porque muito amou, segundo promete a Escritura. Acompanha esta carta um caderno de receitas que mamãe me deu pouco depois de sairmos do colégio, e no qual nunca mais escrevi desde a manhã em que ficaste viúva, quando nele fizera as últimas anotações, antes de saber da tragédia. Verás que ao longo do tempo, além de nele copiar receitas de cozinha e maneiras de fazer modelos de tricot *e* crochet*, de quando em quando depositei em suas páginas registros de meu estado de espírito. Por*

vezes foi ele meu único amigo confiável, naqueles momentos que bem conheces, em que nossa condição de mulher nos obriga a agir com discrição e cautela, por vezes até com dissimulação.

Sugiro que interrompas aqui a leitura desta carta e folheies as páginas do caderno — cujas receitas, se desejares, poderão depois ser passadas a tua filha, para que não se perca inteiramente o saber de alguns sabores. Não precisas dizer-lhe que o caderno pertenceu a sua madrinha. Deixe-a na ilusão de que morri há muito tempo. Como verás, nem mesmo meu nome está mais na primeira página dos escritos. Há certas memórias que, se ajudarmos, até Deus esquece.

Com a leitura, poderás acompanhar o que me ia na alma. Confirmarás quanto eu sempre amei meu marido e como entre nós duas nunca houvera antes daquela fatídica noite cousa alguma que maculasse nossas simpatias, nossa amizade começada no colégio, continuada e nunca interrompida até que um lance de fortuna fez separar para sempre duas criaturas que prometiam ficar por muito tempo unidas.

O que se seguiu à descoberta daquela noite, e que nem imaginas, tratarei de contar-te resumidamente.

Na manhã seguinte, aturdida e abatida, escrevi aquelas notas em meu caderno e depois fui à missa com prima Justina. Ao regressar, soube que Santiago fora chamado às pressas à tua casa, porque teu marido se afogara. Não pude deixar de recordar, imediatamente, que ainda na véspera eu pensara em sua morte, e na minha também. Igualmente pensara na tua morte e na de meu marido, cheguei a pedir aos céus que elas se abatessem, tão ferida e dilacerada me encontrava eu com a descoberta da traição. Devido à lembrança dessas orações recentes, sentia-me como se meus pensamentos houvessem provocado a tragédia, como se a morte dele, tua viuvez e a orfandade de minha afilhada tivessem como causa única meus desejos secretos. Ao chegar a hora da encomendação e da partida do corpo, teu desespero foi muito além do que eu podia suportar. A olhar fixamente o cadáver, supliquei com todas as minhas forças que ele me levasse consigo, pensei em lançar-me ao mesmo mar que o levara e que agora me atraía, como se a única maneira de findar meu sofrimento fosse ser tragada pela mesma ressaca que o arrebatara e ainda bramia diante da casa. Nos dias e semanas seguintes, ajudei-te como pude a arrumar tuas cousas e preparar tua mudança para o Paraná. Por vezes desejava falar-te, contar que eu vira os olhares trocados por ti e Santiago. Outras vezes,

desejava confessar-te que a morte que te atingiu fora invocada por mim. Não ousei. E depois de tua partida, continuamos nos escrevendo como se nada houvesse mudado em nossa amizade. De minha parte, essa correspondência constituiu uma mentira e uma falsidade que sempre me molestaram muito e só agora clareio.

Nessas cartas, outra coisa que te ocultei foi o motivo que me fez vir para a Europa com meu filho. Eu já havia proposto antes a Santiago essa viagem, ou uma temporada em Petrópolis. Sofrendo de melancolia nessa ocasião, ele vivia calado e aborrecido. Dizia que os negócios andavam mal. Propus-lhe vender as joias e os objetos de algum valor, até que tornassem a andar bem. Respondeu-me secamente que não era preciso vender nada, pegou do chapéu e saiu. Então vivia assim, sempre irritado. Com o pequeno, ainda mais do que comigo, se tal era possível. Evitava-o quanto podia, respondia com aspereza a suas perguntas, fazia-o chorar a todo momento. Para ver se melhoravam as cousas, propus meter o menino ao colégio, de onde só viria aos sábados. Pois crês que nesse dia, o pai saía, buscava não jantar em casa e só entrava quando ele estava dormindo? Aos domingos, trancava-se no gabinete ou saía outra vez. Quando acaso se encontravam, era doloroso constatar o contraste entre o menino, alegre, turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, e a evidente aversão que lhe tinha o pai e que já não podia disfarçar. Como não disfarçava o horror que minha presença lhe causava.

Houve, porém, um sábado em que se encontraram. Não sei o que houvera antes, mas logo antes de sairmos para a missa, o menino entrou correndo no gabinete do pai, chamando-o com sua alegria de sempre, querendo beijá-lo. Fui atrás, devagar, e cheguei a tempo de ver Santiago forçando o filho a tomar uma xícara de café, a ponto de empurrá-lo pela goela abaixo da criança. Como o pequeno não quisesse, o pai insistia. Mas depois mudou de ideia de repente, recuou, começou a beijar doudamente a cabecinha dele e a exclamar que não era pai dele. Ouvindo isso, decidi interferir. Entrei no gabinete, disse ao menino que saísse.

Pedi explicações daquela cena e das lágrimas dos dois. Ele repetiu que não era o pai do menino. Estupefata e indignada com tamanha injúria, pensei que não resistiria à dor. Mas quis saber de onde vinha tal convicção, insisti para que falasse tudo, teimei para que fosse sincero, a fim de que eu soubesse do que estava sendo acusada e pudesse me defender. Acabei por lhe dizer que, se não achava que houvesse defesa possível, eu lhe pedia

nossa separação. Já não podia mais!

Minha querida Sancha, tanto tempo se passou, tantas dores se somaram a essa, e meu coração ainda se confrange ao recordar esses instantes que eu não acreditava estar vivendo, mas cuja realidade o próprio tempo se encarregou de confirmar. Pois Santiago passou então a acusar-me de ter tido meu filho com teu marido! Era demais! Até os defuntos! Nem os mortos escapavam aos seus ciúmes!

Eu sabia a razão da acusação. Era a casualidade da semelhança. Como se não as houvesse na natureza... Seguramente te recordas de que teu pai mesmo gostava de mostrar como eu era parecida com o retrato de tua mãe que pendia na parede da sala. Lembra-me sua insistência em mostrar como nossas feições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. Dizia até que nosso gênio era um só, parecíamos irmãs. Por isso, tu e eu seríamos tão amigas...

De qualquer modo, a convicção de meu marido era sincera. De nada me valeria argumentar. Nem eu o desejava. Não se tratava mais da pessoa por quem me apaixonara ainda menina e com quem eu desejara compartilhar toda a vida. Desde então, dentro de mim, passei a chamá-lo pelo sobrenome, como se se tratasse de outro homem. Talvez fosse essa uma derradeira tentativa terna de preservar o apelido familiar para o menino que fora meu companheiro de folguedos, o rapaz que por tantos anos eu esperara, o homem dos primeiros tempos do casamento, que me deu tanta felicidade. Feliz como um passarinho que saiu da gaiola, dizia ele. Mal suspeitava eu que saíra apenas para dentro de um quarto cheio de espelhos, que me fazia supor estar entre as árvores e o céu aberto mas se limitava a me prender, num vertiginoso jogo de ilusões que se repetiam ao infinito.

Fui à igreja, confiei a Deus todas as minhas amarguras, na esperança de que Sua vontade um dia explicaria tudo, se assim o desejasse. Trouxe comigo a certeza de que a separação era indispensável. Eu não poderia conviver com tão infamante suspeita. De regresso, ao limpar a bandeja na cozinha, derramei o café frio da xícara na cuia que servia de caneca ao papagaio. A ave tomou e morreu. A bebida que Santiago forçava pela goela abaixo de nosso filho estava envenenada. Mais uma vez dissimulado, Santiago não quis que soubessem de nossa separação. Preferiu fazer algo diverso. Embarcamos num paquete como se fôramos de passeio para a Europa, numa viagem em que meus tormentos só não acabaram comigo de uma vez porque eu sabia que tinha que me fazer forte, pelo meu filho. Era

meu único consolo.

A bordo, conhecemos uma professora do Rio Grande, de quem me fiz amiga. Chamava-se Eugênia. Acabou vindo conosco para a Suíça e, depois que Santiago tornou ao Brasil, ficou ensinando a língua materna a meu filho e me fazendo companhia. Gostarias de conhecê-la, Sancha. Conversaríamos muito, as três. Sendo uma pessoa que desde cedo teve que trabalhar arduamente para ganhar seu sustento, Eugênia tinha um entendimento diferente das cousas do mundo, que me foi de muita valia.

Ao cabo de alguns meses, convenci-me de que Santiago só podia estar doente, para ter imaginado uma cousa daquelas. Talvez algum dia pudesse curar-se daquela enfermidade. E entendi que meu filho seria mais feliz se soubesse que seu pai o queria. No afã de tentar assegurar ao menos um pouco dessa afeição, comecei a escrever cartas a Santiago. Respondia-me com brevidade e sequidão. Eu procurava mostrar-me cordata, até submissa, afetuosa — por vezes até me permitia revelar-me sinceramente saudosa. Mas de nada adiantou. Por uma antiga vizinha de nossa casa na Glória, que encontrei casualmente em Lausanne, soube que Santiago vinha algumas vezes à Europa e voltava com notícias minhas, como se acabasse de viver comigo. Mas a verdade é que nunca me procurou. Mais uma dissimulação, entre tantas...

Decidi também simular. Já que estava mesmo vivendo uma nova vida, decretei para mim mesma a morte daquela moça alegre e feliz que gostava de bailes no Rio de Janeiro e levava uma vida tão mais leve. Abandonei meu apelido de menina e passei a me apresentar como Lina, usando a outra metade de meu nome. Mas sou Lina apenas para os poucos amigos íntimos. Todos me conhecem mesmo é como Madame Santiago. Com a ajuda de Eugênia, encontrei um posto de trabalho numa pensão para estrangeiros. De início, como ajudante de cozinha, depois como camareira. Aos poucos, passei a governanta. Era uma solução que garantia casa e comida para mim e o menino, permitindo-me que não tocasse no dinheiro que Santiago ocasionalmente enviava. Deixava-o como garantia para imprevistos. Dos meus próprios ganhos, custeava a educação de meu filho.

Quando ele completou os estudos, quis muito voltar ao Brasil e ver o pai. Eu não tinha como impedi-lo, nem podia contar-lhe os verdadeiros motivos da separação. Além do mais, confesso que tinha alguma esperança de que esse encontro servisse para que Santiago reconhecesse como fora injusto com ele. Com o passar dos anos, as semelhanças de meu filho com

teu marido tinham se atenuado enormemente. Bastava ver como o rapaz era bem mais baixo, menos cheio de corpo, e como todas as suas cores eram diversas, vivas.

De minha parte, porém, eu não desejava mais contato algum com Santiago. Para mim, estava morto. Como eu para ele. Impus, então, uma condição para que meu filho retornasse ao Brasil. Primeiro, ele escreveria ao pai, contando que eu estava morta e enterrada. Não faria mesmo diferença para ninguém, já que eu não tinha mais família e havia anos não trocava notícias contigo, minha única amiga. Ninguém sofreria com essa mentira. Em seguida, ele embarcaria para o Brasil, trajando luto, e procuraria o pai.

Assim foi feito. Não sei como se passou o encontro, meu filho em suas cartas não me contou miudezas. Mas deve ter sido bom, pois o pai concordou, ao cabo de alguns meses, em pagar-lhe uma expedição arqueológica à Grécia, ao Egito e à Palestina, em companhia de dous amigos da universidade. Quando a viagem científica terminasse, ele viria à Suíça encontrar-me. Nunca veio. Restava-me passar pela dor suprema em minha vida de tantas dores: a febre tifoide o levou. Enterraram-no na Terra Santa. Os amigos depois vieram visitar-me, trazendo um desenho da sepultura. Foi um cruel imprevisto contra o qual nada pôde fazer aquela quantia que eu reservara para enfrentar vicissitudes inesperadas.

Por essa época, a dona da pensão resolveu retirar-se dos negócios. Eugênia achou que seria de bom alvitre que eu utilizasse o que poupara e mais o dinheiro reservado para garantir a continuidade de meu sustento e me preparasse para poder ter uma certa tranquilidade na velhice. Fez-me ver, também, que um desafio novo nesse momento me ajudaria a levantar-me do desespero em que estava mergulhada com a morte de meu filho. Sentia-me como um fantasma, pairando na irrealidade, roubada de meu futuro, amputada de meu passado, sem vínculos com meu país, minha cidade, minha gente, desprovida até de meu próprio nome. Deixando-me guiar pelos conselhos de Eugênia, comprei então a pensão, onde venho trabalhando até este final dos dias desta minha segunda vida. Foi uma boa decisão, que me forneceu os meios de sobreviver materialmente e muito fez por mim ao me impor a necessidade de ocupar-me com um mundo exterior a meus tormentos.

Inúmeras vezes me lembro de ti e sinto falta de tua presença amiga. Rezo por ti com frequência, pedindo a Deus que tenhas igualmente podido

ter uma nova vida com menos infortúnios, e que a lembrança dos dias da juventude te ajude na velhice. Que estejas bem, minha amiga, e que nos encontremos no Senhor. E que Ele tenha piedade de uma mulher que, se um dia teve a audácia de crer que poderia se valer da reflexão e das ideias para convencer um rapaz a ir contra as ordens da mãe, os planos da família e desrespeitar uma promessa feita a Deus, fê-lo apenas por amor, seguindo os ditames de seu coração, e na esperança de ser feliz.

Tua
Maria Capitolina

Bia leu a carta alternando impulsos de voracidade — que a faziam saltar pedaços — com momentos de incredulidade — que a interrompiam, de olhar suspenso, imersa na memória de onde brotavam os tênues fios que aos poucos vinham à tona. Alimentavam suspeitas que ela não ousava admitir, levavam a deduções que considerava absurdas e impossíveis. Ao terminar, diante da assinatura que confirmava o que nem se atrevera a desconfiar com clareza, não conteve uma exclamação solitária:

— Capitu?! Meu Deus!

E em seguida:

— Lina é Capitu? Não acredito! Não é possível!

Imediatamente, completou para si mesma:

“Mas faz o maior sentido, claro. E eu já devia ter percebido.”

Logo se corrigiu:

“Mas como é que eu podia desconfiar? Ela não existe... É só um personagem inventado... Todos eles são inventados, pura ficção.”

Ficção ou não, estava em suas mãos a carta. Contava tanta coisa que Bia já sabia, que lera e relera ao longo da vida mas esquecera ou bloqueara, e nem conseguira ligar aos fatos que fora reencontrando desde outro ponto de vista, narrados no caderno de receitas de Lina. Agora, acabara de ler as páginas que o acompanhavam. Carta assinada por Maria Capitolina. Conhecida na pensão suíça como madame Santiago. De Pádua, em solteira, claro, já que era a filha do Pádua que morava na casa ao lado da de Bentinho, da família Santiago, moradora da rua de Matacavalos. Porque agora ficara evidente que era Bentinho aquele namoradinho B., mencionado nas anotações da menina. O Bentinho seminarista com quem a jovem Capitu acabara se casando. O homem que, no fim da vida, chamando a si mesmo de Dom Casmurro, brilhantemente a condenara aos olhos dos leitores pela pena de Machado de Assis.

Não podia ser verdade. Mas era.

Ali estava, inegável, a fotocópia da carta, com a mesma caligrafia que Bia já conhecia das receitas e dos comentários: as letras inclinadas para a direita, traçadas por uma pena que ia sendo molhada num tinteiro, e que tantas vezes, em tantos anos, deslizara sobre folhas e folhas, conduzida pela mesma mão que recortara cuidadosamente a palavra, que agora Bia finalmente reconstituía em sua consciência — o nome "Capitu" —, de dentro da moldura de flores em aquarela na página de rosto do caderno de capa dura. Para não ser identificada, óbvio. Afinal, era um apelido tão conhecido, vestígio de uma vida que ficara para trás e que a própria autora tratara de apresentar como encerrada, enterrada. Pois neste instante, sarça ardente, ali estava a prova viva diante dos olhos de Bia. Tão palpável quanto as mãos trêmulas que nesse momento seguravam o papel. Tão real quanto seu coração que disparava, as lágrimas que lhe turvavam a visão, o nó que sentia na garganta.

Impossível saber quanto tempo Bia ficou em silêncio, entre perplexa e iluminada pela revelação, quase imóvel no sofá. Dentro de sua cabeça os pensamentos giravam em turbilhão, tentando relembrar, deduzir, confirmar ou refutar. A noite veio aos poucos se esgueirando. O ar ficou mais fresco com as sombras. O som do tráfego constante chegava da outra quadra, sublinhando o horário da volta do trabalho. Nada disso foi capaz de fazer a moça despertar do que parecia um torpor mas era intensa atividade mental. Só quando o telefone tocou insistente e ela se levantou para atender quase no escuro, apenas à luz que vinha da rua, é que se deu conta de como já era tarde.

Ficou ainda muito mais tarde antes que conseguisse dormir. Já aí de luzes acesas, numa agitação quase febril, recostada na cama entre o exemplar de *Dom Casmurro* que pegara na estante e se pusera a reler e uma vasta papelada — as páginas com os registros do caderno espalhadas por toda parte, a cópia do manuscrito da carta, o bloquinho de rascunho em que ia anotando dúvidas e descobertas.

Levantou muito cedo. Graças a sua carteirinha de sócia, foi caminhar no Jardim Botânico antes mesmo que fosse aberto para o público. Na volta, depois de banho e café, ligou para Ana Lúcia na editora e comunicou sua descoberta. De início, a amiga também se recusou a acreditar:

— Mas não é possível, nunca ouvi falar nisso, ninguém escreveu sobre uma coisa dessas. É um romance, uma obra de ficção, todo mundo sabe. Nunca me passou pela cabeça que Capitu e Bentinho pudessem ter existido de verdade...

— Tanto quanto você e eu — confirmou Bia. — Está tudo no papel.

— Claro, eu sei, você está me dizendo... Só preciso é me acostumar com a ideia.

— Mas depois que a gente fica sabendo, tudo faz o maior sentido, você não acha? O caderno cortado, a interrupção dos registros a partir daquele ano... Até mesmo as duas receitas de pratos suíços no final...

— Claro, claro... — concordou Ana Lúcia. — Inclusive aquela sensação que a gente tinha o tempo todo enquanto estava lendo, de que conhecia a história e ela não podia acabar assim, que a mulher não se matava.

— Isso mesmo... Aquilo que eu vivia chamando de *déjà vu*... E que, afinal de contas, não era exatamente uma coisa já vista, mas já lida.

— Mas também não dava para desconfiar do resto, Bia. Sem a carta nós nunca íamos saber.

— Óbvio, isso tudo é surpresa. Que ela não se matava, tudo bem, Ana Lúcia, a gente até podia intuir. Mas que ela ia responder àquela situação com uma vida nova e ter a audácia de se parir de novo, isso era impensável.

Depois de desligar o telefone, Bia se lembrou de ter usado essa palavra. A mesma *impensável* sobre a qual tinha conversado com Virgílio havia poucas semanas, parecia que tantos meses antes. Não há impensável, concluiu. Há só quem abdique do prazer de pensar, como se fugisse de um trabalho árduo. Coisa até compreensível, diante da oferta de ideias feitas despejadas sobre as cabeças pela força da indústria de comunicação de massa. Fácil fartura.

Mas ela ficou pensando. E quis pensar mais, muito mais. Para isso, precisava de tempo e silêncio.

Resolveu fazer uma maleta e subir para o Recanto. Levando também o livro, os papéis, o laptop. Se fosse o caso, ia se demorar por lá, e enviaria o próximo artigo do jornal pela internet. Era disso que estava precisando, um tempo sem limites na serra, entre as árvores, ouvindo o murmúrio constante do riacho que fizera com que algum antigo sitiante perdido no tempo batizasse o lugar como Recanto das Águas e, com isso, acabasse de encantar a ela e a Fabrício de uma vez por todas, quando andavam em busca de um terreninho na montanha.

Antes de sair, Bia tornou a ligar para Ana Lúcia, deu algumas instruções. Mandou-lhe por fax o texto da carta de Capitu — com aguda consciência do milagre tecnológico que aproximava de Ana Lúcia o que a antiga “menina do caderno” escrevera para sua amiga Sancha.

Nem se lembrou de avisar a Virgílio que ia sumir por uns dias. E antes de encerrar as atividades no computador de mesa, ao conferir a correspondência eletrônica, deu com um bilhete de Fabrício. Falava justamente no Recanto,

querendo saber se ela tinha subido recentemente, perguntando como estava o caseiro Valentim, se os cavalos estavam bem, se os últimos plantios feitos na horta estavam brotando. Pedia que ela, se pudesse, tratasse de dar uma certa assistência por lá e mandasse notícias, já que ele não estava conseguindo falar com Valentim, que, como sempre, quase não abria a casa quando ninguém ia lá, e não ouvia o telefone tocar se estivesse trabalhando no jardim ou na horta.

Coincidência ou sincronicidade, eles sempre funcionavam assim, na sintonia de pensamentos. Por tudo isso também, seria tão bom se Fabrício estivesse por perto, e Bia pudesse conversar com ele sobre o caderno da menina, a carta de Lina e todas as descobertas sobre Capitu que fervilhavam em seu espírito. Mas o fato é que não estava. E ela nem sabia se um dia estaria novamente. Cada vez mais teria que ir tratando de se acostumar com essa possibilidade.

Entretanto, com ele a seu lado ou sem ele, o prazer de pensar continuava. Bem como a certeza de que no Recanto se sentiria em casa.

Bia repetia para si mesma que não podia ter ficado tanto tempo sem ir lá, semanas e semanas com medo da dor que a saudade de Fabrício e a lembrança da rejeição poderiam acentuar quando se visse por lá sozinha, no terreno que pagaram juntos com sacrifício, no chão que limparam, na casa que ergueram tijolo a tijolo a partir de seus próprios desenhos sonhados, entre as plantas que semearam uma a uma.

Agora iria. Não só para um encontro com uma vaga menina do século anterior, ou para uma viagem intelectual por entre a Literatura e a História. Mas para um mergulho em si mesma, de onde pudesse sair mais adiante, de olhar voltado para os dias que ainda não tinham nascido. Com ou sem dor.

17

Valentim a recebeu em festa, ainda que um pouco preocupado com sua chegada inesperada. Desligou a máquina de cortar grama, correu para junto do automóvel. Na afobação, nem se lembrou de acabar de abrir o portão do jardim para o carro passar:

— Mas que bom que a senhora veio, dona Bia! De surpresa... E assim no meio da semana... Aconteceu alguma coisa? Não, então, tudo bem...

Curvando-se junto à janela da motorista, continuou falando animado:

— Eu estava mesmo pensando em telefonar para a senhora, dizer que a horta está linda, e perguntar o que é que a gente faz com tanta alface que ninguém dá conta...

E, finalmente, dando dois passos em direção ao portão, tornou a parar no caminho:

— Mas a senhora devia ter avisado que vinha, que era para a Conceição poder ter dado uma boa faxina na casa antes...

— Não se preocupe, ainda está cedo, a gente tem tempo de arrumar antes de anoitecer. E não está tão sujo assim.

— Claro, toda sexta-feira a gente dá uma boa limpeza, ajeita tudo e fica esperando. Mas bem que a Conceição disse que, sem o seu Fabrício, a senhora não ia se animar de vir.

Bia desconversou, se sentindo meio traidora, sabe-se lá por quê.

— Não, eu vinha sim, só que tenho andado muito ocupada, com muito trabalho... Mas vocês receberam o dinheiro do pagamento direitinho, não receberam?

— Claro — confirmou Valentim. — A senhora nem se preocupe com isso.

Depois que ela passou e o portão foi novamente fechado, o caseiro a ajudou a tirar do carro umas sacolas de mantimentos, trouxe lenha lá de fora para deixar junto à lareira se ela precisasse à noite, e saiu para buscar umas hortaliças frescas na horta.

Em seguida apareceu a mulher dele, trazendo uma cestinha com quatro ovos das galinhas do quintal e o oferecimento de ajudar na cozinha se Bia quisesse. A moça dispensou a ajuda, mas não dispensou uns bons quinze minutos de conversa, em que ficou sabendo de todas as novidades das redondezas: da vaca

do vizinho que parira dois bezerros, do filho daquele pessoal mais de cima que se metera numa briga feia na sinuca, da filha de dona Alemoa que ia casar, do velho Eliezer que bebera na venda até cair, se metera em confusão e acabou sendo levado para passar a noite na delegacia de São José. Depois, houve uma sessão conjunta, com a presença de Valentim, sobre as novidades do Recanto mesmo: uma casa de marimbondos que ele teve que queimar lá na árvore grande perto da cerca dos fundos, as lagartas que acabaram com o canteiro de couve-flor e ninguém conseguiu dar jeito, o buraco na cerca com o vizinho, os filhotes da cachorra que dera cria.

— Depois eu vou até lá ver — prometeu Bia. — E o Cacique?

— Está ótimo. A senhora quer que eu sele para dar uma volta?

— Hoje, não. Mas amanhã de manhã vou sair a cavalo por aí.

— Nele mesmo ou no Moreno? Agora que seu Fabrício não está aí, a senhora pode escolher.

Ela sorriu e escolheu:

— No Cacique mesmo. Outro dia eu vou no Moreno. E até esqueci de dizer: o Fabrício mandou lembranças, perguntou pela horta, pelo pomar...

— Como é que ele vai? Está gostando da viagem?

— Está bem, trabalhando, aproveitando muito... — respondeu Bia.

Driblou o aperto no peito e acrescentou:

— Qualquer hora dessas a gente liga para ele e vocês conversam.

Quando finalmente ficou sozinha, com tudo arrumado e guardado em seu lugar, fez um chá, serviu-se numa caneca, abriu um pacote de biscoitos que comprara no caminho, derramou alguns numa tigelinha em tons mediterrâneos que ela e Fabrício tinham escolhido juntos numa cerâmica da vizinhança. Pôs tudo numa bandeja e foi se sentar na varanda.

Corpo relaxado na cadeirona larga de cana-da-índia, pernas esticadas sobre um banquinho à sua frente, canto de passarinhos nos ouvidos contra o fundo sonoro do riachinho saltitante nas pedras. Tudo fazia Bia se sentir serena. Palavra que nem se usa mais hoje em dia. Talvez por ter saído de moda, talvez pelo próprio conceito de serenidade não ser mais desejável numa época que prefere cultuar rapidez, agitação, eficiência e “tempo real” — expressão que fez Bia sorrir ironicamente, pensando que tantas vezes serve é para instaurar a virtualidade e mascarar o real tempo de cada um, da mesma forma que “ao vivo” tenta insinuar que há mais vida numa imagem na tela do que no mundo palpável ao alcance de quem a vê.

Mas ela estava era serena, em paz. Imersa em vida. Alimentada pelos olhos

com a beleza das montanhas cobertas de mata, a variedade de verdes salpicados de flores debaixo do azul lavado do céu. Aquecida por aquele chazinho saboroso e perfumado, na caneca de onde subia um vapor dançante que se dispersava no ar fresco da serra, entre o aroma de cedros e eucaliptos, de grama recém-cortada e de achas de candeia. Uma mulher chegando em casa, fêmea no ninho, bicho na toca. Como podia ter passado tanto tempo sem vir?

Mas agora viera. Sentira vontade, dirigira hora e meia por uma estrada, procurava o Recanto para pensar. Eventualmente até para trabalhar de alguma forma, sobre o caderno de Lina, a história de Capitu. Mas se esquecera disso ao chegar. Limitava-se a estar em seu chão e a se sentir bem. Mais tarde pensaria. Agora simplesmente fruía. No máximo, lembrava e sonhava. A esmo, apenas passeando despreocupada pela memória e pelo sonho, à toa, como se cruzasse pequenas pontes que a levavam do instante presente a ecos do passado e a vislumbres de futuro com Fabrício. Artes do lugar que fizeram juntos e de onde ele agora estava longe. Mas nesse momento nem doía. Era só bom. À vontade. Em casa. Confortável na própria pele.

Sem sair do lugar, Bia ia conferindo com o olhar o jardim mais imediato, próximo à varanda. A trepadeira crescida, os canteiros pujantes, a brotação nova das roseiras podadas. Da última vez que as vira, estavam reduzidas a uma série de cotocos espinhentos e secos espetados no chão. Agora pipocavam em folhas novas, ainda vermelhas, algumas já se abrindo em verde. Uma ou outra roseira, ainda mais rara, já insinuava botões para a floração próxima. Bia lembrou uma viagem que fizera pelos vinhedos da Toscana. Colinas e colinas de parreirais nus, só na essência dos troncos curtos enfileirados, cortados rente, ao longo de linhas de arame descarnado — meses depois os fios desapareceriam sob o peso de ramos e racimos, vinhas e gavinhas, bíblicas folhas e eucarísticos frutos pendentes em cachos pesados, a se inchar de sol e açúcar. Mas agora no Recanto, de repente, contemplando o canteiro de rosas, ela via outro sentido na aparente mutilação daqueles tocos podados. Davam-se à sua decifração como se fossem uma bússola para humanos, mostrando que de vez em quando é preciso cortar sem dó para que a seiva não se disperse e possa se concentrar toda no rumo do que é essencial. Ousar uma perda efêmera para garantir a fartura da safra ainda guardada mais adiante. Ter a audácia de apostar no recôndito e na sua força, contra todas as evidências da superfície visível, com seu viço momentâneo e sedutor.

Animada por essa ideia, levantou-se para examinar de perto os pequenos botões. Depois, seguiu caminhando pelo meio das outras plantas. Abençoou a

touceira compacta das helicônias e outras musas, tão pujante, com sua elegante escalada rubra, flores em degraus a transportar aves-do-paraíso para um reles bananal. Encantada, acolheu narinas adentro a perfumada invasão dos buquês de jasmim-manga, no arbusto que pela primeira vez desde o plantio se oferecia tão dadivosamente carregado. Celebrou a moita de capuchinhas derramadas do alto do barranco, numa festa de laranjas, amarelos e vermelhos entre o verde redondo das folhas, atraindo abelhas, alegrando o mato, prometendo um incomparável azedinho na salada fresca.

Cada planta era uma história que ela sabia ler. Não apenas plantada na terra, mas na memória. Cada caminho era uma melodia que sabia assoviar. E cada história e cada melodia contavam e cantavam a construção e a permanência, o tempo e a paciência.

Bia se surpreendeu com essa música que a serenidade a fazia cantar, essa leitura que a paz lhe soprava. Durante tantas semanas evitara ir ao Recanto, tentando se proteger e não ser assombrada pelos fantasmas da saudade de Fabrício. Agora que lá estava, não esbarrava em esqueletos, mas em fundações e argamassa, raízes e sementes.

Tudo, de certo modo, ao contrário da vida de viagens e variedades que escolhera levar. Com seu eterno encanto, nascido do desenraizamento e do voo, sem plantar nem ajudar a crescer, seguindo apenas o impulso momentâneo do coração, flutuando no vento que soprasse, com a força e a direção que ele ditasse.

Sabia que seu fascínio pelas viagens obedecia a uma exigência íntima fundamental, próxima do que o pai chamava de sua “alma de cigana”. À alegria de ser apenas o corpo e o espírito presentes ali, naquele momento. Sem história e sem família, sem nome e sem passado, sem ocupar cargo, sem imagem a zelar, sem dever a cumprir. Humilde e disponível. Aberta para as delícias sutis, os encontros insuspeitados, os prazeres da diferença. Não trocaria isso por nada.

Daí sua surpresa, nessa chegada ao Recanto, ao constatar que era capaz de também sentir um intenso gozo no reencontro com o já conhecido. Algo vindo do lugar e não da eventual companhia de Fabrício. Prazer de estar em casa, aninhada naquilo que tecera fio a fio, à sombra do que plantara. Certeza de que a delícia da variedade entrevista e entrevivida pelo vasto mundo não é incompatível com aquele jardim que continuava crescendo, as árvores que passavam a dar sombra e florescer, a hera que ia buscar no fundo da terra os elementos do alimento.

Ainda há pouco, se lembrara da viagem a Toscana. Agora lhe vinham à

memória algumas presenças daquelas semanas. Uma velha senhora elegante, de pérolas e chapéu, que a convidara para dividir uma garrafa de vinho numa mesa tosca à beira da estrada. Um estudante divertido e brincalhão que entrara em sua cabine de trem e acabara lhe deixando um livro já lido. Um médico fascinante que pernoitara na mesma pensão em San Gimigniano e com quem acabara partilhando a mesa, a cama e o aluguel de um carro para se aventurarem pelos vinhedos e aldeias menos evidentes. Um menino de cabelo liso e olhos espertos, a quem deram uma carona e de quem ouviram em cinco minutos uma detalhada história de como a irmã se perdera na vida. Um taverneiro a quem pedira uma porção de azeitonas e que, diante da resposta “todas” à pergunta “de que tipo?”, simplesmente colocou dezesseis escolhas em travessinhas sobre o balcão, trouxe dois copos de vinho e, encantado com o banquete que compartia com prazer, se recusou a cobrar um centavo. Um camponês velhinho e desdentado que se oferecera para levá-la até um mosteiro próximo na sua *macchina,* para que ela não perdesse o horário da visita — e, em vez de aparecer no imaginado caminhãozinho chacoalhante, surgira do fundo do celeiro com uma possante moto, com a qual se precipitaram em incrível velocidade por curvas e colinas, num *cross-country* improvisado que lhe garantiu chegar a tempo e desfrutar a visão de alguns dos mais belos afrescos jamais pintados. Gente que nunca mais encontraria mas enchera de graça seus dias e noites toscanos.

De nenhum deles queria abrir mão. Mas nenhum substituiria Fabrício.

Da mesma forma jamais poderia se sentir feliz se não soubesse que ia estar sempre viajando. Mas nunca seria plena se não pudesse voltar sempre para um canto que a acolhesse, um território animal que fosse seu, um chão que pudesse lhe injetar vida quando o pisasse descalça, a caminhar entre sons, visões e odores que costuravam a sua memória. Não podia viver no exílio. Mas não podia transformar casa em cárcere.

Até aí, nenhuma novidade. Bia não estava tendo nenhuma revelação súbita ao perceber isso. Estava, isto sim, tendo uma sensação nítida e intensa de como essa dualidade era verdadeira e fundamental. De como se recusava a ter que optar entre uma coisa e outra. Percebia com agudeza como os dois lados se entrelaçavam no fundo de si mesma, impregnados em cada célula.

Viera ao Recanto com outro objetivo. Queria pensar sobre a descoberta recente, ler, arrumar as ideias sobre Capitu.

Mas só conseguia sentir como era bom estar ali.

Não contava com isso e não sabia o que pensar.

Tinha tempo, porém. Não precisava concluir nada. Podia se permitir essa

visita aos reinos silenciosos de que fala Virginia Woolf, no “isolamento perfeito que sempre foi essencial ao poder de produzir alguma coisa”, celebrado por Hawthorne.

Apenas cansou o corpo e fruiu o instante. Foi ver os cachorrinhos recém-nascidos, deu uma chegada até o pequeno piquete da várzea onde os dois cavalos pastavam. Levou-lhes espigas de milho para que comessem, os beiços grossos salpicados de pelos aflorando de leve sua mão, enquanto se arreganhavam sobre dentes enormes e fortes ocupados em triturar os grãos, numa mistura de brutalidade e delicadeza que a emocionava, banhada de calor animal e cheiro bom de cavalo. Caminhou entre as recentes plantações do pomar, mudas ainda muito tíbias para que se soubesse o que ia vingar ou não. Foi até a horta, admirou o resultado do trabalho de Valentim. Voltou para casa, mudou de roupa, desceu para tomar um banho no riacho. No remanso do pequeno poço formado abaixo das pedras, deixou-se purificar pela água fria. Deitou no colo do rio ou das entidades que há séculos nele moram. Esquecida de tudo, perdeu a noção do tempo.

Quando sentiu frio e fome, foi cuidar do corpo. Só depois de se vestir e comer, já deitada na rede da varanda, é que percebeu como passara o dia inteiro lembrando de Fabrício apenas com alegria e carinho, sem sentir dor. Teve um impulso de dizer isso a ele. Não num telefonema rápido, efêmero como um encontro fortuito e fugaz. Mas com a permanência da palavra escrita, plantada e enraizada para durar. Tecida no tempo que estava agora sentindo em si, um tempo vindo de antes e caminhando para depois, vertical, profundo, não apenas feito de simultaneidades laterais, multiplicadas ao infinito e entrecortadas como um videoclipe.

Ficou mais de uma hora dedilhando o teclado do laptop. Deixou-se levar pelas palavras sem fazer força, flutuando, natural e despreocupada, como se a correnteza a carregasse e ela nem se importasse porque sabia que ia dar em bom porto. Não se limitou a contar a Fabrício todas as novidades locais, de plantas e bichos. Dividiu com ele essas sensações que estava tendo no Recanto, os sentimentos que vinham de dentro. Ao falar do jardim, evocou o quanto tinham trabalhado nele para que ficasse tão belo — mesmo que suas frases não recordassem cada etapa separadamente, a leitura dele não era capaz de esquecer o que cada palmo de chão custara aos dois. Na limpeza, no preparo da terra, no plantio, no adubo, na rega, na poda, na luta com formigas ou lagartas, no remédio contra a ferrugem que atacava as folhas, na ventania, na seca, na chuvarada, no cavalo que pisou o canteiro, no cachorro novo que arrancou as

mudas, no caseiro beberrão que abandonou tudo durante semanas... Uma trabalheira constante, uma construção tão vulnerável. Tudo sempre frágil, nada final nem indestrutível. Tocado para a frente apenas pela certeza de que valia a pena imaginar um futuro, sonhar uma floração. Essa esperança é que fazia toda a diferença. Tinha sentido. Era justa. Esperança, aquele “sutil glutão” de que fala Emily Dickinson, que só se alimenta do que é justo, mas consegue sobreviver a jejuns inimagináveis.

Nada disso estava explícito no que Bia escreveu. Mas a saudade de Fabrício estava. E mais o carinho, a ternura que sentia por ele, misturados com uma certa tristeza por perceber que estavam se afastando cada vez mais. Depois, computador ligado ao telefone, mandou a mensagem para que ele lesse mais adiante, em algum momento, em outro hemisfério. Estava contente por ter conseguido se expressar. Desligou o laptop, foi até a cozinha fazer uma sopa.

O dia acabou chegando ao fim sem que ela tornasse a se aproximar de Capitu. Mas não tinha pressa. Sentia que ia ficar ainda um bom tempo no Recanto.

18

Quando Bia acordou, ainda estava escuro e durante alguns segundos ela não chegou a localizar exatamente onde estava. Mas o gorjeio dos primeiros passarinhos sobre o fundo cantante da água nas pedras do riacho logo lhe confirmou que estava no Recanto. Não precisava ter despertado tão cedo. Mas também, dormira antes das dez da noite...

Ficou algum tempo deitada, meio preguiçosa. Depois levantou, abriu as portas para a varanda e a paisagem, fez café, deixou-se aos poucos impregnar pelo alvoroço discreto do dia que começava. Passou a manhã em intensa atividade física. Caminhou pela estradinha, saiu a cavalo, mexeu no jardim, tomou banho no riacho. Voltou faminta, para uma salada e um delicioso e rápido *stir-fry* de verduras temperadas com ervas e semente de gergelim.

Só depois do almoço, deitada na rede, é que finalmente tornou a pegar a papelada da Capitu, as anotações que fizera, o livro do velho Machado. Mais uma vez, era dominada pela incredulidade. Racionalmente, porém, constatava que era verdade. Sempre imaginara aqueles personagens apenas como seres inventados. Agora descobria que um deles, pelo menos, tivera existência real. Mais de um, claro. Sancha também: afinal era a destinatária da carta e do caderno de receitas. E, evidentemente, Bentinho também existira, as famílias Pádua e Santiago foram vizinhas um dia e uniram seus filhos em matrimônio. Não havia como negar. Nem por quê.

Essa certeza abria as portas da curiosidade. Tinha que saber mais. Tornar a falar com dona Lourdes, talvez ir atrás dos tais parentes de Sancha no Paraná, de outras memórias da própria família Pádua, procurar documentos de antepassados, dar busca em cartórios, pesquisar em arquivos algum vestígio da atuação do bacharel dr. Santiago. Capitu e Bentinho, ambos filhos únicos, não tiveram outros filhos além de Ezequiel. Este, por sua vez, morrera e fora enterrado na Palestina, até onde se sabia sem deixar descendentes. Por essa linha, não sobrava ninguém. Talvez algum primo? Alguém haveria, tanto que Virgílio e seus irmãos ali estavam, guardando até o sobrenome. Uma pesquisa deveria necessariamente passar por esse caminho.

Outro rumo seria mergulhar numa investigação das fontes de Machado de Assis ao se decidir a escrever essa história. De onde teria vindo a ideia de

retratar as famílias da rua de Matacavalos, sem nem ao menos se dar ao trabalho de disfarçá-las com outros nomes? Teria o romancista conhecido o doutor Bento Santiago quando este, já no Engenho Novo, entrado em anos, queria “atar as duas pontas da vida”? Ou a história lhe teria chegado indiretamente por meio de algum amigo em comum? Seria possível que os dois tivessem estado juntos, conversado frente a frente? De quem era a palavra masculina que acusava Capitu no romance? De quem a outra, que não conseguia evitar seu fascínio diante de uma mulher daquelas? Seria a ambiguidade de *Dom Casmurro* um sintoma da existência de uma dupla de homens a narrar em conjunto? Mas a voz, sem dúvida, era uma só, e magistral, a do velho bruxo do Cosme Velho. Bruxo, bruxo. Autor de sortilégios e encantamentos. Mais enfeitiçada que nunca, Bia confirmava como era justo que Machado de Assis tivesse ficado na nossa história literária com esse apelido.

Uma terceira estrada abria-se ainda diante de Bia, convocando-a a novas viagens. Talvez pudesse ir à Suíça, procurar em Vevey os vestígios da passagem dessa brasileira que por lá viveu tantos anos, trabalhou, foi dona de pensão. Por mais que ela tivesse vivido reclusa e isolada, não se limitara a ficar trancada em casa, bordando com a linha da solidão ou cozinhando com o sal da revolta, mas era inegável que se inserira na vida do lugar. Haveria registros em documentos de hospitais, paróquias, cemitério, prefeitura? E a gaúcha Eugênia, companheira de viagem e professora de Ezequiel, transformada em amiga? Quem seria? Que vestígios reveladores teria também deixado em cartas e outros papéis? Será que essa procura ia ser muito difícil? Teria havido muitas pensões em Vevey na virada do século ou apenas algumas?

Por onde começar? As possibilidades eram infinitas. Irradiavam-se para longe como os fios de uma teia — e como eles, se abriam em inúmeros desvios. Ou melhor: dinâmicas, vinham em ondas sucessivas, mal dando tempo para alguém recuperar o fôlego entre elas. Bia, porém, queria saltar e vencer cada uma, expandir-se e crescer com seu impulso ascendente, recolher-se e relaxar nos intervalos de remanso. Mais que isso, porém: desejava um movimento consciente, ser capaz de controlar a própria força. Não apenas ser levada. Autora de sua própria narrativa, corrigia a imagem que acabara de criar: não queria somente uma sucessão de ondas se quebrando na arrebentação junto à praia. Podia até ser que fosse esse o padrão geral do movimento cíclico, mas precisava de mais controle sobre ele. Talvez conseguisse vê-lo desde o lado oposto, não como vagalhão que ameaça tragar, mas como ressaca que impulsiona com força em direção ao objetivo que se pretende. Nesse caso, poderia escolher a onda

desejada e nela descer como um surfista, paredão de iminência às costas, velocidade acelerada. Livre como os pensamentos, os sonhos, o sono que vem chegando ou já chegou.

Não foi, porém, um sono comprido. Na verdade, apenas um cochilo. Daí a pouco o vento foi balançando de leve as folhas das árvores, sacudindo a varanda de crochê da rede, trazendo um leve arrepio aos braços nus. Bia levantou-se, foi lá dentro e pegou no gavetão um velho xale da mãe, feito à mão pela avó. Gostava de se enrolar nele. Guardava um calor feminino ancestral. Proteção e permanência. Ninho, mais uma vez.

Caminhou em volta da casa, vendo a ventania chegar, cada vez mais forte. Arrancava folhas, agitava galhos, curvava as árvores mais flexíveis. As mais rígidas resistiam, fortes. Mas se o vento aumentasse muito, virasse um daqueles vendavais tropicais que às vezes chegavam até ali, essa resistência podia se converter em fraqueza, e a rigidez talvez trouxesse a morte. As árvores que não se curvavam seriam arrancadas, enquanto o bambu seria soprado até o chão mas depois se levantaria de novo, invencível. E outras folhas nasceriam.

Entrando em casa, Bia foi olhar as horas no relógio digital, percebeu que estava faltando luz. Devia ter caído um galho sobre a fiação em algum lugar. Só ali? Se fosse geral, daí a algum tempo consertariam. Se fosse apenas no Recanto, ela é que teria que tomar providências, falar com Valentim para saírem procurando a causa. Mas só mais tarde. Agora era preciso ficar em casa, que ia despencar uma chuvarada. Procurou velas, deixou lanterna à mão para quando escurecesse. E adiou a ideia de verificar se havia e-mail de Fabrício.

Mas ficou pensando nele. Talvez seus caminhos nunca mais corressem paralelos. E ela ia sentir muita saudade.

Tinham sido excelentes companheiros de jornada. Desde o começo. Lembrava da primeira viagem que fizeram juntos, poucas semanas depois de se conhecerem. Foram de carro ao Nordeste, durante quase dois meses, aproveitando férias acumuladas. Prova de fogo. Depois disso, ou um dos dois não aguentaria mais olhar para a cara do outro ou se conheceriam o suficiente para seguirem lado a lado enquanto quisessem.

Foi uma viagem muito especial, sem nada da lua de mel típica, mas com um poder fundador extraordinário. Podia servir como metáfora ou trailer de uma vida a dois. Saíram de carro pela estrada, sem mapa e sem planos, sem horário e sem patrão, escolhendo em cada encruzilhada o caminho que queriam. No meio do sertão, numa cidadezinha de rua única, sob um sol de rachar, compraram mangas e abacates, e ele puxou do bolso um canivete supercompleto que abria

todos os caminhos até sumos e polpas de delícias. Em plena noite da caatinga, rodando pelo leito de um rio seco, de repente ele parou, desligou o motor do carro, e a presenteou com a mais incrível sinfonia de sapos que já ouvira, coaxando em todas as notas, timbres e ritmos. Diante da entrada de Salvador, se entreolharam, ele disse que não estava querendo cidade grande, ela concordou, contornaram a capital e seguiram adiante, sem olhar para trás. Num hotelzinho de beira de estrada, depois de horas dirigindo, tomaram um banho e se preparavam para dormir — mas havia calangos espreitando de dentro da cerâmica vazada da ventilação. Ele percebeu o olhar inquieto dela com medo dos lagartinhos, não hesitou em propor que imediatamente pegassem as malas e seguissem em frente, sem saber nem para onde nem a que distância. E Bia teve uma certeza para sempre: a de que Fabrício tomaria conta dela, jamais permitiria que algum mal lhe acontecesse. Sentiu que enquanto estivesse com aquele homem, provedor e protetor, estaria ao abrigo das ruindades do mundo. Diferente de todos os outros amores que tivera, antes ou depois, esse a transformava, ao mesmo tempo que lhe dava a certeza de que também ela modificava Fabrício o tempo todo. E aprendera a desejar e apreciar essa transformação dupla e permanente, tecida nas miudezas do dia a dia. Sentia-se especialmente ligada a ele pela força de estarem sempre ambos se passando a limpo no quotidiano. Uma dinâmica tão poderosa que a fazia ter a audácia de enfrentar as pressões culturais do seu meio e de seu tempo, não se intimidar com slogans políticos e rótulos feministas, e, na certeza de preservar sua verdade interior, entregar-se àquele sentimento antiquado e primitivo, forte e animal, até então desconhecido para ela — afinal, era uma mulher de sua geração, autônoma, independente, esclarecida, capaz de lutar pela manutenção de tantas conquistas e pela abertura de novas portas, não devia ficar seduzida por aconchegos protetores que lhe insinuavam uma certa fragilidade. Mas não desejava resistir a uma emoção tão primordial como essa, que contra tudo e contra todos lhe dava a certeza de ter encontrado alguém que a transformava e se deixava transformar, numa invenção conjunta de algo até então inexistente. Um homem corajoso que topava o desafio de compartir experiências ainda sem nome.

No litoral de Alagoas, encantados com uma praia de amplas marés, alugaram por uns dias uma casinha e foram ficando. Numa tarde de domingo, ela deitou para ler na rede depois do almoço, Fabrício saiu para jogar bilhar com os pescadores locais. Voltou quando já estava escurecendo, convidou-a para irem de carro tomar sorvete num vilarejo próximo. Saíram dirigindo por entre as

plantações de cana, um mar verde ondulando com o vento. Escureceu, o céu se encheu de estrelas, e nada de chegarem ao tal povoado. Quando ela já tinha certeza de que estavam perdidos, de repente o céu se encheu de cometas que subiam e se abriam em flores luminosas. Um inacreditável festival de fogos de artifício, em plena escuridão do canavial. Saíram do carro, ficaram de pescoço espichado para cima, deslumbrados e iluminados, banhados em magia.

À luz dos fogos, de repente, Bia percebeu o olhar de ternura com que Fabrício a vestia. E a satisfação dele, ao dizer: "É pra você. Gostou da surpresa?" Atônita, descobriu que ele soubera, no bilhar, que ia haver uma festa do padroeiro num vilarejo vizinho, de nome lindo, algo como Santo Antônio do Quitunde ou São Luís do Quitungo, e resolveu dar tudo de presente a Bia. Mas nem mesmo ele contava com os fogos, tantos, e tão perfeitamente programados daquela maneira. Embalagem do presente. Que, na verdade, consistia de uma procissão com muita cantoria, um pastoril com seus cordões azul e encarnado, uma cavalhada feita de tropel e exímios ginetes vestidos de couro, um animado forró com muita sanfona entre cortinas de chitão florido, uma banda de pífanos, uma roda-gigante e outros brinquedos de mafuá, um vendedor de algodão-doce artesanal que levava dez minutos para fazer uma nuvem de açúcar, muitas barraquinhas de comida e jogos que davam prendas, um serviço de alto-falantes que oferecia músicas. Famílias inteiras se divertindo. Crianças puxando brinquedos toscos. Entre eles, caminhõezinhos de madeira, com carrocerias enormes, muitas vezes usados para transportar as compras ou um bebê adormecido. Começaram a prestar atenção nessas peças, a descobrir o estilo de cada artesão que as fazia. Aos poucos foram percebendo que entre eles se destacava um artista, inconfundível — Zé Naldo, da Movelaria São José.

Foi assim que, no dia seguinte, lá estavam eles de volta à pracinha, procurando a oficina que homenageava o padroeiro dos carpinteiros, para comprarem um caminhãozinho daqueles. Só por encomenda, explicou o artesão, na verdade um menino de treze anos, de olhar sério e mãos experientes no trato com serra, formão e lixa. Pegariam na volta, daí a alguns dias. Tempo de sobra. Só que na data marcada, ainda tiveram que esperar, faltavam mais umas horas de trabalho. Horas que passaram na oficina, vendo o menino Zé Naldo completar sua obra, e ouvindo a conversa que explicava as razões do atraso. Ele gostava mesmo era de fazer caminhãozinho, no capricho, cada um era diferente do outro. Mas como era criança, era ele o encarregado dos caixões de anjinhos na movelaria. E só nos últimos dias tivera que fazer três, foi muito serviço junto, geralmente era só um ou dois por semana.

Na volta para o Rio, Fabrício resolveu começar a trabalhar com os meninos da favela do Vidigal, na vizinhança de seu apartamento no Tambá. E o caminhãozinho ficou em sua sala, com sua carroceria carregada de vasos de plantas, lembrete vivo de que a festança brasileira é alegre e maravilhosa, mas passa pelos caixões de anjinhos, crianças de fora da festa, enterradas em embalagens azuis feitas por um menino que gosta mesmo é de fazer brinquedo. Mais eloquente que qualquer discurso ou tratado.

Lembrando disso, Bia sentiu um nó na garganta. Tristeza pela injustiça, saudade do homem que não admitia que injustiça possa ser algo natural com que é preciso se acostumar a conviver.

Pelo ruído do motor da geladeira, ronronando havia algum tempo, sabia que a energia elétrica havia voltado e a escuridão em que estava era apenas porque não acendera as luzes. Bastava um gesto, e ela o fez.

Agora, sim, ia ver se havia resposta de Fabrício. Na própria saudade, ao lembrar de seu senso de justiça, deu-se conta de que nada havia a temer: Fabrício não era só verdadeiro, era justo. Se não a amasse mais, já teria dito. Portanto, como a amava, logo estariam juntos novamente. De alguma forma, na certa diferente. Ainda que precisassem escolher na encruzilhada qual dos caminhos iriam trilhar juntos, e seguir improvisando diante das dificuldades inesperadas. Sem mapa nem estradas já traçadas e fixadas no papel. Por terras e mares não percorridos pelas gerações anteriores, quando as mulheres tinham que casar, parir, criar filhos, esperar, e os homens precisavam prover para que nada lhes faltasse. Agora ambos iam ter que criar sua própria melodia para dançar conforme uma música ainda não composta.

Abriu o computador. O e-mail dele falava em saudades, em uma vontade de permanência que não se confundia com reles encontros passageiros. Não que ele usasse essas palavras exatamente, mas Bia entendeu: os novos encontros prosseguiam, mas ela era uma continuidade. Fabrício falava era de algumas lembranças muito concretas de momentos vividos, que lhe davam saudade: uma eventual mesa posta com toalha bordada e vaso de flores, um gesto dela passando Vick Vaporub em seu peito durante uma gripe. Mencionava um dia em que Bia saíra de madrugada para viajar, ele ouvira o clique da porta se fechando e levantara para dar um beijo de despedida, mas ela já tinha saído, e ele se sentiu mergulhado numa certa tristeza esquisita, sem ela, deixado para trás. Que só agora lembrava e contava.

Depois, fazia umas perguntas: será que Bia podia adiar a viagem à Turquia, programada para daí a duas semanas, e esperar por ele no Rio, quando voltasse?

Ou conseguir organizar sua agenda para incluir logo uma ida até a Califórnia para os dois se encontrarem? Andava com vontade de alugar um carro por lá e sair rodando com ela por vales e bosques, litoral e interior. Sentia saudades de sabê-la e saboreá-la a seu lado numa viagem, de navegadora, lendo mapas e placas, indicando caminhos, descobrindo belezas e rindo muito. Com mais ninguém conseguia viajar dessa maneira, sem rumo certo, ao deus-dará, com a certeza de que algum oculto deus dava. Generosamente.

Era uma tentação, o que o coração de Bia estava pedindo, e ela nem desconfiara. Já tinha pensado em adiar por alguns dias sua ida à Turquia, ou melhor, em passar pela Suíça antes de desembarcar em Istambul, com a ideia de explorar as descobertas que poderia fazer em Vevey antes de mergulhar nas maravilhas da Capadócia. Mas passar uns dias com Fabrício? Ideia boa demais. Porém a Califórnia ficava em outra direção. Não tinha um pretexto de trabalho para ir lá, que garantisse as despesas da viagem. Nem dinheiro para pagar do próprio bolso. Talvez pudesse, isso sim, adiar um pouco a data da partida e esperar no Rio a volta de Fabrício antes de embarcar. Ou ver se ele tinha condições de transformar sua passagem numa triangular e ir encontrá-la na Europa. Mas sabia que seria difícil.

Sabia, também, que o que realmente importava era a vontade. Também já estava acostumada. Nem sempre conseguiam estar juntos quando queriam. Cada um tinha sua própria vida. Por mais que o amasse e se fizesse disponível ao máximo para esse amor, Bia sabia que sua agenda não era escancarada para Fabrício, nem sempre tinha tempo e oportunidade infinitos. Era uma mulher com seu próprio projeto pessoal, que a entusiasmava e impedia sua dedicação irrestrita a uma pessoa. Uma fraqueza diante de possíveis rivais arreganhadas, contentes com seu autoapagamento. Mas também sua força latente, a lhe dar certeza de que só queria um homem que soubesse ver o que isso valia. E que soubesse apreciar os extremos a que podiam chegar sua dedicação íntima e sua disponibilidade emocional.

Elaborando mentalmente sua resposta a Fabrício, Bia tentava ponderar tudo isso. Dedilhava as teclas, apagava, se corrigia, mas aos poucos as linhas iam se formando. Alegria com o convite, vontade de aceitar. Problemas a equacionar, soluções que teriam que ser encontradas. Para explicar, começou a falar no caderno de Capitu, na ideia de ir procurar vestígios da passagem dela em Vevey. Não dava para entrar em muitos detalhes, mas sabia que ele entenderia. E ainda haveria a troca de muitas mensagens nos dias seguintes, para estudar as alternativas e combinar as circunstâncias do melhor encontro. Porque esse, sem

dúvida, já estava acertado.

Entretida em seu texto, Bia na certa levaria um susto se agora se virasse e nos visse assim tão perto, olhando para ela. Como escritora, sei como pode ser esterilizante esse olhar por cima do ombro enquanto as frases vão se formando na tela do monitor ou no papel em branco. Mas sem interrupções nem cortes, ela foi em frente e em pouco tempo deu por encerrada a correspondência. Antes de enviar, abriu também outros e-mails que chegaram, porque se precisassem de resposta ela poderia cuidar disso numa só operação.

Nada que exigisse providências urgentes. Muniz discutia algumas questões de *Ousadia,* lembrava que teriam outra reunião em breve — mas ela sabia que, à medida que a escrita da série ficava mais intensiva, cada vez menos ele queria ou admitia palpites. Outra mensagem era de Ana Lúcia, que queria saber se podia dar o número do telefone do Recanto a Virgílio, que insistia em conversar com ela, falava mesmo em ir até lá... Imagine, como se Bia fosse deixar que o espaço de Fabrício fosse invadido dessa maneira. O melhor era ligar para Virgílio e ver o que ele queria.

Além disso, Ana Lúcia contava que mostrara a carta de Capitu a Juliano e ele, em plena leitura dos livros de Henry James que Bia lhe emprestara, tinha surgido com a ideia de que a pensão dela bem podia ser uma daquelas em que se passavam algumas das histórias que estava lendo, ambientadas justamente por lá. Por que não?, perguntava Ana Lúcia. Se Capitu existiu de verdade, por que não também aqueles viajantes ingleses e americanos hospedados em pensões suíças?

Bia sentiu um calafrio. Onde é que isso ia parar? Se começasse a enveredar por esses caminhos, nunca ia ter fim. Quando viera para o Recanto e se dispusera a refletir sobre a situação da existência de Capitu, a pergunta que lhe viera foi "Por onde começar?". Uma questão crucial de todo texto, esmiuçada por Roland Barthes em brilhante artigo. Mas agora se deparava com outra, surgida na prática: ‘‘Até onde ir?" Para o próprio Henry James, essa sim era a pergunta fundamental que cada ficcionista tem que enfrentar:

> *A mais simples verdade sobre uma entidade humana, uma situação, uma relação, um aspecto da vida, por mais ínfima que seja, quando é levada a atrair a atenção encantada, cada vez faz mais força em nossa mão, com mais e mais intensidade, para justificar essa atenção. É como se lutasse para levar aos últimos limites ou consequências seu próprio significado ou suas inúmeras conexões. A cada passo que damos, ela resiste e luta, desafiando qualquer dedo em riste que queira adverti-la, forçando para se*

expressar de maneira completa e total.

Por isso, para ele, a arte da representação estaria na aceitação controlada desse fato, na administração econômica perfeita desse conflito — no respeito ao princípio explosivo e expansivo do material, compactado pela parcimônia capaz de podar sua fome de espaço, seus apetites e truques. Ou, como sabe um músico, a arte pode estar na improvisação livre que consegue não transbordar nem perder o tema, mas descobre a maneira perfeita de voltar sempre a ele.

Bia leu a sugestão de Juliano e não conseguiu deixar de se entusiasmar pela possibilidade. Machado de Assis e Henry James? Que belo par... Adoraria ir mais fundo nessa ideia. Já que estaria mesmo por alguns dias em Vevey, não custava nada dar uma verificada nos outros personagens, quem sabe o que não poderia descobrir?

Mas segurou-se. Era mais uma tentação a se somar à de ir ao encontro de Fabrício na Califórnia. E em algum momento Bia teria que segurar a dispersão capaz de arrastá-la indefinidamente. Buscar seu centro. Coisa essencial. Como estava constatando agora, fincada no Recanto por algum tempo entre tantas viagens. Como o movimento de Fabrício nesse instante, sentindo necessidade de confirmar sua ligação fundamental com ela.

Sempre ousara seguir tentações e convites, atender a chamados, multiplicar viagens. Sem abrir mão dessa capacidade, queria agora a coragem de ter a firmeza oposta e complementar — a de impor limites a si mesma, para poder ir mais fundo. O que implicava, mais uma vez, remar contra a corrente, já que a época empurra para a dispersão e aquele borboletear farfalhante e ligeiro que dura apenas o que duram as rosas do poeta — o espaço de um instante.

Bia respondeu em breves frases à consulta de Muniz, fez um bilhete para Ana Lúcia e enviou logo as três mensagens.

Sorrindo para si mesma, constatou que Juliano e a amiga continuavam se encontrando.

Na tarde que caía, serviu-se de um copo de vinho e, sentada na varanda, mentalmente fez um brinde, celebrando o trajeto que a levara até aquele instante:

— À petulância daquela menina, que teve o desplante de desafiar ordens maternas, planos familiares e a gula da Igreja por novos padres, até ganhar o namorado que seu coração escolhera. E depois de mulher feita, ainda teve a coragem de se arrancar a fórceps das próprias entranhas e nascer nova.

Cheirou o vinho, saboreou seu perfume, bebeu um pouco. Quis fazer dos próximos goles um novo brinde, agora a Ana Lúcia:

— Ao atrevimento dessa moça, que teve garra para enfrentar o noivo, driblar a ignorância e ficar firme, caminhando com os próprios pés para longe do seu gueto.

Correu os olhos em volta, pela linha de montanhas cujas sombras o entardecer encompridava no jardim. Debruçado sobre elas, um céu de ouro e fogo transformava em joia cintilante o final do vinho no copo erguido. Bia desejou muito que Fabrício estivesse ali a seu lado. Mas acreditava que o futuro ainda lhes traria outros momentos desses. Estaria sendo ridiculamente romântica a essa altura? Ideais de amor eterno no portão de entrada do século XXI? Riu de si mesma. E achou que não era nada disso. Via a si própria e a Fabrício com outras lentes. Um casal realista, com coragem de desafiar os modelos consumistas de uma sociedade de massa, que confunde amor com arrebatamentos hollywoodianos e prega o modelo das pessoas descartáveis. Um par de cúmplices, tentando não seguir a moda amorosa da época, mas inventar um padrão novo, em que fossem fiéis a si mesmos e leais um ao outro. Com um sentido de permanência que não se oferece nas vitrinas. Difícil, reconhecia. Mas possível, esperava.

Ergueu o copo com o final do vinho, brindando a si mesma:

— À audácia desta mulher, que ousa viver em campo aberto, correndo o risco da verdade. E acredita num amor latente e latejante. Implícito e vivo como um filho no ventre ou uma semente na terra.

Como um gene. Ou uma memória — brindamos nós com ela, erguendo esta taça de escrita e leitura, também cintilantes do pôr do sol ou do nascer do dia.

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Epígrafes
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18